

Há segredos que não se conseguem esconder
por muito tempo...



Enquanto a Lua muda

Romance

Sofia
Serrano


cultura

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Há segredos que não se conseguem esconder
por muito tempo...



Enquanto a Lua muda

Romance

Sofia
Serrano

cultura

“

Três coisas não podem ser escondidas por muito tempo: o Sol, a Lua e a verdade.

Buda

enquanto a lua muda

enquanto a lua muda

sofia serrano

© Sofia Serrano e Cultura Editora

Nota: Todas as personagens e histórias deste livro são ficção.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título: Enquanto a Lua Muda

Autora: Sofia Serrano

Revisão: Rita França Ferreira

Capa: Vera Braga

ISBN: 978-989-9039-60-5

1.ª edição em papel: julho de 2021

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

*Aos meus filhos, Mariana e Pedro.
Acreditem sempre que tudo é possível.*

*P*ercorreu a calçada apressadamente, deixando o som dos seus saltos altos ecoar na rua quase deserta. A maquilhagem impecável e o cabelo e roupa irrepreensíveis não deixavam transparecer a sua ansiedade. Sentia claramente o seu coração a bombear o sangue, carregado de adrenalina, pelas suas veias e artérias num ciclo interminável, enquanto se aproximava do velho prédio do fundo da rua. Respiração acelerada. Mãos a transpirar. A clássica reação do organismo humano a uma situação de stress, a que respondemos com um «lutar ou fugir». Pois bem, ela escolheria a primeira opção.

Tinha de encontrar a porta verde. A maioria das casas daquela zona estava abandonada, mas àquele prédio via-se frequentemente chegar gente. Madeira gasta, tinta a saltar. Uma porta dos fundos.

Assegurara-se de que àquela hora não haveria viva-lma. Ela tinha-lho garantido. Depois do telefonema daquela manhã, tudo ia ser diferente. Há tanto tempo que o esperava.

Entrou e subiu ao terceiro piso, onde cheirava a éter. Bateu à porta, como combinado, e o som pareceu-lhe fazer eco no seu peito. Não tocou à campainha, como indicava o letreiro rabiscado à mão em letra de escola primária. As mãos transpiravam. Ignorava qual seria a reação dele, mas depois lidaria com isso. Agora, o que importava era aquele momento. Respirou fundo para tentar controlar o bater descompassado do coração.

Ela apareceu, com o seu cabelo pintalgado de cinzento e o rosto vincado com algumas rugas, na sua expressão impenetrável habitual. Trazia um embrulho nos braços, um cuidado que contrastava com o seu semblante. Foi então que a viu pela primeira vez: pestanas finas, testa enrugada, lábios desenhados a pincel. Dormia tranquilamente. Não, não iria hesitar. Era o necessário. O que era preciso fazer.

Estendeu-lhe o grosso envelope que transportava, pegou na recém-nascida e desceu as escadas suavemente, de volta ao dia perfumado de primavera.

«Bem-vinda, minha querida filha. Temos muito para fazer antes de te apresentar ao mundo.»

Camila

Adorava o toque suave da pele de um bebé acabado de nascer. E o cheiro a cria, aquele odor que se libertava delicadamente da sua pequena cabecinha e que parecia ter sido fabricado de forma minuciosa, capaz de levar qualquer pessoa que estivesse por perto a apaixonar-se instantaneamente, a querer cuidar dele, protegê-lo. Saber que ela tinha ajudado naquele momento fantástico que era o parto deixava-a muito orgulhosa. Era o seu primeiro, sem a ajuda das mãos sábias da sua mentora que, no entanto, se tinha mantido sempre por perto, sentada tranquilamente numa escura cadeira num canto do quarto, onde tinham passado as últimas horas naquele processo de aguardar que uma pequena criatura se decidisse a nascer.

A velha parteira Graça era conhecida na aldeia por ter mãos de ouro. Na realidade, os seus dedos eram finos e ágeis e quem não a conhecesse apostaria que estava perante uma pianista. Faltava-lhe o ar boémio dos músicos e tinha já o cabelo raiado de branco, a comprovar todos aqueles anos em que saía de casa a qualquer hora para ajudar as grávidas. Com ela, todos os bebés nasciam bem, era o que se dizia em todo o lado. Era a sua forma de arte, esta dedicação a trazer vidas ao mundo. Por perto não havia hospital e o velho médico da aldeia tinha falecido há muito, nunca tendo chegado o seu substituto.

Graça acompanhava as mulheres da aldeia desde que descobriam o seu estado de graça — ou de desgraça, como dizia muitas vezes, mas sempre em tom de brincadeira. Insistia para que comessem fruta e legumes, que dizia serem ideais para partos fáceis e bebés fortes. Contava as luas e quase sempre adivinhava a altura em que as crianças decidiam vir ao mundo. Nunca tinha frequentado a escola e não sabia ler — tudo o que sabia tinha aprendido com o tempo e com a família. Os anos e a vida deram-lhe experiência.

«A Lua comanda a vida», dizia ela. Se era lua cheia, já se sabia que era uma noite de trabalho. Parecia que aquela bola brilhante no céu desencadeava trabalhos de parto, rompia bolsas e dava contrações. A lua nova era mais

traíçoeria e, na maioria das vezes, trazia imprevistos. Às vezes, hemorragias inesperadas, outras, nascimentos antes de tempo.

Pelo sim, pelo não, andava sempre acompanhada das suas ervas e dos frutos que sabia serem aliados importantes, porque, muitas vezes, eram necessários sem aviso: a canela ajudava a acelerar o parto, a camomila ajudava a relaxar as mães cansadas. O chá de framboesa, que fazia depois de os bebés nascerem, ajudava a diminuir a perda de sangue. Servia chá de gengibre às grávidas que passavam o tempo a vomitar e ensinava-as a colocarem azeite na barriga, para não ficarem marcadas.

Graça não tinha filhos, nunca tinha conseguido engravidar. O seu marido tinha morrido ainda novo, num acidente de caça, e, desde então, tinha-se dedicado aos outros. À vida, como ela dizia. A trazer nova vida ao mundo. Tinha aprendido com a avó, que também era parteira, que por sua vez tinha aprendido com a tia. Era um ofício de família.

Camila andava atrás dela desde pequena. Era a miúda da casa ao lado e desde muito jovem mostrava-se curiosa e queria acompanhar Graça nas suas visitas às grávidas. Camila não queria saber dos bordados ou de cozinhar. Era um bocadinho rebelde, com o seu nariz sardento e os seus olhos verde-água. Era a mais nova de três irmãs, que, como se esperava, eram exímias na arte da lida da casa e pensavam em casar com um rapaz que tivesse boas terras. Ela não. O que ela queria era ser como aquela vizinha de ar misterioso, que parecia ter uma ocupação tão intrigante! Trazer vida ao mundo era quase mágico e era isso que ela queria para si. Queria ser mágica. Não se assustava com os boatos sobre Graça — diziam ser uma espécie de feiticeira. «Bruxa», chamavam-lhe alguns pelas costas. Não tinha medo destes boatos. O que quer que Graça fosse, Camila queria ser também, bruxa ou não bruxa.

Graça achava-lhe piada e sentia nela a filha que nunca teve. Primeiro, autorizou-a a ficar na cozinha enquanto preparava a sua sacola, que levava para todo o lado. Depois, começou a deixar que a acompanhasse quando visitava as grávidas da aldeia, para saber se estava tudo a correr como esperado. Ensinou-lhe o que sabia sobre ervas e chás, foi-lhe mostrando como cresciam os bebés pela medição das barrigas das mães. Ensinou-a a perceber com as mãos, se o bebé estaria sentado ou de cabeça para baixo. Mais tarde, deixou-a acompanhar um trabalho de parto e ver o nascimento.

Achou que Camila ia ficar impressionada, assustada. Que desistiria, porque ser parteira não é para todos. Era preciso saber esperar. Era preciso ter paciência, ter sensibilidade, ter intuição. E sorte, era sempre preciso muita sorte, para o bebé estar bem posicionado, para não ficar com o cordão

umbilical enrolado no pescoço, para ser de um tamanho adequado à bacia da mãe. Sem sorte, as coisas podiam correr mal e tornarem-se rapidamente numa tragédia. Nem tudo podia ser resolvido, às vezes era preciso desistir e deixar ir mãe, filho ou ambos. A lei da vida era mesmo assim. Não era vontade de Deus, como as outras mulheres diziam, era a natureza, que manda mais que tudo e todos.

Muitas das vezes tinham surpresas e, ao invés de um, nasciam dois. Nem sempre era fácil ou óbvio perceber que uma mãe estava grávida de gémeos, em particular, quando o peso estava bastante acima do que seria esperado numa grávida saudável. Outras vezes, o bebé estava sentado ao nascer e era tudo mais difícil. Graça tinha descoberto que, nessas situações, era melhor aconselhar a mulher a colocar-se de gatas, e parir assim — como viam as éguas ou outros animais de quatro patas a ter as crias, porque parecia que a gravidade ajudava e não era preciso interferir grande coisa.

Camila observava tudo, em silêncio, sem atrapalhar, como Graça lhe tinha ensinado sempre. Mas ia registando cada gesto, cada mezinha, cada conselho. Tinha uma boa memória e isso ajudava-a a aprender rapidamente.

Naquele dia, Graça achou que tinha chegado a hora. Quando entraram na casa dos Oliveira, sussurrou a Camila:

— Hoje é a tua vez. Estás pronta.

Camila achou que estava a sonhar, que tinha imaginado aquelas palavras. Ela? A fazer um parto? Seria mesmo possível? Mas, com certeza, não o faria sozinha, claro. Provavelmente aquele seria um parto fácil, pensou. Graça nunca arriscava com as suas pacientes. «As suas meninas», como lhes chamava carinhosamente. As suas grávidas.

— Sim, minha senhora — disse Camila, de forma apressada, engolindo em seco e revendo mentalmente tudo o que sabia e que seria útil naquela situação.

Tinham acompanhado a Maria João nos últimos meses, naquela que era a sua quarta gravidez. Já tinha três filhos pequenos, que corriam pela casa e tinham deixado a possibilidade de uma gravidez tranquila para trás há muito tempo. A barriga crescia como se esperava e o bebé parecia estar bem posicionado. O marido tinha acorrido a casa da parteira Graça quando percebeu que as águas rebentaram, o que ocorreu quase em simultâneo com dores fortes, que faziam a mulher gritar descontroladamente.

Elas vieram o mais rápido que conseguiram, porque já se sabia que Maria João era o que Graça chamava «uma gata» a parir. Camila não tinha entendido esta expressão ao início, mas num dos dias Graça chamara-a a sua casa para

que ela visse como havia espécies abençoadas na arte dos nascimentos — em poucos minutos, a sua gata *Branquinha* trouxe ao mundo cinco gatinhos, sem ajudas e sempre a ronronar, e até do corte dos cordões umbilicais tratou sem problemas.

Deram as indicações para preparar água fervida e trouxeram lençóis e toalhas lavadas. Maria João deitou-se na velha cama de madeira do quarto que partilhava com o marido, arfando e quase sem tempo para recuperar forças entre as contrações, que pareciam cada vez mais intensas. O líquido amniótico manchava os lençóis e era claro, o que era um bom sinal.

— Deixa-me ver — disse Graça, conseguindo tocar a cabecinha cabeluda do bebé, quase a alcançar a luz do dia. Tinha dilatação completa e estava bem descido. — Prepara-te, é na próxima — murmurou para Camila. — Maria João, vamos lá a isto, a Camila vai dar uma ajuda que hoje as minhas costas estão que nem posso!

Camila estava pronta. Com o coração acelerado, mas pronta. E na contração seguinte Maria João fez uma força tal que a cabeça do bebé saiu rapidamente. Um tufo de cabelos escuros, molhados e colados à pequena cabecinha. Camila certificou-se que o cordão umbilical não vinha enrolado à volta do pescoço, tal como tinha visto Graça fazer dezenas de vezes, e depois puxou suavemente um ombro, depois outro. Saíram os braços e as mãozinhas sapudas e o bebé chorou vigorosamente, muito rosado, ainda com as pernas dentro da mãe.

Tinha 15 anos e era o seu primeiro parto.

Margarida

—Um brinde a mais uma médica na família. Que seja o início de uma carreira de muito sucesso!

Ouviu-se o telintar caro dos copos de cristal na casa dos Souto. A família estava reunida para comemorar o final da licenciatura da filha Margarida, na casa onde viviam. Na realidade, «casa» seria um nome desadequado para a propriedade onde se encontravam, visto toda a vizinhança denominar aquele edifício de «mansão». Estava na mesa o melhor serviço de jantar, como era esperado naquelas ocasiões, e todos estavam vestidos a rigor, como a sua avó exigia para refeições em família.

Parecia-lhe ver até um brilho de felicidade nos olhos do pai. Orgulho, talvez. Era difícil perceber. Ele era como uma parede, impenetrável, raramente deixava transparecer emoções. Tinha sido assim toda a vida. Era um dos melhores cirurgiões gerais do país e, provavelmente, era por isso que era tão duro e compenetrado.

Margarida não se lembrava de o ver rir às gargalhadas ou de o ver soltar uma lágrima. Controlo. Ele estava sempre perfeitamente controlado e dominava todas as emoções. Margarida gostaria que ele fosse mais pai e menos cirurgião, mas sabia que isso era pedir o impossível. Já tinha colocado esses desejos infantis para trás das costas e aceitava que a sua família era... bem, complicada. E ele era apenas uma das peças do intricado *puzzle* que significava ter Souto como último nome.

O pai sempre lhe tinha proporcionado tudo do bom e do melhor: brinquedos, escolas, roupas de marca, um carro. Educou-a com todas as regras de etiqueta presentes em todos os instantes. Incentivou-a a ser médica, porque era uma profissão que lhe daria prestígio e reconhecimento. E porque era tradição da família.

Quando Margarida era pequena e lhe disse, com os olhos a rir, que queria ser bailarina, ele olhou-a com um ar sério e murmurou com um tom firme: «Não, minha querida. A menina vai ser médica. Eu sou médico, a sua mãe é

médica. A menina também será.»

Margarida aguentou as lágrimas, como tinha aprendido a fazer desde cedo, mordendo o lábio com força. E depois engoliu em seco e cumpriu os desejos do pai. Não era aquilo que o seu coração dizia, mas o que mais queria era que o pai e a mãe se orgulhassem dela. Queria que sorrissem quando olhavam para ela, como via os pais das suas amigas fazerem. Mas era muito difícil consegui-lo.

Quem a conhecia, dizia-lhe que tinha alma e corpo de bailarina. O professor de *ballet* tentou convencê-la a ir para o Conservatório, porque sentia que ela iria triunfar naquela área. Era brilhante na dança clássica. Tinha um corpo esguio, que parecia flutuar mesmo quando passeava calmamente num centro comercial ou na rua. Margarida adorava dançar e encantava todos os que a viam. Mas não podia ir por aquele caminho, iria para Medicina e não teria tempo para ser bailarina.

Mesmo assim, sempre que podia, dançava. Em segredo, voltava à escola, onde calçara pela primeira vez as sapatilhas de meia-ponta, onde torcera pela primeira vez o tornozelo numa pirueta intempestiva e onde ganhara o primeiro prémio. Mas dançava só para si. Ou para as alunas que ficavam até mais tarde para a ver e sonhavam um dia dançar como ela. Depois, voltava para casa e mergulhava nos livros e nas enciclopédias médicas, porque não queria desiludir os pais.

Aquele dia era uma espécie de triunfo. Tinha acabado o curso de Medicina, após seis longos anos, e ia começar, dentro em breve, o internato da especialidade em Cirurgia. Tinha terminado com uma boa nota e, apesar de não ter sido das melhores, tinha conseguido ficar na especialidade que queria: Cirurgia Geral, tal como os pais. Ele parecia genuinamente orgulhoso e ela também estava. Tinha a sensação de missão cumprida.

A mãe, Francisca, estava calada, mas sorria. Estava impecavelmente maquilhada e penteada, como sempre. Nunca vira a mãe com um cabelo desalinhado ou com uma roupa menos cuidada, mesmo na altura em que se lembrava de a ver fazer muitas urgências e passar muito tempo fora de casa a trabalhar.

Logo pela manhã, parecia-lhe que ela acordava já perfeita — ao contrário de si, com olheiras permanentes das noites de estudo, um cabelo rebelde que exigia um cuidado intenso e pouca paciência para vestuário glamoroso.

Tal como o pai, a mãe era uma mulher determinada. Tinha deixado o hospital público, há algum tempo, para dirigir um serviço de Cirurgia Geral no maior hospital privado da capital. Agora, a sua vida era mais tranquila, mas

continuava a viver para o trabalho. Sentia que ela sempre se esforçara por compensar o facto de estar ausente muitas vezes.

Quanto ela era pequena, a mãe passava horas a ler-lhe livros infantis e, mais tarde, volumes sobre natureza, história, geografia e o corpo humano. Dizia sempre que pessoas cultas eram pessoas felizes e queria que a filha fosse feliz. Não a levava ao parque ou a comer um gelado, como as mães dos amigos. Lia para ela e eram esses os momentos que Margarida mais gostava, porque eram só das duas. Mas não lhe conseguia contar coisas que contava às amigas, coisas importantes, íntimas e pessoais.

Tinha sempre medo de a desiludir, não sabia bem porquê.

Nunca lhe contou sobre o primeiro beijo ao seu melhor amigo António, nas traseiras da casa, no final da sua festa de 12 anos. Não lhe contou sobre a rosa que ele lhe deu quando tinham 15 anos — quando achava que iam ficar apaixonados toda a vida. Não lhe contou quando se zangaram por causa da nova rapariga lá da rua, que já tinha 18 anos, usava uma minissaia exagerada e que roubou o coração do seu António, e mais do que isso. Nem pensou em confessar-lhe que a sua primeira vez tinha sido com o Diogo, aquele amigo que conheceu nas férias de verão, que tinha uma moto, fazia *surf* e com o qual viveu uma paixão assolapada, que não durou mais de dois meses.

Essas confissões ficavam para a sua melhor amiga, Teresa, que, desde que chegara nessa noite a casa dos Souto, passara o tempo a elogiá-la, assegurando que ela iria ser a melhor médica de sempre.

Teresa era como uma irmã. Vivia numa casa do outro lado da rua. O pai era o advogado da família e o melhor amigo dos Souto. A mãe de Teresa passava os dias entre o cabeleireiro, a manicura, o *personal trainer* e eventos de solidariedade. Vivia para jantares e festas e não perderia, por nada deste mundo, o jantar de comemoração da licenciatura de Margarida. Teresa era da idade de Margarida e tinham crescido juntas. Dormiam na casa uma da outra frequentemente, passavam férias juntas e eram inseparáveis nas saídas noturnas.

Teresa adorava tudo o que estava relacionado com moda e decoração e tinha terminado, no ano anterior, o curso de Arquitetura. Os pais tinham-lhe montado um ateliê, e o trabalho ia de vento em popa, porque Teresa punha paixão em tudo o que fazia. Era a Teresa que Margarida ligava a meio da noite, quando achava que não estava preparada para o exame da manhã seguinte, e era ela que lhe dava confiança e motivação para continuar. Tinha-lhe apertado a mão com muita força quando o pai de Margarida fez o brinde, porque sabia da importância daquela demonstração pública de orgulho.

— Obrigada a todos por virem. Estou muito feliz por estarem aqui. Ao futuro! — disse Margarida, verdadeiramente emocionada.

Os avós pediram licença e retiraram-se para o quarto. A doença do avô tinha-o deixado debilitado e já não ficava até tarde nos jantares como antigamente. A avó Matilde acompanhava-o sempre, mas antes assegurava-se que os convidados estavam satisfeitos. Margarida ia ficar com os pais e os avós durante o verão e depois começaria uma nova etapa no hospital da cidade vizinha.

Sorriu para a empregada, Aurora, cujos olhos brilhavam enquanto levantava a mesa. Também ela parecia genuinamente feliz naquela noite. Já estava na casa há anos suficientes para saber quando a menina Margarida estava feliz, quando estava triste, quando o dia não tinha corrido bem. Aurora era mais do que uma empregada, era quem lhe levava café nos dias em que ficava a estudar até altas horas da noite, quem lhe lavou a roupa que cheirava a tabaco quando experimentou fumar, quem lhe oferecia um ombro amigo sem fazer perguntas.

Agora, Margarida sentia que precisava de descansar, recuperar daqueles últimos meses de estudo intensivo. Queria passar uns dias despreocupada, aproveitar para estar com a amiga Teresa e quem sabe viajar. Agora, ia começar o seu futuro.

Aurora

Era a mais bonita da rua. Toda a gente o dizia, principalmente os rapazes. Tinha olhos escuros, uma pele perfeita e caracóis rebeldes, mas era tímida e ficava sempre sem graça quando lhe mandavam um piropo. A mãe dizia que ela valia mais pelo seu bom coração do que pela sua beleza e que era isso que ela devia valorizar, porque os anos não perdoavam a ninguém.

Aurora era uma sonhadora e gostava sempre de ver o bem nas pessoas. Muitas vezes era enganada, mas, mesmo assim, acreditava sempre que todos podiam melhorar.

A sua família não tinha muito. Viviam numa casa de um piso ao fundo da rua, com um pequeno quintal, onde o pai cultivava legumes que serviam para sustentar a família e, se sobrasse alguma coisa, para vender aos vizinhos. A mãe de Aurora trabalhava no campo, numa quinta a alguns quilómetros, e acordava ainda antes de o sol nascer para preparar a merenda para ela e para os irmãos. Era um trabalho duro, mas ia dando para os gastos. Desde que o pai caíra por uma ravina e fraturara uma perna, nunca mais tinha recuperado totalmente e eram a mãe e os irmãos quem sustentava a família. Aurora também trabalhava com eles, mas passava o dia a sonhar. Sonhava com os livros da carrinha-biblioteca que passava ali na aldeia. Sonhava poder estudar, aprender a ler e a escrever, fazer contas. Quem sabe, se fosse boa na escola, podia até ser médica, um dia.

A mãe dizia que ela sonhava demais, que era preciso trabalhar, que devia encontrar um bom marido, que a sustentasse e lhe assegurasse um bom futuro. Essas coisas de livros eram para os homens e para as mulheres ricas, não para eles. Era preciso assentar os pés na terra.

À noite, quando voltava do trabalho e depois de ajudar a mãe no jantar, esgueirava-se para a casa da vizinha Marta, que era a melhor amiga. Marta frequentava a escola na cidade e era uma boa aluna — e tinha decidido ajudar a amiga, por isso todas as noites praticavam a leitura e a escrita juntas. Começaram pelo abecedário, depois por palavras simples e pequenas frases.

Agora, Aurora já conseguia ler textos longos e queria sempre aprender mais. Por vezes, Marta também a ensinava a fazer contas e Aurora aprendia tudo rapidamente e com facilidade. E depois havia André.

André era o irmão mais velho de Marta. Era muito calado e misterioso. Nos finais de dia que Aurora passava lá em casa, estava quase todo o tempo a observá-la, mas não dizia nada, nem uma palavra. Ela achava-o bonito, mas não conseguia perceber se gostava mesmo dele, porque nunca tinham qualquer conversa. Dizia «Bom dia» e «Boa tarde», «Arrefeceu hoje» ou «Hoje está um lindo dia», e ficavam por ali. De qualquer maneira, ele tinha o dom de quase a hipnotizar e, muitas vezes, ela desligava do que estava a fazer só para ficar a olhar para ele.

Estava muito agradecida à sua amiga Marta por aquelas aulas particulares, mas sabia que ainda estava muito atrás das outras raparigas de 14 anos que andavam na escola e, no seu interior, sabia que só com um milagre conseguiria fintar o destino que a mãe lhe repetia todos os dias: o do trabalho no campo, de casar e ter uma família. Se bem que ainda não tinha desistido de poder ser alguém um dia.

Às vezes, escapava-se até ao bairro «das casas bonitas», como ela lhe chamava e ficava ali, só a ver quem passava. Apreciava a roupa daquelas meninas ricas, os vestidos chiques, os fatos de bom corte dos senhores, as boas maneiras. Passava ali muito tempo, mas mantinha-se escondida, entre a vegetação, porque sabia que aquelas pessoas não gostavam que andassem por ali os «vagabundos», como já lhe tinham chamado uma vez, e não queria arranjar confusão. A família tinha problemas que chegassem, era difícil sobreviver e não queria causar mais nenhum desgosto aos pais. Contudo, se se mantivesse invisível, podia sonhar.

Ficava muito tempo a observar a casa dos senhores doutores. Era a casa maior da rua e sabia que ali morava o médico, que tinha um filho que também estava a estudar para seguir o mesmo destino do pai.

De manhã muito cedo, o rapaz saía com a sua maleta preta e livros debaixo do braço, imaginava ela, para ir aprender lá na escola dos médicos na cidade. Ele era muito bem parecido, com cabelo escuro e olhos azuis. Tinha braços fortes e ombros largos — pelos menos assim lho parecia àquela distância. Ficava sempre com esperança de que ele a visse, embora se escondesse o melhor que podia. Gostava que os seus olhares se cruzassem. E aí, quem sabe, podia ser que alguma coisa mudasse. Se a mãe lhe ouvisse os pensamentos iria mais uma vez trazê-la de volta à Terra, mas ali, bem longe, dava-se ao luxo de imaginar para ela uma vida muito, muito diferente da que lhe estava destinada.

Francisca

Para os homens, era tudo mais simples. Era suposto os homens serem os mais fortes, terem as profissões importantes, serem responsáveis pelo sustento da família. A mulher, essa, devia ficar em casa, a cuidar dos filhos, ser uma mãe exemplar, surgir sempre bonita, bem vestida, maquilhada de forma impecável, sem um fio de cabelo fora do sítio e sempre com o jantar servido a horas. Mesmo que os anos passassem, havia mentalidades que nunca mudavam.

No seu gabinete, sentada à sua secretária, Francisca continuava a sentir que tinha sempre mais alguma coisa a provar ao mundo. Na parede estavam diplomas, certificados de especialização e subespecialização em várias áreas da Medicina. Fotografias que comprovavam a sua participação em cirurgias pioneiras, as quais tinha lutado muito para alcançar. Além disso, era a diretora do departamento cirúrgico de um dos maiores hospitais privados do país e uma cirurgiã de referência para várias doenças. Tinha um bom casamento, uma boa casa, uma boa vida. A sua filha tinha acabado o curso de Medicina e também ela iria ser cirurgiã. Um orgulho.

No entanto, havia algo que continuava a atormentá-la, ano após ano. Tentava dizer a si própria que eram as dificuldades no trabalho ou em casa, com a família. Mas ela sabia que era algo mais profundo e secreto. Um sentimento que teimava em vir à tona de tempo a tempo, a lembrar-lhe o que tinha feito.



Desde que conheecera Pedro Souto, na faculdade de Medicina, que se apaixonara perdidamente por ele. Ele tinha um ar sério e sempre muito concentrado, mas, quando sorria, todo o seu rosto se iluminava. E ele fazia-o frequentemente quando estava com ela. Estudavam juntos Anatomia e

Bioquímica Fisiológica, e discutiam as matérias que aprendiam na faculdade durante longas horas.

Ele começara a convidá-la para as tardes de estudo com os amigos. Foi estranho ao início, porque havia poucas mulheres na faculdade e o grupo de amigos de Pedro incluía exclusivamente o sexo masculino. Deixá-la entrar naquele grupo de jovens aspirantes a médicos não foi tarefa fácil.

Pedro teve de ouvir muitas críticas dos amigos, que continuavam a achar que as mulheres deviam estar concentradas noutras coisas e que nunca poderiam ser tão boas em Medicina como um homem. Claro que Francisca discordava e, por várias vezes, tentou defender o seu ponto de vista — e era sempre ignorada. Conversavam e discutiam como se ela não estivesse mesmo ali. Isso enervava-a tremendamente, mas desde cedo tinha decidido não dar parte fraca.

Assim que percebeu que a sua presença causava algum mal-estar, resolveu demonstrar que poderia ser tão boa ou melhor do que eles. Não argumentou nem discutiu, decidiu apenas que ia mesmo ser melhor que eles.

Por isso, passava as noites acordada, a ler os livros que trazia da biblioteca da faculdade. Lia e voltava a ler, até saber tudo sem falhas, para que, no dia seguinte, quando fossem estudar juntos aquela matéria, ela já estivesse preparada.

Foi assim que Francisca conseguiu impressionar Pedro: tinha uma fantástica capacidade de trabalho e queria sempre ir mais além, sem desistir perante adversidades. Foi também assim que conquistou o respeito do grupo de amigos de Pedro e conseguiu terminar o curso entre as dez melhores notas.

Claro que os problemas continuaram. Durante o internato geral, que implicava trabalhar em várias especialidades e em locais periféricos, mesmo que vestisse a bata branca e ostentasse uma placa que dizia *Dra. Francisca*, toda a gente a tomava por enfermeira. Quase todos os pacientes esperavam ser vistos por um médico e não por uma jovem médica. Pareciam até ficar desconfiados quando os informava que seria ela a responsável por tratar deles. E, mais uma vez, precisava provar a sua competência perante uma série de preconceitos que lhe pareciam absolutamente ridículos.

Também se sentia, muitas vezes, discriminada pelos colegas, que a pareciam ignorar. Por isso, a sua estratégia para lutar contra aquele mundo injusto era simplesmente ler. Estudar afincadamente, livro após livro. Tinha de ser a melhor para conseguir o que queria.

Chegava mais cedo às enfermarias para estudar os processos clínicos de cada doente, para conversar com eles, para perguntar aos enfermeiros como os

doentes tinham passado a noite e recolher todas as informações necessárias. Quando começava a visita médica, sabia sempre tudo sobre todos os doentes e, com o passar do tempo, os colegas começaram a admirá-la pela força de vontade e persistência. Em casa, treinava as técnicas cirúrgicas com o que podia: almofadas serviam para praticar pontos, suturava cascas de banana com precisão, dava nós com uma ou duas mãos sem falhas, passando fios nas pernas de mesas e cadeiras para treinar a destreza.

Pedro, por seu lado, brilhava por onde passasse. Como era filho de um reconhecido médico, já todos esperavam que ele fosse excelente. Convidavam-no para tratar de casos complicados, exaltavam as suas qualidades de orador nas apresentações de casos clínicos e todos já sabiam que ele seria um grande médico. Não tinha nada a provar.

Mas Francisca sabia lutar pelo que queria e não olhava a meios para atingir os fins.

Camila

Tinham casado há apenas um mês. Um mês maravilhoso, ao contrário do que Camila perspetivara. Tentara evitar aquela união a todo o custo, até ao último momento, usando todos os argumentos possíveis, recorrendo a Graça para que fizesse ver aos pais que seria mais útil a trabalhar como parteira, mas nada resultara.

Quando completou 18 anos, sabia que estava na altura de honrar o compromisso dos pais com a família dos vizinhos, todos mineiros de profissão. O filho, Manuel, era dois anos mais velho. Fora decidido que casariam depois de ela atingir a maioridade. No dia que os pais a chamaram à pequena sala comum para lhe dar a notícia de forma pomposa, nem queria acreditar.

O que Camila mais desejava era continuar a ajudar Graça. Tinha-se tornado bastante boa em seguir gravidezes e a fazer partos, e queria continuar a aprender. Não pensava em casamentos, em tarefas domésticas de manhã à noite nem em ficar de barriga em pouco tempo. Sabia que logo depois vinham as noites em claro, os choros constantes, as cólicas e os montes de fraldas para lavar, e ia ter de deixar de ser parteira, e tornar-se mais uma dona de casa.

Disseram-lhe que Manuel seria o melhor marido que ela podia arranjar, porque era trabalhador, ajuizado e bem-parecido. Os pais tinham prometido aos vizinhos, que sempre os ajudaram em tempo de necessidade, que assim seria. A palavra estava dada e com palavra dada não se brinca, dizia sempre o pai com ar muito sério. Por isso, eles casariam. E casaram.

Mas aquele primeiro mês de casada, ao contrário do que esperava, tinha sido bom. Até a festa de casamento tinha sido maravilhosa. Depois da simples cerimónia na igreja da aldeia, com direito a baile e a uma refeição conjunta, saíram de mãos dadas para a pequena cabana, um anexo da casa dos pais de Manuel, que agora era deles. Manuel tinha arranjado o teto e as janelas e, depois de uma boa limpeza e de terem chegado alguns móveis oferecidos por familiares e amigos, tinha ficado com um ar simpático. Uma cama de casal, uma pequena mesa, duas cadeiras. A lareira ficou a funcionar, o que era

forçoso para as noites geladas. Camila levou os lençóis que a mãe lhe deu e a colcha de retalhos que a irmã fez especialmente para ela como presente de casamento. Arranjou umas cortinas e pôs flores frescas numa pequena jarra.

E, depois, a noite de núpcias. Ela sabia que aquela devia ser uma noite especial. Pelo menos era o que as amigas diziam da primeira noite de casados. Nem todas tinham a mesma opinião: havia quem lhe confessasse que era absolutamente horrível, um momento para nunca mais recordar, para fechar os olhos e rezar para que acabasse rapidamente outras descreviam o prazer da junção dos dois corpos como fantástico.

Camila tinha percebido que quem falava da noite de núpcias com prazer eram as amigas que ela já sabia que tinham muita experiência prévia a esse acontecimento. Achava que com o tempo as mulheres teriam, de facto, prazer com o sexo, mas as primeiras vezes não deviam ser fantásticas. Logo descobriria.

Não tinha grandes expectativas em relação à sua primeira vez com o Manuel. Tinha uma ideia muito física do ato em si, em particular, porque sabia tudo sobre o corpo das mulheres, graças ao que aprendia como parteira. Também sabia os pontos de prazer do seu corpo, que tinha descoberto com o tempo, enquanto se tocava a si própria, à noite. Mas não tinha bem a certeza se Manuel saberia e se seria realmente bom ou uma experiência para esquecer.

Quando chegaram à porta da sua nova casa, Manuel deu-lhe a mão e sorriu docemente. Foi nesse momento que ela soube que ia gostar. E gostou.

Manuel acendeu a lareira e ela sentou-se na cama, só a olhar para ele. Depois ele levantou-se e dirigiu-se a ela, com um ar muito sério. Tocou-lhe ao de leve no rosto, beijou-lhe os lábios. E, com todo o tempo do mundo, tirou-lhe a roupa. Com calma, com doçura. Botão a botão, deslizando lentamente os fechos. O coração de Camila batia cada vez mais depressa, a cada toque, a cada respiração mais perto do seu ouvido. E se anteriormente tinha decidido ser a esposa ideal, como os seus pais queriam, e deixar que o marido conduzisse aquele instante, perdeu totalmente o controlo e os dedos ágeis deslizaram para a sua camisa, para o botão das calças e em poucos instantes estavam os dois, pele contra pele, ele dentro dela, ela a gemer, num misto de dor e prazer. Foi uma noite longa, sem tempo para alimentar o fogo da lareira, mas sem frio.

Camila estava feliz, Manuel também. Acordavam bem cedo, ela fazia-lhe uma refeição para levar para a mina, ele saía para o trabalho depois de muitos beijos matinais e ela seguia para casa de Graça para continuar as suas lições.

Passava o dia a cuidar das grávidas que precisavam e atendia os partos necessários. Agora já ia sozinha, quando Graça não podia por qualquer

motivo. Camila adquiriu experiência suficiente para fazer um parto sem grandes ajudas e as pessoas já confiavam nela.

Quando chegava o fim do dia, voltavam a encontrar-se em casa, partilhavam uma refeição quente, geralmente a sopa especial de Camila, como ela divertidamente chamava à panela recheada de legumes variados e um ou outro pedaço de carne ou chouriço que lhe iam dando ao longo do dia, em troca dos seus serviços, e depois passavam a noite nos braços um do outro, à lareira, até adormecerem.

Era tudo perfeito. Podiam viver assim para sempre.

Até que um dia, Manuel chegou a casa com uma expressão diferente e com notícias que não esperavam.

Margarida

Fora um verão fantástico. Teresa e Margarida tinham ido viajar pela Europa, o presente pelo final da licenciatura de Margarida — tudo oferecido às duas pelos Souto. Passaram por Londres, Paris, Praga, Berlim, Roma. Ficaram em hotéis no centro das cidades, visitaram museus, divertiram-se na agitação noturna.

Em Itália demoraram-se mais, ficaram apaixonadas pela comida e pelas pessoas. Decidiram não ficar só por Roma e alugaram um carro. Viajaram sempre na linha da costa, parando em pequenas localidades de casas multicolores, aproveitando o sol e a praia. Estavam as duas bronzeadas e com um ar saudável.

Infelizmente, estava na altura de voltar. O ateliê de Teresa precisava da organização dela e o internato de Cirurgia de Margarida estava prestes a começar.

— À felicidade! — brindaram as duas, com granizado de limão, numa esplanada em Roma, enquanto faziam tempo para ir para o aeroporto.

O empregado que acabara de servi-las, um moreno alto e bem constituído, de *T-shirt* branca justa com o logotipo do café, piscou-lhes o olho e elas riram-se.

— Acho que podia viver assim para sempre — disse Teresa. — Com estes italianos fantásticos, as pizzas, o sol... *Mamma mia!* Mas está na hora de irmos, ou vamos perder o avião. Está na altura de voltar à vida real.

— Vou ter muitas saudades de Roma. Provavelmente podia viver aqui. Claro que ia ganhar uns bons quilinhos à custa da comida — disse Margarida, enquanto bebericava do copo. — Vamos, acho que este sol está quente demais para mim, já me estou a sentir meio tonta!

— O que tu querias era desmaiar aqui para o empregado jeitoso te borrifar com água fresca! Ou fazer respiração boca a boca, não? Vá, toca a levantar, acho que hoje não vais ter assim tanta sorte. Devias era ter ficado com o contacto daquele italiano que conhecemos naquela festa de ontem, esse sim

era bem giro. Última *selfie* em Roma? — sugeriu Teresa, enquanto empunhava o telemóvel para a foto de despedida.

Tinham criado uma conta de Instagram propositadamente para aquela viagem especial e estava carregada de fotos das cidades que percorreram, mas, acima de tudo, fotos delas. Tinham conseguido aumentar incrivelmente os seguidores a cada vez que mudavam de cidade e já brincavam uma com a outra sobre deixarem os seus empregos e passarem a ser *influencers* de viagens, claro.

Apanharam um táxi até ao aeroporto e pelo caminho iam rindo das últimas aventuras em Itália. Chegaram com tempo e ainda tiveram de esperar por um ligeiro atraso do avião.

Após algumas horas, estavam a entrar no céu de Portugal e a descer para o aeroporto da cidade. Quando conseguiram recuperar as malas e desembarcaram na zona das saídas, lá estava Aurora à espera delas.

— Que saudades! Sejam muito bem-vindas de volta, espero que a viagem tenha sido boa. Menina, os seu pais não puderam vir, pedem desculpa, mas o trabalho deixou-os mais ocupados do que se previa.

Margarida não estava surpreendida. Já era habitual os pais nunca aparecerem em momentos como aquele. Mas não se importava, adorava Aurora do fundo do coração e tinha tido saudades dela. Abraçou-a demoradamente.

Sem saber porquê, veio-lhe à memória aquele dia da festa da escola, quando fez de *Branca de Neve* na peça de Natal e Aurora estava na fila da frente, com as lágrimas a caírem de emoção quando as palmas soaram. Os pais estavam de urgência e não conseguiram ir, mas Aurora tinha-lhe dito para não ficar triste, porque ela ia estar com muita atenção e contaria tudo ao pormenor aos senhores quando estes regressassem a casa. A família dela estaria ali na mesma, na fila da frente. Margarida sentiu o orgulho dela nessa altura e soube que nunca estaria sozinha.

O namorado de Teresa chegou esbaforido, com um enorme ramo de rosas, e pareceu não ver mais ninguém.

— Olha, olha, já viste que se lembrou que eu afinal existia? — disse ela, piscando o olho à amiga. E deixou-se mergulhar num abraço apertado, que se transformou num beijo intenso.

Teresa deu-lhe a mão e, segurando no ramo de rosas e numa das malas, despediu-se da amiga.

— Adeus, Margarida, falamos na segunda-feira! Boa sorte no novo trabalho!

Margarida retribuiu a despedida, enquanto abraçava Aurora, que a achou com um ar cansado.

— Foi uma viagem fantástica! Divertimo-nos muito mesmo. Tirei imensas fotos, mais logo mostro-te tudo, tudo. Agora acho que preciso de descansar, as viagens de avião não são o meu forte.

— Claro, menina, temos tempo. Todo o tempo do mundo. Logo me conta tudo.

Na manhã seguinte custou-lhe a acordar. O sol entrava lentamente pelas cortinas entreabertas do seu quarto. Sentia-se estranhamente cansada daqueles meses de viagem, precisava de recuperar energia.

Ia começar o internato de Cirurgia Geral e sabia que não ia ser fácil. Via a vida dos pais e dos amigos mais velhos. Sabia que ia ser preciso muito mais estudo que durante o curso, mais empenho, mais horas da sua vida. Sabia que era preciso treinar a mão para dar todo o tipo de nós e pontos, que era preciso passar horas nos simuladores laparoscópicos. Que teria de chegar antes dos médicos mais velhos e sair depois, ficar noites a pé e trabalhar fins de semanas. Ela daria conta do recado.

Levantou-se e foi tomar um duche rápido, a água morna na pele acalmou-a ligeiramente.

Pensou na mãe, que lhe falava sobre operações desde que tinha cinco anos. Nessa altura, tinha tido uma dor de barriga tão forte que pensaram que era uma apendicite. Acabou por passar, mas a mãe fez questão de lhe dizer que tirar um apêndice inflamado era algo simples e explicou-lhe todos os passos cirúrgicos adaptados à idade dela, claro. E terminou dizendo que um dia também ela iria ser capaz de o fazer. Pois bem, tinha chegado a sua vez.

Depois de se vestir e escovar o cabelo, desceu para tomar o pequeno-almoço. Como já estava atrasada, não se maquilhou. Achou que estava com uma boa cor da viagem.

A avó já estava sentada à mesa, cumprimentou-a com a frieza habitual, mas soube-lhe bem aquele regresso à rotina na casa da família. Depois entrou Aurora, que trazia uma travessa de fatias douradas, que ela sabia ser o pequeno-almoço preferido da menina Margarida.

— Obrigada! Estou mesmo a precisar disto para recuperar energia, parece que a viagem me deixou mais cansada do que suspeitava.

— Fiz o pequeno-almoço especial para o seu primeiro dia de trabalho, menina. Espero que goste, estão como a menina prefere, com bastante canela!

— Obrigada, Aurora! — agradeceu Margarida, com gratidão.

Depois de um bom café e de ter comido duas fatias douradas, Margarida sentia-se com mais energia para enfrentar o dia.

Conduziu a caminho do hospital, com o som da rádio como pano de fundo. Alto, bem alto. Tocava um clássico dos *Guns N' Roses*, *November Rain*. Tantas memórias que aquela música despertava! As músicas tinham aquela particularidade de nos fazer viajar no tempo para lugares e para junto de pessoas, e ela podia jurar que sentia no ar o perfume do namorado dessa altura, quando a escutavam em modo *repeat*. Depois ouviu falar sobre o tempo e a previsão do crescimento económico, que afinal não era tão bom como inicialmente se previra. O costume. Em que ano é que as coisas correriam melhor do que as previsões?

Como era cedo, ainda não havia trânsito e atravessou rapidamente a cidade. Quando avistou o imponente edifício, o seu coração bateu mais depressa. Ia começar o internato, agora é que era mesmo a sério.

Sabia que iam ser recebidos no auditório do hospital. À porta, viu alguns amigos e muitas outras caras que não conhecia. Cumprimentos atrapalhados e abraços sinceros, numa partilha pela aventura que se iniciava naquele dia. Em pouco tempo, abriram-se as portas do auditório e todas as cadeiras ficaram preenchidas com muitos médicos novos atentos às palavras do diretor do internato médico e da administração do hospital.

Depois da apresentação formal, foram encaminhados para os respetivos serviços. Margarida conhecia bem os corredores do hospital e muitas das pessoas que lá trabalhavam — afinal, fora ali muitas vezes visitar o pai. O cheiro a éter e a outros desinfetantes não a incomodava, até quase a fazia sentir-se em casa. Felizmente, não ficou no mesmo serviço que ele. Sinceramente, não gostava quando as pessoas insinuavam que só conseguia as coisas por ser filha de quem era. Ela esforçava-se, merecia. Mas era inevitável ouvir um ou outro comentário, muitas das vezes de forma disfarçada.

À entrada estava uma médica de cabelo apanhado, vestida com um pijama cirúrgico verde e com um ar claramente impaciente.

— Olá, Margarida, já ouvi falar de ti. Sou a Ana, também sou interna, sou do quinto ano da especialidade. É melhor vestires depressa a farda e bata, temos mesmo de ir para a visita ao internamento, o diretor não tolera atrasos. Quando tivermos tempo já te mostro o serviço e apresento-te aos outros colegas — prometeu ela, enquanto avançava por entre as portas que davam acesso ao serviço.

Margarida colocou as coisas no cacifo que Ana lhe indicou e mudou rapidamente de roupa. Mas já não via a colega. Espreitou para o corredor e

tudo lhe pareceu anormalmente calmo. Foi então que ouviu um tom de voz mais exaltado que pertencia muito provavelmente ao diretor do serviço:

— Mas a nova interna chega atrasada logo no primeiro dia? Começamos bem!

Correu rapidamente para a primeira sala onde um grupo de médicos já estava reunido e apresentou-se, no meio de uma desculpa.

— Muito bem. Não vamos perder tempo com coisas inúteis. Dra. Ana, por favor, apresente a primeira doente.

Viu a interna — com quem tinha falado há instantes — com uma série de pastas na mão, mas, nem sequer abriu a que dizia respeito à senhora de bata que estava deitada na cama, em frente a toda aquela gente, com um ar desconfortável. Com um tom bem treinado e um discurso perfeitamente organizado, Ana apresentou a dona Cremilde, de 64 anos, diabética e hipertensa, que estava internada por pancreatite. Nessa altura, o diretor interrompeu-a e voltou-se para Margarida:

— E qual é a investigação necessária e tratamento adequados a esta doente, Dra. Margarida?

Margarida ficou pálida e em pânico. Era o primeiro dia, como é que já podia saber aquilo? Era impossível. Deveria dizer que não sabia? Ou ficar só calada? Na sua mente, tentou voltar ao capítulo do Harrison onde pormenorizadamente era descrito o quadro clínico da pancreatite e o seu tratamento, mas o pânico não a deixou raciocinar decentemente. Um quadro em branco, era assim a sua mente naquele instante.

Mas Ana veio em seu auxílio e respondeu prontamente. Antibiótico, anti-inflamatório e, possivelmente, cirurgia. O diretor demonstrou um ar satisfeito e prosseguiram para a doente da cama ao lado.

— Tens de começar a estudar hoje mesmo, Margarida — sussurrou-lhe Ana ao ouvido. E amanhã vem mais cedo, para juntas revermos as pastas dos doentes e estares preparada, que aqui não querem saber se somos recém-chegadas ou não, só querem que nada falhe. Prepara-te que não é nada fácil ser interna de Cirurgia.

Aurora

Tinham combinado encontrarem-se às seis no parque. Os dias estavam a ficar mais curtos, já ia estar escuro. Assim, era mais fácil não darem por eles. Aurora tinha o seu melhor vestido, mas sabia que provavelmente não era suficiente. Afinal de contas, a distância entre os dois era abismal e era pouco provável que uma relação amorosa resultasse. Mas Pedro Souto fazia o seu coração palpitar e, por isso, tinha de arriscar.

Era uma tarde de sol de outono. Tinha esbarrado nele, perto do parque, e os embrulhos que Aurora carregava com um equilíbrio precário espalharam-se pela estrada e pela relva. Felizmente, não ouviu barulhos estridentes de potenciais estilhaços, o que significava que talvez não levasse uma tarefa do pai ao chegar a casa.

Pedro ajudou-a a apanhar tudo e sorriu-lhe de uma maneira que nada mais no mundo foi o mesmo. Depois seguiu caminho como se fosse perfeitamente normal encantar raparigas no parque e prosseguir a sua vida sem preocupações.

Desde esse dia, parece que o universo conspirou para os juntar novamente. Voltaram a ver-se quando precisou de chamar um médico para o seu irmão, que se tinha cortado de forma muito feia num braço. Ele dizia que tinha sido um acidente com um serrote, mas Aurora sabia que ele andava com um grupo de rapazes duvidosos, que se metiam em problemas que envolviam facas e assaltos, mas não fez referência a isso quando ele chegou a casa com a roupa ensopada de sangue. Só queria que ele ficasse bem o mais depressa possível, mas também sabia que o hospital ficava longe demais e não tinham qualquer meio de transporte para lá chegar.

A solução do pai foi mandá-la chamar o Dr. Raul, que muitas vezes resolvia os problemas de quem vivia ali na povoação e até nem cobrava muito, aceitando, quase sempre, uma cesta de legumes ou de ovos. Foi a correr o mais depressa que pôde — estava com um mau pressentimento e não queria de todo

ser culpada por algo de mais grave devido à sua lentidão —, pois sabia que o pai adorava deitar-lhe as culpas para cima.

Quando chegou a casa do doutor, a sua mulher veio à porta informar que ele estava doente e que seria impossível tratar o seu irmão — mas que Aurora não se preocupasse, pois o médico interno que trabalhava com ele estava disponível e iriam contactá-lo de imediato.

E foi assim que o Dr. Pedro chegou a casa do Dr. Raul, onde Aurora o esperava, esbaforido e com o cabelo desalinhado, porque sabia ser uma emergência e não perdeu tempo com grandes conversas.

— Vamos! Mostre-me onde está o paciente! Chamo-me Pedro.

Se a reconheceu do encontro no parque não o disse. Juntos e em passo de corrida chegaram num instante junto do irmão, que estava deitado no velho sofá da sala, com uma expressão de agonia e rodeado pela mãe, que tinha um ar extremamente preocupado, e pelo pai, que agitava nervosamente as mãos com quem não sabe o que fazer.

Pedro tinha uma daquelas malas pretas típicas dos médicos, de onde saíram mil e um acessórios necessários e na qual parecia impossível lá terem estado todos arrumados alguns instantes antes. Pediu a Aurora que fizesse pressão na ferida enquanto verificava a pressão arterial e a temperatura do doente. Depois, limpou a ferida cuidadosamente, sem tecer comentários sobre a sua origem. Deu-lhe uma pequena anestesia e pegou numa agulha especial e em linha e fez uma sutura impecável. Aplicou umas compressas e um adesivo para não se soltarem. Finalmente, disse-lhe que iria necessitar de uma dose de penicilina para que não houvesse risco de infeção.

Depois de aceitar uma cesta de legumes para o Dr. Raul, o Dr. Pedro despediu-se cordialmente e Aurora ofereceu-se para o acompanhar à porta.

À saída, acabaram por ficar a conversar. Ele quis saber o nome dela e o que fazia. Ela respondeu-lhe meio envergonhada, entre comentários sobre o estado do tempo. O seu nome era o mesmo da avó, mas não gostava assim tanto dele. Tinha começado há alguns meses a trabalhar na casa dos Pimentel, como ajudante de cozinha. Eram bons patrões, ela gostava muito de trabalhar lá.

— Que coincidência, a casa da minha família é muito perto — comentou, sorridente. — Talvez nos vejamos outra vez. Ou, se calhar, até nos voltamos a cruzar num passeio no parque.

Agora ali estava ela nesse mesmo parque, à espera do Dr. Pedro. O Dr. Pedro Souto de uma das famílias ricas do bairro chique da povoação. O menino de olhos azuis que ela tantas vezes espreitava por entre os arbustos,

quando sonhava com uma vida diferente, uma vida sem passar necessidades, com vestidos bonitos, com uma cama confortável, com uma casa sempre aquecida. Sabia que tudo aquilo não fazia sentido. Mas o seu coração, que batia descontroladamente, dizia-lhe que era ali que ela tinha de estar.

Se calhar ele não vinha. Viria? Provavelmente não, ele tinha incontáveis coisas para fazer, afinal de contas era médico. E provavelmente até tinha uma namorada. Já tinha ouvido dizer que ele passava as tardes a estudar com uma colega médica. Ela nem sequer estudos tinha, era uma simples empregada, o que é que ele veria nela? Respirou fundo. Tinha de se acalmar. Alisou o vestido com as mãos de forma instintiva.

Foi então que ouviu passos. Ao longe viu uma silhueta elegante a aproximar-se. Sim, era ele. Era mesmo ele. Voltou a respirar fundo.

— Boa tarde, Aurora! Queres ir dar um passeio? Preciso de descontraír um pouco, tive um dia difícil e andar acalma-me — e sorriu-lhe.

Ela acenou afirmativamente. Um passeio com aquele rapaz extraordinário parecia-lhe a realização de todas as expectativas de uma vida. Ou então simplesmente a concretização do desejo de estar mais perto dele. Sentiu borboletas na barriga.

— Como está o teu irmão? Recuperado?

Aquela pergunta foi uma espécie de desbloqueador de conversa. Aurora começou por explicar que já estava melhor, mas que se fingia de coitadinho em casa para fazerem tudo por ele. Depois comentou sobre a amiga Marta, que ia lá a casa muitas vezes vê-lo, achava que talvez estivessem apaixonados, mas ainda não o tinham assumido. Contou-lhe que era Marta que a ajudava nos estudos, porque os pais tinham sido totalmente contra a continuidade dela na escola, já que tinha de trabalhar para ajudar no sustento. Agora era quase impossível aprender, porque trabalhar na casa dos Pimentel não lhe deixava tempo para nada — tinha compras para fazer, refeições para preparar e a cozinha tinha de estar sempre impecável, caso contrário, Gertrudes, a cozinheira, fazia-lhe a vida negra. Ia fazendo expressões quase cómicas enquanto falava muito rápido, sem reparar que Pedro a olhava embevecido. Sentia-se subitamente descontraída e parecia-lhe que já se conheciam há muito, o que não era de toda verdade.

Pedro não sabia o que havia de especial naquela rapariga, mas, por alguma força misteriosa, tinha de estar com ela. Possivelmente era o sorriso ou a maneira como o cabelo encaracolado lhe caía pelos ombros e lhe emoldurava a cara. Talvez fossem os olhos escuros e profundos, onde achava que se podia perder. E tinha uma maneira tão especial de falar, descontraída e leve, como se

o mundo estivesse livre de responsabilidades. Sem formalidades nem regras de etiqueta, as tais que preenchiam diariamente a sua vida sem espaço para manobra. Aquilo que o atraía, desde a primeira vez que a vira, não vinha explicado nos compêndios de Medicina. Deu-lhe a mão, enquanto ela falava sem parar e entrelaçaram os dedos sem pensar muito no assunto. Parecia tudo simples e intuitivo.

Pararam à beira do lago, quando ela subitamente se apercebeu da mão dela na dele.

— És tão bonita, Aurora. O que é que tu tens para me deixares hipnotizado?

Ela corou e baixou os olhos, subitamente envergonhada por ter estado a falar sem parar, por ele estar a olhar para ela, por estarem de mãos dadas. Ele passou os dedos pelo cabelo solto dela, depois pela pele macia do rosto, desde as sobrancelhas até aos lábios, onde se demorou mais. Um toque carinhoso, que lhe deu uma sensação de formigueiro por toda a pele — em particular em zonas muito distantes de onde ele tinha tocado.

Depois, aproximou-se lentamente e ela pode sentir-lhe o cheiro a um perfume que não conseguia identificar, mas que devia ser algo estrangeiro. Fechou os olhos, porque se sentia a corar ainda mais com tal proximidade. Foi então que sentiu os lábios dele nos dela, macios e húmidos ao mesmo tempo. Ele beijou-a sem pressas. E todo o mundo pareceu explodir.

No dia seguinte de manhã, ouviu bater à porta. Tinha acabado de se vestir, o que demorou mais tempo que o normal, porque não conseguia deixar de pensar em Pedro, e estava a tratar do pequeno-almoço para a família antes de sair para o trabalho, quando um rapaz veio fazer uma entrega.

— Chama-se Aurora? — perguntou ele.

— Sim, sou eu — assentiu ela.

O rapaz entregou-lhe um envelope fechado, com o seu nome escrito e nada mais. Quando Aurora lhe ia perguntar quem o tinha enviado, o rapaz já se tinha ido embora.

Intrigada, abriu o envelope. Lá dentro estava um bilhete:

Minha querida Aurora,

passei a noite sem sono, a pensar em ti. Adoro a maneira como sorris. Ainda sinto o toque dos teus lábios nos meus. Podemos ver-nos hoje outra vez? Sei que comesas o trabalho cedo, mas vou estar à tua espera na pastelaria perto da casa dos Pimentel. Podemos beber um

café juntos. O que te parece?

Um beijo com carinho,

Pedro Souto

O coração de Aurora ficou mais acelerado. Acabou rapidamente o que estava a fazer e anunciou à mãe que ia já sair para o trabalho, esquecendo-se de tomar o pequeno-almoço, tal a euforia.

Percorreu as ruas em passadas largas. Ele queria vê-la outra vez! Nem queria acreditar. Estava tão ansiosa por chegar a Pedro que quase corria, mas, ao aproximar-se do ponto de encontro, decidiu que tinha de causar boa impressão. Abrandou o passo e com as mãos ajeitou o cabelo e alisou o vestido.

Lá estava ele, sentado numa das mesas de exterior, com um jornal na mão e a maleta preta pousada no chão junto à cadeira, e levantou-se assim que a viu. Sorriu-lhe e indicou-lhe a cadeira ao lado da dele.

— Vejo que recebeste o meu bilhete. Fico muito contente por teres vindo.

— Obrigada pelo convite, mas não me posso demorar, é impensável chegar atrasada ao trabalho — disse Aurora, um pouco envergonhada.

— Precisava de te ver e pensei que gostarias de me acompanhar no café matinal. Gosto de vir aqui ler o jornal antes de ir para o hospital — e depois, deteve-se. — O teu cabelo fica tão bonito com a luz da manhã — disse ele, sorrindo. E deu-lhe a mão, por baixo da mesa. Sentiu os dedos dela, suaves, a retribuírem o toque.

Aurora não quis beber café, disse-lhe que lhe fazia o coração muito acelerado e que se sentia estranha e Pedro riu-se, explicando-lhe que a cafeína tem aquele efeito em algumas pessoas. Ele gostava, porque lhe ajudava à concentração. Conversaram um pouco e acabaram por se despedir à pressa, com um suave beijo na face, porque o tempo passou demasiado rápido. Mas Pedro prometeu que se voltariam a encontrar, ele daria notícias. E Aurora desejou que o tempo passasse rápido.

Francisca

O Natal era sempre uma altura difícil para ela. Lembrava-lhe aquele fatídico dia: a excitação de ter a árvore cheia de luzes e cores, a magia dos presentes e o contraste da expressão fechada da avó, quando lhe veio dizer que todo o seu mundo ia mudar. Tinha oito anos.

Nessa altura viviam na Suíça, o pai trabalhava na embaixada e tinham uma vida boa. Viviam numa casa grande com um lindo jardim, onde Francisca adorava correr. Tinha um quarto com uma janela que dava para as montanhas e uma cama de dossel. Era filha única, mas todos os dias pedia mais irmãos para ter companhia. Ficava horas a brincar com o seu serviço de chá no jardim, a servir amigos imaginários e a dar festas exclusivas, enquanto a mãe cuidava das flores, que tratava «como gente», como ela dizia.

O pai passava o dia a trabalhar, mas chegava a casa bem-disposto, e a mãe fazia questão de estar tudo perfeito nessa altura, com a música preferida no gira-discos, o jantar preparado e o *whisky* favorito dele junto à poltrona, onde ele se sentava assim que chegava. E a sua menina Francisca, impecavelmente vestida e penteada para beijar o pai. Os dias eram longos e agradáveis, tudo parecia saído de um qualquer conto de fadas. Foi uma infância feliz.

Depois, tudo mudou.

Depois da morte dos pais, num trágico acidente de viação, ficou decidido que Francisca iria para um colégio interno. Os avós nunca gostaram da agitação que as crianças trazem e eram defensores de que a disciplina era essencial. Não lhes passava pela cabeça criarem a neta na sua casa, pois era fundamental que ela tivesse a melhor educação possível. Por isso, Francisca continuou na Suíça, mas passou a viver num colégio.

No dia em que os avós a deixaram naquele enorme palácio que seria a sua casa nos próximos anos, pensou que nunca mais poderia ser feliz. As paredes eram escuras, as professoras que a receberam tinham um ar sério, as colegas envergavam uniformes austeros e feições que esboçavam pena e desprezo em

simultâneo. Muito provavelmente já todas sabiam a história da menina que ficou órfã de mãe e de pai.

Os avós deram-lhe um abraço breve e desejaram-lhe que aproveitasse, porque nem todos tinham aquela oportunidade, de estudar num dos melhores colégios do mundo.

Porém, Francisca não queria estudar no melhor colégio do mundo. O que ela queria era ter de volta os seus pais, a sua casa, os seus brinquedos. Tinha a sensação de estar a viver um pesadelo e, de vez em quando, inconscientemente, beliscava-se, para ver se conseguia, finalmente, acordar e encontrar o sorriso meigo da mãe e a ternura do seu beijo matinal.

Durante o primeiro ano no colégio, chorou todas as noites. Mas aprendeu a não fazer barulho no dormitório, porque logo nos primeiros dias as suas lágrimas foram alvo de chacota por parte das meninas que partilhavam o quarto com ela. E as raparigas podiam ser muito más nos comentários que faziam. Mesmo quando os avós a iam buscar para as férias, sentia-se infeliz.

À medida que o tempo passava, foi aprendendo a viver no colégio e a suportar aquela nova vida. Aprendeu que se não se levantasse ao toque da campainha de acordar, tinha tarefas nos intervalos. Aprendeu a fazer a cama e a dobrar a roupa. Aprendeu quais eram as colegas em quem podia confiar e as que adoravam pregar partidas, como pôr pasta de dentes na almofada quando se iam deitar. Aprendeu qual a professora que os deixava copiar e as aulas em que nem respirar mais alto se podia. Aprendeu que havia uma sala secreta no sótão, para onde os mais crescidos iam, às escondidas, ouvir música num giradiscos e fumar.

Descobriu a sala do sótão numa das tardes em que andava à procura da sua amiga Susan pelos corredores do colégio. Era um sábado chuvoso de inverno e não tinham nada para fazer, por isso resolveram jogar às escondidas — continuava a adorar aquele jogo, apesar de já ter 13 anos.

Susan era ótima a esconder-se e Francisca estava completamente perdida, sem imaginar onde ela se teria enfiado. Acabou por ir dar a umas escadas estreitas e escuras da ala norte e achou que ela provavelmente teria ido por ali. Não se lembrava de alguma vez ter estado naquela zona do colégio. As escadas terminavam numa porta velha de madeira, que estava entreaberta. Ouviu risos e decidiu assustar Susan.

Entrou de rompante na divisão e deparou-se com um grupo dos mais crescidos: três raparigas do dormitório dos 15 anos e dois rapazes totalmente desconhecidos, que Francisca não fazia ideia como era possível terem entrado no colégio — a entrada de rapazes era absolutamente proibida e ouviam-se

histórias de meninas expulsas por terem deixado entrar amigos.

Estavam todos com um ar surpreso, mas, acima de tudo, em pânico.

— Como é que nos encontraste?

— Eu... estava a jogar às escondidas... eu não queria...

A mais alta, Linda, fechou a porta e disse-lhe em tom ameaçador:

— Se sonhas em contar a alguém sobre este sítio, podes ter um acidente e cair da torre mais alta do colégio. O que te parece?

Francisca estava calada e assustada. Um dos rapazes sorriu, puxou um cigarro que acendeu e disse, tranquilamente:

— Deixem a miúda em paz. Gosto dela. Passa a andar connosco. Senta-te, miúda!

E com um gesto, chamou-a para o pé dela e abraçou-a.

Francisca achou tudo muito estranho, mas tinha tanto medo de Linda que nem recuou, tolerando aquele estranho abraço.

A partir desse dia, aos fins de semanas, encontrava-se com Linda, Teresa, Anne, Greg e Trevor naquela sala do sótão. Deixou de brincar com Susan e sentia que afinal ainda era possível divertir-se naquele cinzento e austero colégio interno. Como via os outros a fumar, também experimentou. Achou péssimo, mas não deu parte fraca e sempre que lhe passavam um cigarro, fumava com ar satisfeito. Assim, tornou-se parte do grupo, e o que ela mais queria era sentir que pertencia a alguma coisa.

Trevor, depois da primeira vez que se encontraram, passou a pedir-lhe sempre para se sentar ao pé dele. Tinha 17 anos e era ele e o amigo que traziam os cigarros, que compravam a um amigo na vila mais próxima. Ambos frequentavam um colégio masculino ali perto, mas não estavam em regime de internato. Tinham encontrado no verão anterior uma entrada para o colégio feminino e acharam que era uma das mais fantásticas aventuras que podiam ter.

Um sábado, quando se estavam a despedir, Trevor sussurrou a Francisca que se encontrasse com ele depois do pôr do sol, na vedação perto dos estábulos do colégio. Nessa altura, já Francisca achava que ele era o rapaz mais simpático e corajoso que conhecia e, se ele a tinha defendido, ela também faria tudo por ele.

Por isso, arranjou maneira de fingir uma dor de barriga ao jantar e foi. Quando lá chegou, ele estava encostado à vedação, com o seu ar charmoso. De cigarro no canto da boca, esboçou uma expressão marota.

— Anda, quero-te mostrar uma coisa.

Foram os dois para o estábulo dos cavalos. Ele deu-lhe a mão e

percorreram o corredor ladeado de magníficos cavalos, muitos deles espreitando pela sua portinhola. Francisca fez uma festa a cada um e demoraram-se a ler as tabuletas com os nomes.

No final do corredor, havia um grande monte de palha e deixaram-se cair os dois de costas, entre risos. Foi aí que ele a beijou, pela primeira vez. Ela já estava à espera de um beijo e respondeu atabalhoadamente. Já o conhecia bem demais e suspeitava que aquele encontro não fosse para averiguar o estado dos estábulos ou para decidir qual o cavalo mais bonito. Depois, Trevor começou a desabotoar-lhe a camisa da farda. Tocou-lhe nos mamilos, primeiro devagar, depois de forma mais intensa. Não sabia muito bem o que fazer em relação àquilo, sabia-lhe bem, mas achava que ia correr muito mal se alguém os visse.

Suavemente, levantou-lhe a saia. E quando Francisca se apercebeu, estava deitada na palha, com Trevor em cima de si. Sem perceber muito bem o que estava a acontecer, Trevor estava dentro dela. Sentiu dor e achou que aquilo não estava certo, tentou recuar, mas foi impossível.

— Larga-me! Deixa-me! Estás a magoar-me!

Gritou o mais alto que pode por socorro, enquanto esbracejava e se tentava libertar, mas sem sucesso. E ali, afastados do edifício principal, ninguém a ouviria. Era tarde e todos já deviam estar nos dormitórios.

Trevor parecia possuído e só a largou após um longo gemido. Levantou-se bruscamente, puxou as calças e acendeu um cigarro. Não lhe disse uma palavra, virou as costas e desapareceu, deixando-a em lágrimas.

Camila

Ali era tudo diferente. O calor era insuportável a maioria dos dias, mas ela gostava. Adorava usar roupa leve, sentir o corpo quente, comer aquelas frutas exóticas das árvores. Adorava os dias longos e a pele bronzeada. A casa onde viviam ficava numa pequena aldeia perto da mina de diamantes, onde Manuel trabalhava em Angola e, para Camila, aquele lugar era um verdadeiro paraíso.

No dia em que Manuel chegou a casa com a notícia de que tinha de ir trabalhar para África, sentiu o seu sonho de uma vida aparentemente perfeita ruir. Não se imaginava sozinha anos a fio enquanto o marido estava num lugar longínquo, de onde chegavam histórias estranhas e, muitas vezes, más notícias — doenças, mortes, guerra. Mesmo que tal pudesse significar que poderia continuar a trabalhar como parteira na aldeia, como sempre sonhara. Ao lado de Manuel tinha novos sonhos e planos a dois.

Manuel era um dos mineiros mais empenhados e Camila sabia que essa era uma das razões pelas quais o tinham escolhido para trabalhar nas minas no Ultramar. Ele era forte, as adversidades não o demoviam e conseguia motivar toda a gente, mesmo em alturas em que o trabalho se tornava muito complicado. As minas de diamantes em África eram um desafio, porque para além da extração não ser fácil, era preciso lidar com os constantes ataques e roubos. A violência fazia parte da vida dos mineiros. Mas se ele recusasse, seria certamente despedido. Então e Camila? O que faria?

Tinham uma vida confortável dentro do possível. A parteira Graça estava a ficar cada vez mais velha e cansava-se facilmente. Diziam que era o coração que estava a falhar. Todos os dias eram um desafio para sair de casa. Tinha os pés inchados desde manhã cedo e a falta de ar incomodava-a muitas vezes. Agora, era Camila que fazia os partos na aldeia e era ela que ia a casa das mulheres grávidas para se assegurar que tudo corria bem. Tinha aprendido muito nos últimos anos. E quando tinha dúvidas sobre como agir, perguntava a Graça.

Esta mudança de rumo parecia uma partida do destino. Podia não ir com o marido e ficar na aldeia, a fazer o que sabia fazer bem, mas provavelmente passaria a vida sozinha — sabia-se lá quando acabaria aquela guerra e quando regressariam os homens.

Mas e se fosse, o que iria fazer? Diziam que África era tão diferente de Portugal, que imaginava que também as grávidas e os partos fossem diferentes. E claro que seria difícil ganhar a confiança das grávidas perante uma perfeita desconhecida, de modo a poder ajudar nessa hora tão importante da vida de uma mulher.

Confessou as suas dúvidas a Graça, numa das visitas que lhe fazia. «Fica ao lado do teu homem», tinha-lhe dito. «As mulheres grávidas são tão diferentes quanto iguais. Vais saber o que fazer.»

Depois de muito pensar, decidiu que ia. O marido ainda a tentou demover, mas Camila podia ver, no seu sorriso disfarçado, que ele estava satisfeito por ter companhia. E nessa noite, como todas as noites, fizeram amor apaixonadamente e juraram ser felizes juntos, em qualquer parte do mundo.

Contra todas as expectativas, Camila adorou a nova vida. A casa onde ficaram instalados era confortável, as pessoas que ali viviam eram simpáticas, e havia um maravilhoso lago bem perto dali, onde passava horas a mergulhar para se refrescar.

Tratava da casa, preparava as refeições para os homens levarem para o trabalho e, com o tempo, foi fazendo amizade com as outras mulheres dos mineiros. Tentou ser amigável e percebeu que muito do que sabia em termos de cuidados de saúde na gravidez também eram boas recomendações para se ter saúde no dia a dia, pelo que ia dando dicas importantes a quem morava por ali.

As mulheres foram deixando que ela se integrasse no grupo e, em pouco tempo, cozinhavam e costuravam juntas, enquanto conversavam sobre o tempo ou sobre os mosquitos. Manuel andava também satisfeito, apesar de o trabalho ser duro e de passar o dia fora de casa.

Alguns meses depois de terem chegado àquela pequena aldeia em Angola, Camila percebeu que estava grávida.

O seu período já não aparecia há duas luas, notava os seios maiores e mais sensíveis, tanto que ficava incomodada quando Manuel os acariciava à noite. Tinha uma vontade imensa de comer fruta, mas o cheiro da carne deixava-a com o estômago às voltas. Aquelas coisas todas que Graça lhe tinha ensinado que aconteciam às mulheres grávidas estavam a acontecer-lhe e Camila achava

que estava a viver uma experiência maravilhosa. Finalmente, tinha chegado a sua vez naquele extraordinário milagre da vida.

Rapidamente começou a notar um volume no fundo da barriga. O seu bebé. Manuel ficou radiante quando soube, mas logo franziu a testa, denotando alguma preocupação:

— Será seguro ele nascer aqui? Não há médico, enfermeiros e o hospital mais próximo é a quinhentos quilómetros! Camila, tens de voltar. Voltas para Portugal, o bebé nasce lá e assim que puder também volto!

Mas Camila não estava preocupada. Então não era ela uma parteira? Ensinaria algumas coisas às suas vizinhas para que quando a altura chegasse lhe dessem uma ajuda, mas, na maioria dos casos, sabia que a natureza faria a sua parte. Até lá, alimentar-se-ia bem, beberia muita água todos os dias, sempre fervida, e tudo faria para que ela e o bebé ficassem saudáveis. Já tinha muito cuidado para não ser picada pelos mosquitos e tentava afastar-se de todos os bichos venenosos que por ali andavam.

— Estar grávida é a coisa mais natural do mundo. A mulher foi feita para ter filhos. Aqui ou na nossa terra, tenho a certeza que tudo vai correr pelo melhor. Vamos só ficar felizes pelo nosso filho, sim? Sem preocupações.

Sorriu-lhe docemente, daquela forma que Manuel achava absolutamente irresistível. Ficou mais tranquilo, afinal de contas sabia que Camila já era uma boa parteira, não havia razão para as coisas correrem mal. E, à mínima suspeita, voltariam para Portugal.

Por volta dos quatro meses de gravidez, Camila começou a sentir os primeiros pontapés. Estavam sentados na rua num final de dia, a partilhar uma refeição. A fogueira estava acesa, para afastar os animais que por ali vagueavam à noite. A lua brilhava alta no céu, quase parecia de dia e estava um calor sufocante. Já há alguns dias que tinha a sensação de ter borboletas a esvoaçar na barriga, mas naquele dia foi algo mais forte. Era um pontapé, tinha a certeza.

O filho de ambos estava ali. E ia nascer naquele paraíso. Era tudo perfeito.

Margarida

Era a segunda urgência de vinte e quatro horas da semana. Ou seria a terceira? Já não se lembrava bem. Aquele seu primeiro ano de internato tinha passado num ápice. Agora, percebia verdadeiramente o que significava o termo *interno*.

Margarida passava os dias e as noites no hospital. Era a primeira a chegar, falava com os enfermeiros sobre como os doentes tinham passado a noite e atualizava os diários clínicos antes da chegada do resto do pessoal. Tinha as histórias clínicas na ponta da língua — depois de no primeiro dia ter passado uma das maiores vergonhas da sua vida, decidiu que nunca mais a apanhariam desprevenida. Até o pai se admirava de a ver já no hospital quando chegava. Muitas vezes tomavam o pequeno-almoço juntos, mas, nessa altura, já Margarida tinha adiantado a visita ao serviço.

Mesmo quando a escalavam para acompanhar os outros cirurgiões no bloco operatório ou nas consultas, nunca deixava de ver os doentes da enfermaria, apesar de saber que, nessas alturas, havia outro interno responsável por essa tarefa. Sentia que eram os seus doentes. E aqueles que estavam no serviço há semanas ou meses eram quase da sua família — pelo menos era assim que os via. Não os podia deixar ficar mal.

Adorava quando a punham no dia de urgência, na pequena cirurgia. Aí, conseguia fazer bastantes procedimentos, principalmente suturar cabeças e outras partes do corpo que necessitavam de uns pontos. Muitas vezes a tarefa árdua era segurar o doente, em particular, no caso das crianças, por isso tinha sempre uma espécie de parceria com os enfermeiros para tratar disso enquanto ela tratava da ferida o mais rapidamente possível.

Havia dias em que chegava a casa e nem apetite tinha para jantar. Simplesmente caía na cama e acordava, no dia seguinte, ao som do seu despertador, que tocava de madrugada. Naquele ano tinha perdido bastante peso. Não era coisa que a incomodasse, porque, na realidade, tinha pouco tempo para comer e quanto mais magra estava, menos lhe apetecia comer. No

tempo que lhe sobrava, tentava estudar e rever os mais recentes artigos científicos. Quanto ao *ballet*, tinha ficado para trás há muito tempo.

Mas Aurora e Teresa estavam a dar com ela em doida, porque ambas insistiam que devia abrandar o ritmo e ter tempo para dormir e comer.

Há meses que deixara de passar tempo com Teresa, porque, na realidade, não conseguia. Ela insistia para que Margarida sáísse mais e tivesse outros interesses, precisava de conhecer alguém. Um namorado fazia-lhe falta, garantia ela. E se não sáísse daquelas quatro paredes brancas — era assim que Teresa chamava ao hospital —, então ia certamente acabar com um enfermeiro ou mesmo um médico e ter uma vida infeliz, porque, entre os turnos de ambos, só iriam dormir juntos umas duas vezes por mês. Teresa também lhe garantiu que outra solução seria instalar uma aplicação para encontros, certamente uma espécie de inteligência artificial seria capaz de lhe arranjar o par certo, já que ela não tinha tempo para isso. E depois era só estar atenta ao aviso sonoro. «*Voilà!* Encontro marcado com o homem dos teus sonhos!», tinha dito a amiga, muito animada com aquela ideia vencedora. Margarida não sabia muito bem o que pensar disto tudo e escolheu ignorá-la. Sentia-se bem a ser interna.

Aurora andava preocupada, porque achava que Margarida não se estava a alimentar bem e tinha um aspeto cada vez mais pálido. As boas cores das férias já tinham desaparecido há muito. Talvez fosse verdade, mas, pelo menos, cuidava dos seus doentes. E era a única interna do primeiro ano de Cirurgia Geral que já tinha uma série de cirurgias como primeiro cirurgião no currículo, porque também os médicos mais velhos reconheciam o seu esforço.



Naquele dia de saída de banco, não se lembrava bem onde tinha deixado o carro — outra vez. Noites a fio sem dormir pregam destas partidas à memória. O parque de estacionamento do hospital era enorme e no meio de centenas de veículos e com apenas trinta minutos de descanso naquela noite, simplesmente não se conseguia lembrar.

Quando Ana saiu, viu-a com um ar desorientado.

— Então, o que se passa? Não devias estar a descansar?

— Estava a tentar lembrar-me onde deixei o carro. Sinceramente, não faço a menor ideia. Aliás, já nem sei bem há quantos dias estou no hospital. Mas

tive uma cirurgia espetacular esta noite, tivemos um politraumatizado e deixaram-me ficar durante toda a intervenção. Apreendi imenso! Mas agora estou mesmo a precisar da minha cama e de um bom pequeno-almoço. Estou com aquela sensação de cabeça vazia, sabes?

— Pois, percebo-te perfeitamente. Muitas vezes, acontece-me o mesmo... de me esquecer onde deixei o carro. É sinal que estamos mesmo a precisar de dormir tranquilamente num sítio que não uma sala com um velho sofá e livros empoeirados. Olha, umas férias agora eram coisa para me deixar muito entusiasmada! Se calhar precisamos as duas!

Ana ajudou-a a procurar nas inúmeras filas de carros estacionados nas traseiras do hospital.

— Não tens um *Nissan* preto? Está mesmo aqui, ao lado do jipe do Dr. Miguel — apontou Ana, para o carro estacionado a uns metros de onde estavam.

Mas Margarida nem respondeu. Tinha caído no chão, inconsciente.

Aurora

Passou dias a sonhar com aquele beijo. Dias e noites.

Adormecia a sentir o toque suave dos lábios de Pedro na sua boca, o ligeiro cheiro a éter que ele trazia agarrado às suas roupas, os seus dedos macios no seu rosto. Naquele fim de tarde em que se beijaram no parque, sentiu que era a pessoa mais feliz do mundo. Subitamente, esqueceu-se que era a menina pobre do bairro, que não tinha estudos nem futuro. Naquele instante, o mundo tornou-se num lugar perfeito. E, depois aquela manhã, na esplanada da pastelaria... O sorriso dele, a maneira como lhe deu a mão. Eram perfeitos um para o outro, era o que ela sentia. E ele prometeu que se veriam novamente.

Tinha pensado convidá-lo para fazerem um piquenique na próxima vez que se encontrassem. Podia fazer a sua famosa tarte de frango e levaria morangos para sobremesa, daqueles muito doces que cresciam no canteiro do fundo do seu quintal. Ou quem sabe, podiam ver o mar juntos. Ainda só tinha ido duas vezes com Marta, mas achava que era mágico e gostaria muito de partilhar aquele azul infinito com Pedro. Também tinha ouvido que havia um teatro de revista maravilhoso em cena na cidade, se juntasse mais algum dinheiro ao que já tinha, conseguiria comprar um bilhete e podia sugerir a Pedro acompanhá-la — acreditava que se divertiriam imenso os dois.

Todos os dias imaginava programas a dois e um futuro comum. Até se atreveu a imaginar como seria casarem e terem filhos, mas depois ficou envergonhada, porque sentiu que estava a sonhar alto demais. O que tinha a certeza era que estava apaixonada por Pedro Souto.

No entanto, Pedro nunca mais deu notícias nem a procurou.

Nunca mais apareceu no parque, onde ela regressou vezes sem conta ao mesmo sítio, à mesma hora onde se tinham encontrado. Nunca mais o viu sair de casa, nem nas horas habituais de saída para o hospital. Desapareceu sem deixar rasto. Ela já devia saber que os contos de fada não existem.

A lengalenga da mãe surgiu-lhe na mente: ela tinha de namorar e casar com alguém do mesmo meio. Queria tanto provar à mãe que não tinha razão e

que o amor era capaz de vencer tudo, ultrapassar a barreira das classes, resolver preconceitos. Por isso, tinha acreditado que seria capaz de conquistar o coração daquele bem-parecido jovem médico e que, mesmo sendo tão diferentes, poderiam ficar juntos — mas, pelos vistos, enganara-se.

Primeiro, achou que Pedro devia ter algum trabalho importante, daqueles que exigem muitos dias no hospital. Talvez um caso complicado ou algum exame. Mas quando passaram dias e depois semanas sem o ver, percebeu que o mais provável era aquele beijo ter sido somente um beijo, nada mais. Enquanto ela sonhava com um amor entre os dois, ele seguia a sua vida e nem sequer se lembrava que ela existia.

Aurora acabou por se conformar e continuar a trabalhar normalmente na casa dos Pimentel. Contudo, não conseguia evitar olhar para a esplanada da pastelaria todas as manhãs, na esperança de o ver. Por vezes entrava com a desculpa de espreitar os bolos do dia, que estavam na pequena montra, carregados de doces de ovos e amêndoas, porque, quem sabe, ele estaria por ali a beber um café e a ler o jornal.

A mãe começou a estranhar que andasse tão calada e perguntava-lhe frequentemente se estava doente.

— Não, está tudo bem — era a resposta que invariavelmente dava.

Passou a comer pouco, a deitar-se cedo para não haver hipóteses de conversa com a família, a evitar os amigos. Queria esquecer-se dele, mas, na sua mente, a imagem de Pedro não se apagava, muito menos o seu toque ou o seu cheiro.

A amiga Marta apareceu uma tarde em sua casa, para perceber o que tinha acontecido. Há semanas que não estudavam juntas e pressentiu que algo se passava.

— Olá, Aurora! Nunca mais apareceste! Aprendi tantas coisas novas! Vais adorar quando te mostrar!

— Desculpa, não tenho tido muita paciência para ir estudar contigo. Ando ocupada com o trabalho.

Fecharam-se no quarto de Aurora para estarem mais à vontade, como habitualmente faziam. Ficou um silêncio estranho. Aurora tossiu ligeiramente, depois começou a bater com a ponta do pé na secretária, sem nunca conseguir olhar diretamente para Marta.

— Mas vais-me contar, afinal, o que se passa? Morreu alguém ou quê?

Nesse instante, como uma represa que subitamente desmorona, Aurora começou a chorar convulsivamente, quase sem conseguir respirar, como se o

mundo lhe tivesse fugido entre os dedos.

Esteve assim muito tempo. Marta abraçou-a e deixou-a ficar, envolta em lágrimas, nos seus braços. Quando finalmente acalmou, murmurou:

— Já passou. Passou e não quero pensar mais nisso. Nem falar sobre o assunto.

— Mas é algum rapaz? Alguém te partiu o coração, foi isso? Diz-me quem é que eu vou lá falar com ele. Não te consigo ver nesse estado, nem pareces tu!

— Esquece isso, Marta. Vamos falar de outra coisa. Quero mesmo esquecer.

Marta sabia que Aurora podia ser extremamente teimosa algumas vezes. E que não valeria a pena insistir. Por isso, achou que a melhor maneira de ajudar a amiga seria estudarem juntas — isso iria conseguir distraí-la, quem sabe animá-la e tirá-la daquele humor depressivo.

— Olha, ando a aprender francês! Já imaginaste? Se souber falar francês, um dia posso ir a Paris! Passear naquela cidade tão chique, quem sabe usar aqueles maravilhosos vestidos franceses, ou até conhecer um francês simpático, que me beije a mão e faça tudo por mim. Não era fantástico? O melhor é aprenderes comigo, nunca se sabe se nos sai a sorte grande!

Aurora esboçou um sorriso tímido. Marta pegou em papel e num lápis e começou a escrever algumas palavras de francês, enquanto as pronunciava devagarinho. «É uma língua bonita, soa bem», pensou Aurora. E passado pouco tempo, já andava entusiasmada com os «*bonjour*» e os «*monsieur*» e, pela primeira vez, em muito tempo, deixou de pensar em Pedro.

Francisca

Diziam-lhe que estava cada vez mais bonita. Até mais gordinha, ela que sempre fora tão magra que, tantas vezes, era motivo de troça das colegas mais velhas. Agora, repentinamente, invejavam as suas curvas. E os seus seios, que estavam tão redondos. Afinal, já tinha quase 14 anos.

Reparou, num dos dias em que se observava ao espelho, que lhe doíam quando tocava neles. Os mamilos estavam mais escuros. Não devia ser nada, pensou primeiro. O cabelo estava mais brilhante e forte, a pele resplandecente. Estava a crescer. Faltava pouco para ser adulta, para ter controlo da sua vida, para sair daquele colégio.

Mas depois ficou subitamente assustada, quando se apercebeu que a menstruação já não aparecia há dois meses. Ou seriam três? Não se lembrava. Tinha ficado numa espécie de torpor desde aquele encontro com Trevor, alguns meses antes. Percebeu que os rapazes não eram de confiança. Tinha ficado assustada, perturbada, revoltada. Ficou com marcas no corpo e na alma e passou muitas noites em claro a tentar perceber o que poderia ter feito para o ter evitado. Sentia que tinha sido atacada, desrespeitada, e tinha decidido que nunca mais na vida deixaria que tal acontecesse. Mas nunca tinha ousado falar a ninguém sobre o que acontecera.

Trevor tinha voltado tranquilamente ao grupo que fumava às escondidas no sótão, mas nunca mais trocaram uma palavra. E ela afastou-se deles, com a desculpa que tinha de se dedicar mais ao estudo.

Agora, não sabia o que fazer. Achava que podia estar grávida, porque tinha encontrado um livro na biblioteca que falava sobre gravidez e estavam lá todos os sintomas que tinha. Grávida! Não, não podia ser. Se descobrissem, iam expulsá-la pela certa do colégio e nem imaginava o que os avós fariam. E ela, o que ia fazer com um bebé? Detestava bebés, não se conseguia imaginar com um. Era um cenário totalmente impossível.

Percebeu que a suspeita se confirmava quando a barriga começou a crescer. Deixou de conseguir dormir à noite, em pânico, sem vislumbrar saída para

aquela situação. Não podia deixar que ninguém desconfiasse.

Descobriu na biblioteca alguns livros sobre gravidez, que levava às escondidas para o quarto. Leu tudo o que encontrou sobre o assunto. Decidiu que ia alimentar-se pouco, porque não queria que aquele bebé crescesse. Todos os dias, antes de sair da cama, colocava uma faixa a apertar a barriga o máximo que tolerava. Usava roupas largas e não deixava que as colegas de quarto a vissem sem o uniforme ou o pijama. Ia disfarçar o máximo de tempo possível aquela barriga até arranjar maneira de se livrar daquele indesejado bebé.

Na sua tentativa de impedir que alguém descobrisse o seu segredo, acabou por se isolar e dedicou-se completamente aos estudos. Rapidamente, tornou-se na melhor aluna do colégio.

Aos fins de semana podiam ir até à povoação mais perto, desde que fossem em grupos com uma responsável do último ano. Naquele sábado, decidiu ir com as mais velhas, porque já não aguentava esconder-se e passar dias a fio sem conversar e sem companhia. Devia estar no quarto ou quinto mês de gravidez, pelas suas contas.

Anne e Maria eram as responsáveis do grupo, mas não estavam preocupadas com Francisca nem com as outras duas mais novas. Falavam incessantemente sobre a prima da amiga de uma delas, que tinha engravidado antes do casamento e cuja única solução que encontrou foi tirar o bebé, porque os pais não aprovavam o seu namorado. Diziam que ela tinha ido à bruxa da aldeia e que com um chá especial a gravidez tinha desaparecido.

— De que é que estão a falar? Uma bruxa? — perguntou Francisca, com o coração a bater muito depressa, mas tentando manter-se tranquila.

— Francisca, os homens não são de confiança, é isso que estamos a dizer. E se te deixarem enganar, já sabes que é a velha bruxa que tens de procurar!

— Que parva, Anne! Para de dizer isso à miúda! Ela quer lá saber de rapazes. Não tem ar de quem se meta nestas coisas.

— Bom, Maria, eu só estava a dizer que nunca se sabe. Olha, é ali que ela mora, naquela casa! — apontou Anne, enquanto passavam junto a uma bonita casa, com um letreiro à porta que dizia «Costura por medida».

Francisca estava com as mãos a suar e a respiração acelerada. Sentia o bebé a mexer-se com força na sua barriga, mas o que ela queria mesmo era acabar de vez com aquele pesadelo. E ali estava a solução. Se havia maneira de tirar o bebé, era isso que teria de fazer.

Entraram na casa de chá, onde costumavam parar para uma bebida. Sentaram-se numa grande mesa de madeira escura com bancos corridos, do

lado que ficava junto a uma das janelas. O empregado veio rapidamente atender os pedidos, pois já sabia que aquele grupo de meninas do colégio era bastante barulhento e preferia que o serviço fosse rápido para não correr o risco de incomodar os restantes clientes.

Francisca pediu um chocolate quente, tal como as restantes raparigas, mas, após o primeiro golo, disse que não se estava a sentir bem. Levantou-se, foi para a casa de banho, mas assim que teve a certeza de que não a iriam ver, saiu da casa de chá e dirigiu-se à casa da costureira. Bateu à porta e aguardou nervosa.

Camila

Ainda faltavam dois meses, mas já estava com uma barriga enorme. Manuel tinha partido há quinze dias, para trabalhar temporariamente noutra mina que tinha ficado com pouco pessoal.

— É só por um período — tinha dito. — Volto antes de o bebé nascer. Só precisam de mim um mês e ainda falta algum tempo para o nosso pequeno vir conhecer o mundo. Pelo menos, mais duas luas, não é o que tu dizes?

Camila ficou apreensiva. Ansiosa. Tinha um mau pressentimento, mas agora não ia dar parte de fraca. Afinal, ela tinha escolhido ficar em África e ter o filho deles ali. Não contava com este novo afastamento. Manuel tinha o dom de a tranquilizar, de a fazer feliz. E se o bebé resolvesse nascer antes de tempo e ele não estivesse ali? O médico mais perto estava a três horas e o hospital a uma distância ainda maior.

— Vai correr tudo bem. Ele vai esperar pelo pai. E, se for apressado, tu és a melhor parteira de sempre. Vais dar conta da situação.

Queria acreditar naquelas palavras de Manuel, mesmo antes de este partir, com a promessa de regressar brevemente. Tentou ocupar-se das coisas do dia a dia, como sempre. Já tinha conversado com as outras mulheres da aldeia, para perceber se alguém poderia ajudar no parto. Todas respondiam, invariavelmente, a mesma coisa: que quando era preciso ajuda para os bebés nascerem, tinham de chamar a Feiticeira Negra. E só a chamavam quando as mães não conseguiam ter os bebés sozinhas. Ela sabia sempre quais os que iam viver e os que não sobreviveriam.

As histórias desta feiticeira pareciam-lhe sempre uma grande fantochada. Quem lhe dera ter ali a Graça! Ela saberia o que fazer se o bebé estivesse sentado ou se estivesse com dificuldade para nascer. Aquela tal feiticeira, pelo que ouvia, acendia umas fogueiras estranhas e queimava ervas, mas não compreendia como isso ajudava uma mulher em trabalho de parto. Feitiços seriam uma perda de tempo numa situação de aflição, mas ali tudo era diferente e ela tinha de respeitar os costumes.

A sua barriga estava realmente grande. O bebé iria nascer com um bom peso, com certeza. E mexia-se muito, o que significava que estava saudável. Por isso, resolveu ignorar os seus maus pressentimentos e aproveitar para preparar a roupinha para o bebé e os lençóis para a pequena caminha que, antes de ir embora, Manuel tinha construído com aquela madeira que ela tinha escolhido.

Camila começou a acordar cada vez mais cedo, incomodada, sem posição para descansar. Levantava-se e fazia um chá, mas sentia uma espécie de moinha nas costas. Todos os dias se repetia este cenário, mas numa madrugada aconteceu.

Ainda o sol não tinha nascido, quando se levantou com uma dor intensa nas costas. E depois, sentiu algo quente pelas pernas. Um líquido claro. Ficou em pânico, porque ainda era cedo. Muito cedo, e sabia o que podia acontecer aos bebés que não conseguem esperar os nove meses.

Saiu de casa a custo, e arrastou-se até à casa da sua vizinha Maria. Bateu à porta com força e Maria percebeu que estava na hora. Camila já não conseguiu regressar a casa, tal era a força das contrações.

Maria deitou-a na sua cama, com lençóis lavados, depois de ter pedido ao marido para ir chamar as outras mulheres.

— É agora, Maria! Tens de me ajudar! Mas é tão cedo!

— Respira, Camila, vai correr tudo bem. Tu consegues, estamos aqui.

Camila percebeu que não conseguia tolerar a dor deitada. Por isso, levantou-se e caminhou pelo quarto, soprando como ela e Graça ensinavam a fazer. Pediu a Maria que enchesse uma tina de água quente e meteu-se lá dentro, o que lhe aliviou temporariamente a dor. Ali, dentro de água, ficou mais calma e pensou que tinha de tomar controlo da situação.

Nessa altura, lembrou-se de Manuel e pediu que lhe enviassem uma mensagem, que o avisassem de que o filho de ambos ia nascer. Sabia que ele viria o mais rapidamente possível, mas o mais provável era que o correio demorasse alguns dias e que só ao fim de uma semana ele conseguisse voltar.

Sabia que agora era com ela e com o bebé. Estava na altura da parteira ter o seu próprio bebé.

Margarida

O fim de semana tinha sido tranquilo e conseguira finalmente descansar. Depois daquele desmaio à porta do hospital, achou que estava mesmo na hora de reduzir o ritmo. Nesse sábado, tinha decidido não ir ao hospital, como habitualmente fazia, só para verificar se os doentes da enfermaria estavam estáveis. Mesmo assim, não conseguiu evitar telefonar para o enfermeiro de serviço.

— Sim, Dra. Margarida, está tudo bem. Se houver alguma alteração no estado de saúde dos seus doentes, nós ligamos. É fim de semana, não precisa de vir ao hospital, lembra-se? Descanse, que não queremos internos a desmaiar, aí é que o diretor de serviço passa a usar a palavra «inúteis» mais frequentemente.

Margarida ficou relativamente descansada e cumpriu a promessa de não pensar em Medicina por dois dias. Na verdade, tinha ficado assustada com aquele episódio no estacionamento no hospital. Não se lembrava de ter desmaiado assim e esperava mesmo que fosse só da exaustão.

A colega, ao vê-la cair inconsciente, tinha dado o alerta de imediato e um enfermeiro, que por ali passava, ajudou-a a trazer uma maca onde a deitaram. Despertou logo de seguida, confessando que estava cansada e que ainda não tinha tomado o pequeno-almoço — depois de uma noite inteira a pé.

Por precaução, fizeram-lhe soro para a hidratar. O enfermeiro Jorge picou-lhe, com alguma dificuldade, uma veia, o que indiciava que, de facto, devia estar desidratada do trabalho prolongado.

O pai, que já estava no seu gabinete no serviço de Cirurgia, tinha sido avisado e veio com um ar muito sério e com alguma preocupação disfarçada, mas ela, nesta altura, já conversava tranquilamente com Ana e com o enfermeiro Jorge. Sentia-se bem melhor.

— Margarida, um cirurgião tem de saber até onde pode ir. Levante-se e vamos tomar o pequeno-almoço juntos, sim? Sente-se melhor?

O pai não era homem de muitas palavras, mas soube bem sentir que ele se preocupava. Levantou-se com um sorriso na cara e acompanhou-o de braço dado até ao bar.

Pediu duas tostas mistas, que sabia que a filha adorava, e dois cafés — o de Margarida cheio e polvilhado com canela.

Olhou para ela — estava pálida, com olheiras, mas, naquele momento, parecia feliz. Já há alguns dias que não tomavam o pequeno-almoço juntos. Ele andava numa fase atarefada com questões burocráticas, escalas de urgência, problemas administrativos e financeiros e ela, interna de cirurgia, certamente a dar tudo por tudo — como ele, em tempos. Ficava orgulhoso, mas preocupado ao mesmo tempo, porque sabia que aquela vida era dura. Escolher ser médico significava abdicar de muitas coisas, em particular de tempo com os filhos. Tinha faltado a festas e reuniões de escolas, aniversários e espetáculos. Tentava ir, mas havia sempre uma urgência, uma reunião, uma cirurgia mais demorada, um paciente a precisar dele. Tinha feito muitas escolhas difíceis. Algumas mesmo muito difíceis, das quais se tinha arrependido para o resto da vida. Se pudesse voltar atrás...

O telemóvel dele tocou nesse momento.

— É a tua mãe, já deve ter ouvido o que se passou. Vou lá fora para a tranquilizar, não consigo ouvir nada com este barulho de fundo.

O enfermeiro Jorge estava no bar junto à sua mesa, a conversar com um médico novo ali no hospital. Quando se apercebeu que o Dr. Souto se levantou, aproximou-se para confirmar que ela estava bem.

— Estou ótima. Daqui vou direta para casa, para um belo sono de beleza.

— Ouvi dizer que aqui exploram os internos até à exaustão e que eles andam por aí a desmaiar de cansaço. Verdade? — perguntou o recém-chegado que estava com o enfermeiro, com um sorriso matreiro.

— E o doutor, é? — quis saber Margarida.

— Miguel, o mestre da Neurocirurgia! Prazer, doutora.

— Margarida. Sou uma das internas exploradas até à exaustão. Perfeitamente feliz, obrigada. A esperar um dia também ser uma *expert* em várias áreas.

— O Dr. Miguel estava só a brincar, Margarida — suavizou o enfermeiro Jorge.

— Claro! Já se sabe que ser interno significa exatamente isso: dormir no hospital, viver no hospital, respirar o ar do hospital. Se não estiver farta, apareça no bloco de Neurocirurgia e não me importo que assista a algumas cirurgias interessantes — sugeriu Miguel.

— Muito obrigada, doutor, mas hoje a Dra. Margarida vai direta para casa — explicou o pai de Margarida, que tinha chegado, entretanto, e interrompeu a conversa. — E parece-me que o chamam do bloco.

— Bom, o dever chama! As melhoras, Dra. Margarida! Espero vê-la novamente.

Margarida foi para casa, depois de partilhar o pequeno-almoço com o pai. Foi ele que a levou. E informou-a que naquele fim de semana iria ficar a descansar — e que não, não iria fazer mais aquela urgência extraordinária.

Decidiu, contrariada, que ia seguir os conselhos do pai. No sábado dormiu até ao meio-dia e depois saiu com Teresa para almoçar, após ter confirmado que estava tudo bem no hospital.

Foram àquela pizaria que adoravam, com vista para o rio. Estava um dia bonito. Tinham decidido que sempre que saíam juntas, deixavam os telemóveis no carro, para não passarem o tempo a viajar nas redes sociais e a colocar fotos de comida no Instagram. Ao princípio, tinha-lhes custado, agora era uma espécie de ritual que não dispensavam.

— Tenho uma novidade para te contar! Nem fazes ideia do que aconteceu ontem! — começou Teresa, muito entusiasmada, sem conseguir resistir a mostrar o anel brilhante que lhe enfeitava o dedo.

— Uau! Parabéns! Temos casamento! Estava mais que na altura do grande acontecimento! Fico muito feliz por ti. Temos de comemorar com um copo do melhor tinto do restaurante!

— Ah! Ah! Ah! Ah! Bem, já estás mesmo bem-disposta! Fiquei preocupada com aquela cena de ontem, desmaios e tudo. Tens de aproveitar mais a vida, Margarida! O que ganhas em passar dias no hospital, dormindo mal? Olheiras, cabelos brancos e rugas! Tens de ter tempo para um copo de vinho! E para me ajudares a organizar o casamento! Já sabes que és a minha dama de honor, portanto prepara-te para trabalho a sério, para deixar esta recém-noiva completamente feliz!

O empregado trouxe uma garrafa de vinho. Brindaram, beberam com calma, e conversaram durante toda a refeição. Partilharam uma entrada e uma piza. Margarida tinha pouco apetite, Teresa estava tão eufórica que pouco comeu, com mil ideias para o casamento.

Margarida acabou por contar a Teresa todas as cirurgias em que conseguiu ajudar na semana anterior — e, porque sabia que tudo aquilo era tão importante para Margarida, Teresa mostrou interesse. Acabou por ouvir novamente a história do desmaio e de como apareceu o tal neurocirurgião ao

pequeno-almoço.

— Portanto, ele é giro, senão nem reparavas nele!

— Bom, pensando bem, parecia... Hum!... interessante, vá. Mas já é especialista, é mais velho, às tantas, é casado e pai de filhos. Já sabes que cirurgiões raramente usam alianças, porque no bloco operatório perde-se tudo! E eu tenho de me concentrar no meu internato de cirurgia, não me parece que ele me ajude nisso — disse ela, piscando o olho a Teresa.

Demoraram-se no almoço e ainda decidiram passar nas lojas da Baixa, que agora estavam abertas mesmo ao fim de semana, para fazer umas compras. Foi uma tarde boa.

Margarida só voltou a pegar no seu telemóvel já em casa, ao fim da tarde. Quando entrou no Facebook, tinha um pedido de amizade de um tal Miguel, que não fazia ideia de quem poderia ser. Abriu o perfil e reconheceu a fotografia. Era giro, sim. Carregou no botão que dizia «Confirmar».

Aurora

Adorava aquela hora. O pôr do sol. Achava sempre que tudo ficava mais bonito com aquela luz. E ela estava feliz, repetia mentalmente para si própria.

Na realidade, não se podia queixar. Tinha um trabalho e tinha saúde. Há algumas semanas, tinha sido dispensada da casa dos Pimentel, que deixaram de precisar dela com a saída dos filhos do casal, mas foram amáveis o suficiente para lhe arranjar em tempo recorde uma casa para trabalhar.

Agora, cozinhava, engomava e limpava na casa da dona Glória — e fazia-lhe companhia. A dona Glória era simpática, mas muito exigente com tudo. As refeições tinham de estar prontas a horas certas: o pequeno-almoço às sete, o almoço ao meio-dia e o jantar às dezanove. Nem um minuto a mais ou a menos, ou havia sermão. Ela cozinhava razoavelmente quando ali começara em funções, dada a experiência que trazia como ajudante de cozinha, mas tinha melhorado muito ao longo do tempo. Gostava de juntar especiarias improváveis, adicionar ingredientes pouco habituais e inventar as suas próprias receitas. A cozinha era espaçosa e luminosa, e ela sentia-se bem lá. Os maiores desafios eram as refeições de fim de semana, quando toda a família vinha partilhar o almoço com a matriarca, mas, até então, tinha-se saído bem e recebido sempre bastantes elogios.

Tudo tinha de brilhar naquela casa e nem um grão de pó podia assentar, era sabido. Por isso, grande parte do dia era passado a limpar, esfregar e polir. A parte preferida do dia para Aurora era ler para a senhora idosa, que adorava histórias, mas tinha «a vista cansada», como ela própria argumentava, para conseguir tratar do assunto sozinha. Tinha sido essa a razão pela qual Aurora tinha conseguido aquele trabalho, ao contrário da grande maioria das meninas que lá tinham trabalhado, que não sabiam ler.

Ao final do dia, a caminho de casa, passava sempre na casa da amiga Marta. Já não a via desde o verão, altura em que esta tinha vindo à aldeia com o seu marido, o Jean Pierre, um francês de bigode engraçado, que a parecia deixar nas nuvens. Marta morava agora em Paris, para onde tinha ido exercer

as funções de secretária de Jean Pierre na empresa da família deste. Tinha conseguido terminar o curso que tanto queria e arranjado o emprego, graças a uns conhecimentos que tinha feito durante o mesmo. Rapidamente se apaixonaram e casaram, e a amiga tinha agora a vida com que sempre sonhara. E as aulas de francês tinham dado bastante jeito; foi graças à sua fluência na língua que conseguiu o emprego que a levou até ao marido.

Mas era André a razão das visitas diárias de Aurora. Tinham ficado mais próximos desde há uns meses, quando se começaram a cruzar a meio da manhã na mercearia da aldeia. Aurora ia comprar legumes e ovos, André passava lá, muitas vezes, para comprar material para o seu patrão. Durante muito tempo, trocaram o habitual «bom dia», mas numa manhã chuvosa, André sorriu-lhe de maneira diferente e ofereceu-lhe o seu guarda-chuva e, à porta da casa da dona Glória, onde a foi levar para lhe dar uma ajuda com as compras, deu-lhe um beijo. Foi um beijo rápido, tímido, quase um beijo roubado, entre a fúria do vento que teimava em tentar virar o guarda-chuva e a água que caía em gotas pesadas. Mas soube-lhe bem.

Depois do beijo, passou a noite a pensar em Pedro. Naquele beijo no parque, naquilo que sonhou que teriam e que era impossível. Foi um sono agitado. Quando acordou, decidiu mais uma vez que ia esquecer Pedro. A sua vida tinha de seguir e havia caminhos que eram simplesmente impossíveis. André parecia um bom rapaz, gostava dela, os pais já o conheciam, seria tudo fácil. Podia ser feliz com ele. Iria aprender com o tempo, a ser feliz com ele. Teriam filhos, uma casa, uma família. E a vida seguiria, com cada um no lugar onde devia estar.



Ali, no parque, ao pôr do sol, parecia que tudo estava no lugar certo. Fechou os olhos e respirou fundo. Daí a pouco, André apareceria na sua casa para irem jantar só os dois. Ficou feliz com o convite, mas, ao mesmo tempo, estava... insegura. Por isso, tinha decidido ir dar uma volta para arejar as ideias até à hora combinada, para se libertar daquela sensação desconfortável de estar a fazer a escolha errada. Acabou no exato local onde ela e Pedro se tinham beijado.

Subitamente, sentiu alguém aproximar-se por trás e tapar-lhe os olhos. Pensou logo na sua amiga Marta, de quem se esperava que viesse brevemente

visitar a família e que adorava fazer-lhe surpresas. Sentiu uma respiração leve na orelha e soube que estava enganada. O coração começou imediatamente a bater de forma descontrolada e demasiado alta.

Pedro sussurrou-lhe um «Olá!» ao ouvido e depois virou-a para si. Abraçou-a inesperadamente, como se ela fosse a pessoa mais importante do mundo e já não se vissem há uma vida.

— Pensei que podias estar aqui — disse ele. — Precisava de te ver outra vez. Já não aguentava mais.

Ela deu um passo atrás e baixou o olhar.

— Dr. Pedro, como está? — disse num tom de indiferença, o melhor que conseguiu arranjar, esforçando-se para que a voz não lhe falhasse. — Queira desculpar-me, mas tenho de voltar ao trabalho, a dona Glória está à minha espera, com licença.

— Aurora, espera! Não me trates assim, com essa distância. Temos de falar, pensei tanto em ti. Eu sei que somos muito diferentes, mas tu fazes com que o meu coração sinta coisas que eu não consigo explicar. As últimas semanas têm sido bastante penosas, sei que nunca mais dei notícias, mas tens de compreender que ando atarefado com a medicina e...

— Dr. Pedro, não tem que se desculpar. Desejo-lhe uma carreira de muito sucesso. Vejo, claramente, que os nossos caminhos são diferentes e não tem de se estar a preocupar comigo.

— Aurora! Mas o que se passa contigo? Não me digas que não sentiste o mesmo que eu, com aquele beijo? — e, em jeito de repetição e como que a forçar a recordação, puxou-a para si e beijou-a.

Foi um beijo imposto ao início, que se tornou em apaixonado e intenso. Aurora teve de ceder. Baixar barreiras e deixar-se levar por aquela onda de emoções que a assolapou sem aviso. Em segundos, estava com uma sensação de estar a flutuar e todo o mundo parecia fazer sentido e estar no lugar certo. Não sabia dizer ao certo quanto tempo durou, mas sabia que podiam ficar assim para sempre.

Ficaram abraçados muito tempo, sem que nenhum falasse. Por fim, Aurora pareceu cair em si e repentinamente foi atingida pela imagem de André à sua espera para irem jantar.

— Pedro, eu... não posso ficar. Já tenho um compromisso. E, nós os dois, não faz nenhum sentido.

— Não quero saber disso, Aurora. Por favor, dá-me uma oportunidade. Podemos encontrar-nos amanhã e levo-te até à cidade, o meu pai ofereceu-me um carro novo, vais adorar passear nele. Depois, logo pensamos no que fazer.

Se acreditares em nós, aceita por favor.

Pedro explicou-lhe que ela era muito importante para ele, mas que a sua família o pressionava a fazer determinadas escolhas. A mãe tinha-se apercebido de que os dois andavam juntos, porque os viu na pastelaria naquela manhã e tinham tido uma grande discussão. Era uma idiotice, claro, mas a mãe soube que ela era a empregada da dona Glória e proibiu-o de a ver novamente. Mas ele tomava as suas próprias decisões e, ao longo daquelas semanas em que não se viram, tinha descoberto, com toda a certeza, que era com ela que queria estar.

— Tu também sentes o mesmo, não sentes? Já não consigo lutar mais contra esta vontade constante de estar contigo, de te tocar, de te beijar... não quero saber do resto do mundo, quero ficar contigo, Aurora. Não me interessa o que dizem os meus pais, quero saber se também me amas. Se sim, então vamos enfrentar o mundo juntos, amanhã vem ter a minha casa para um passeio, a minha família vai conhecer-te e vai acabar por compreender que fomos feitos um para o outro — disse Pedro, beijando-a novamente.

Mais uma vez, não conseguiu resistir a deixar-se levar pelo beijo e pela envolvimento de Pedro Souto. Aurora queria acreditar que a relação deles era possível. Queria muito. Por isso, contra tudo o que a sua cabeça lhe gritava, seguiu o seu coração e concordou. No dia seguinte, iria a casa de Pedro para passearem juntos no tal carro novo e quem sabe conhecer a sua família. E depois logo se via.

— Sim, Pedro, eu amo-te! Mesmo. Se tu soubesses... o que eu mais quero no mundo é estar contigo. Fazes-me sentir coisas que não consigo controlar, que eu sei que não são adequadas a alguém como eu. Sim, estou disposta a arriscar.

Despediram-se no meio de mais beijos e carícias e Aurora foi o caminho para casa a pensar que desculpa usaria para não ir jantar com André nessa noite.

Francisca

Passou a noite a gemer e a arder em febre. Tentava fazer o menor barulho possível, mas estava a perder o controlo da situação. Sentia tonturas, arrepios de frio e estava alagada em suor. Tinha dores fortes, muito fortes e sentia que continuava a perder sangue. No dormitório do colégio, todas dormiam menos ela.

Tinha batido timidamente à porta da costureira, naquela tarde. Como ninguém respondeu e a porta estava entreaberta, entrou. Ouvia-se o barulho de uma máquina de costura a funcionar e numa sala escura estava uma senhora de cabelo apanhado num carrapito no alto da cabeça, rodeada de tecidos variados. Mexia na máquina de costura com desenvoltura.

— Precisa de algo, menina? — interrogou, sem sequer levantar os olhos do que estava a fazer.

Francisca estava assustada, mas sabia que aquela seria provavelmente a sua única saída. Respirou fundo.

— Precisava de ajuda. Penso que já ajudou outras raparigas como eu.

O barulho da máquina parou subitamente e a costureira olhou-a nos olhos.

— Quanto tempo?

— Acho que três meses. Ou quatro. Mas não tenho a certeza. Pode ajudar-me?

— Quatro meses? Muito bem.

A costureira pegou num papel pequeno e rabiscou qualquer coisa com um velho lápis que tinha pousado numa pequena mesa ao lado da máquina de costura. Depois entregou-lhe o papel.

— Traz esta quantia. Já estás de bastante tempo e não vai ser fácil, daí não ser barato. Em dois dias, depois das sete, quando as lojas estiverem fechadas, vem aqui ter comigo e tratamos do assunto.

— Não consigo vir durante a semana, é muito difícil sair do colégio. Só temos autorização para sair ao fim de semana, preciso de ser o mais discreta

possível.

— Não, espero por ti em dois dias. Arranja uma maneira e traz dinheiro, nada de cheques. Vá, desaparece!

Francisca regressou à casa de chá, ainda lá estavam as colegas a discutir quem era o rapaz mais giro do 11.º ano do colégio vizinho. Nem tinham dado pela ausência dela.

Agora tinha esperança de conseguir resolver o seu problema. Já só precisava de conseguir sair do colégio sem que ninguém se apercebesse. Bebeu o resto do seu chocolate quente, agora quase frio. Provavelmente, usaria a mesma desculpa que usou na vez em que se encontrou com Trevor — se fingisse uma dor de barriga, evitava a hora de jantar e era a altura ideal para tratar daquele assunto.

Foi fácil pedir o dinheiro à avó, argumentando que precisava muito de comprar novos uniformes e substituir a sua pasta de Artes. Tinha uma espécie de mealheiro no colégio, bastava a sua avó dar autorização e o dinheiro podia ser levantado de imediato.

Já passava das nove da noite quando se conseguiu escapar depois do jantar e se dirigiu à casa da costureira. Ela abriu a porta, sussurrando um «Pensei que já não vinhas.» e indicando para onde devia entrar. Depois, foi tudo muito rápido.

Francisca recordava-se do cheiro a éter, de se ter deitado numa cama e de uma espécie de ferro que lhe doeu horrores e a pôs a sangrar. Sentiu que saía alguma coisa, mas não perguntou nada. A costureira disse que aquilo tudo era normal, que nos próximos dias ia ter a menstruação e que depois tudo ficaria bem.

Mas não ficou.

Nos dois dias seguintes sentiu-se fraca e maldisposta. O sangue não parava e as dores pioravam. Justificou-se como tendo comido alguma coisa estragada, nem referiu nada sobre menstruação, porque já sabia que eram assuntos completamente proibidos no colégio. Estava amarela e com os olhos encovados, mas o pior eram mesmo as dores.

Naquela noite, já não sabia o que fazer. Estava com muito, muito frio e uma dor imensa. Decidiu levantar-se para ir à casa de banho. Talvez refrescando o rosto se sentisse melhor. Assim que se tentou pôr de pé, tombou com um estrondo para a cama da colega que dormia mesmo ao lado e que, apesar de ter geralmente um sono pesado, acordou e foi a correr chamar ajuda.

Quando o médico chegou ao colégio, já tinham colocado Francisca na enfermaria. O seu estado tinha piorado substancialmente e já não reconhecia ninguém. Dizia coisas sem nexo e chamava pela mãe.

O doutor examinou-a e perante o que via, pois ninguém sabia dar-lhe uma história clínica coerente, decidiu que ela tinha uma infeção grave, possivelmente relacionada com a menstruação. Era sabido que as mulheres, na altura do período, ficavam mais sensíveis a apanhar todo o tipo de infeções. Preparou, de imediato, uma injeção de penicilina e determinou que teria de fazer injeções diárias até que a febre baixasse. Seria também necessário arrefecer o corpo com toalhas molhadas para tentar controlar a febre.

Francisca perdeu a noção do tempo que tinha passado, quando finalmente acordou daquele torpor em que se encontrava desde que caiu no dormitório. Doía-lhe a cabeça e sentia-se com muita sede, mas, pelo menos, já não tinha dores no fundo da barriga. A enfermeira que estava a cuidar dela deu-lhe água e, depois de beber dois copos de seguida, adormeceu novamente, com a convicção que ia ficar tudo bem. Estava finalmente resolvido, foram os seus últimos pensamentos antes de cair num novo sono profundo.

Camila

Tinha estado quase quarenta e oito horas em trabalho de parto, desde que a bolsa rompeu e começou a sair o líquido que protegia o bebê. Era transparente e isso era uma boa notícia. Quando o líquido era verde, era mau sinal, geralmente o bebê nascia com dificuldade em respirar e nem sempre ficava bem.

Camila teve dores muito fortes de cinco em cinco minutos, que nem a queima das ervas especiais que as outras mulheres tinham trazido, aliviavam. Lembrava-se de como ensinavam as grávidas a respirar, ela e Graça, e tentava fazer o mesmo. Mas não era nada fácil.

Esteve deitada, andou, tentou sentar-se, enquanto massajava as costas e respirava. Não havia nenhuma posição confortável. Quando a dor começava, a barriga ficava muito dura e ela não se conseguia sequer mexer, depois começava a aliviar, mas tinha sempre um desconforto grande nas costas. Trouxeram-lhe água, mas ela recusava tudo. Estava aflita, preocupada, porque era cedo demais para o bebê nascer, desamparada por não ter o marido por perto e por estar tão longe do seu país — e de Graça, que saberia sem dúvida o que fazer.

Ao fim das primeiras doze horas, estava exausta e suspeitava que o nascimento ainda estava bem longe. O que a consolava era sentir os movimentos do bebê, o que significava que ele estava forte, a aguentar aquele desafio consigo. Uma das mulheres propôs-se a trazer a Feiticeira Negra, mas Maria, que estava ao seu lado como um cão de guarda, já sabia que Camila iria recusar. E recusou.

As mulheres iam-se revezando para cuidar dela. Ao fim de algum tempo, começou a aceitar água e pequenas porções de um caldo de carne que tinha sido preparado para lhe dar forças. Infelizmente, não parecia estar a resultar em grande medida. As dores continuavam, mas Camila não sentia vontade de fazer força, como habitualmente sentem as grávidas, quando a dilatação está

completa e o bebé está prestes a nascer. Algo não estava certo.

Ao fim do segundo dia, começou a dormir, dada a exaustão, despertando a cada contração. Nessa altura, Maria decidiu que estavam sem opções e mandou chamar a tal feiticeira.

A Feiticeira Negra era uma mulher de cabelo branco e pele escura. Chegou silenciosamente, com um bastão na mão e várias argolas no pescoço longo. Aproximou-se de Camila, pôs-lhe as mãos na barriga e começou uma estranha cantoria. Ao fim de algum tempo, olhou para as restantes mulheres que se encontravam no quarto de Maria e, no dialeto local, explicou que este parto era um problema muito grande.

— Problema? Mas o que se passa? — perguntou Maria, assustada, ao lado de uma Camila inconsciente.

— Bebé em má posição. Segundo bebé em má posição. Bebés presos. Muito difícil salvar bebés. Muito difícil salvar mãe.

Ouviu-se um burburinho assustado. Dois bebés? Gémeos?

— Por favor, ajudem-me! — gritou subitamente Camila. — Não aguento mais, por favor!

— Camila, tens de ter calma! São dois bebés — disse Maria. — E não estão em boa posição para nascer. Ela diz que vai tentar ajudar-te. Vamos conseguir, ouviste?

— E o Manuel? Por favor, chamem o Manuel! — gritou, antes de se contorcer novamente com dor.

A feiticeira pediu silêncio. Somente Maria e outra mulher tiveram indicação para estarem presentes. Ia tentar virar os bebés, processo que, avisou, seria muito, muito doloroso para a mãe. Era a única maneira de os salvar e de salvar a mãe.

Pediu para fazerem um chá com folhas de uma planta de um formato estranho, e deram-no a beber a Camila. Alguns instantes depois, parecia que Camila estava numa espécie de transe e a barriga tinha ficado muito mole, e foi então que a feiticeira começou.

Colocou uma das mãos por entre as pernas de Camila, para tentar chegar ao primeiro bebé, e outra por cima da barriga. O primeiro estava sentado e a cabeça estava presa no irmão, que estava de cabeça para baixo. Depois de algumas manobras, pediu às ajudantes para fazerem pressão no fundo da barriga de Camila, que não sabia bem onde estava e não conseguia colaborar.

Maria começou a ver que um dos bebés estava a nascer, mas não de cabeça. Viu-se o rabinho surgir no meio das pernas de Camila, o cordão umbilical e depois as pernas ficaram penduradas. Mas depois dos ombros, a descida

parou. A cabeça parecia não passar. A feiticeira cantava, enquanto observava a descida do bebê, mas quando este ficou preso empurrou-lhe parte do tronco novamente para cima e tentou afastar a cabeça do segundo que, apressado, tinha trancado a cabeça do primeiro.

Foi difícil e demorou muito tempo. Camila já estava a perder sangue, porque as placentas estavam a começar a descolar. Finalmente, nasceu o primeiro bebê, muito azul e sem chorar. A feiticeira pegou nele e passou-o a Maria, dizendo: «Não vivo.»

Depois, entre o sangue que saía em golfadas do interior de Camila, saiu o segundo bebê, também sem chorar e com um ar inerte. Foi imediatamente passado à segunda mulher e, nessa altura, a feiticeira começou a massajar com muita força o útero de Camila através da barriga, até saírem as placentas e o sangue parar. Depois, deu-lhe a beber um outro chá que tinha pedido para prepararem.

— Mãe vive. Bebés não. Dia bom. Mãe vive.

Repetiu várias vezes esta frase e desapareceu silenciosamente.

Margarida

Pegou na escova de desinfecção cirúrgica. Com a parte rija, começou pelas unhas. Toda a potencial sujidade alojada entre as unhas e a pele tinha de desaparecer. Depois, com a esponja, começou a esfregar minuciosamente cada dedo, nas suas quatro faces e entre eles. Depois o pulso e o antebraço até ao cotovelo. Finalmente, a passagem por água, tendo o cuidado de manter sempre as mãos mais elevadas que o cotovelo. A lavagem e desinfecção das mãos era uma das grandes armas dos cirurgiões contra as infeções. Margarida sabia que na pele existem milhares de microrganismos, potencialmente causadores de infeções, e, se forem parar a outro lado — como ao abdómen de um paciente, durante uma apendicectomia —, podem ser muito prejudiciais e causar abscessos, por exemplo.

Estava muito concentrada neste processo, para, em seguida, entrar no bloco operatório com o seu orientador de formação, onde iriam dar início a mais uma cirurgia. Não se apercebeu de que alguém se tinha aproximado e punha em funcionamento outra das torneiras para começar o mesmo processo até já estarem lado a lado. Foi o perfume que lhe deu o alarme, aquele cheiro inconfundível a *Jean Paul Gaultier*.

Alguns dias antes tinha-o sentido pela primeira vez, na fila da cantina, quando estava com Ana à espera da sua vez, alguns lugares atrás do Dr. Miguel. O infame neurocirurgião, que lhe tinha pedido amizade pelo Facebook, acompanhado de uma curta mensagem, perguntando-lhe se estaria melhor, esperando vê-la em breve. Claro que se veriam em breve, trabalhavam no mesmo hospital — foi o que ela pensou, mas, em vez de responder, foi espreitar as fotos dele. O Dr. Miguel aparecia na praia, a fazer esqui, num *barbecue* com amigos, a fazer *surf*, no campismo... parecia ser um verdadeiro amante da natureza. Concluiu que tinha um sorriso bonito e uns olhos malandros. O físico também não estava nada mal, verificou numa foto dele na praia, na qual se podiam ver os abdominais bem definidos. Ficou sem perceber

se teria namorada ou mulher, porque surgia em várias fotos com algumas raparigas, mas pareciam-lhe demasiado novas, talvez fossem primas ou amigas. Ou filhas, não fazia ideia.

Nesse dia, acabou por ter de se sentar na mesma mesa que ele, dada a escassez de lugares — o arroz de pato da dona Alice era muito popular no hospital, segundo a Ana, era mesmo o único prato comestível da cantina. Margarida não era assim tão esquisita com a comida, mas tinha de admitir que aquele era um prato bastante concorrido. Sentaram-se nos dois lugares livres da mesa corrida, já ocupada por vários colegas, e Margarida acabou por ficar mesmo em frente ao Dr. Miguel.

— Vejo que já está recuperada, Dra. Margarida, está com excelente ar!

Ana simulou que se engasgava para não desatar a rir com aquele elogio tão descarado, mas Margarida não se desmanchou.

— Muito obrigada, doutor, felizmente os internos ainda vão tendo alguns fins de semana livres para descansar. Está bom o arroz, não acha?

— Sim, está ótimo! Mas ainda gosto mais do arroz de pato daquele restaurante, *O Stop*, junto ao rio. Que tal lá irmos os dois este fim de semana para a Margarida provar? Aproveitava para a pôr a par do nosso programa de Neurocirurgia para os internos de Cirurgia, claro.

Ana voltou-se a engasgar, desta vez a sério. Teve mesmo de se levantar e avisou, entre esgares e uma tosse intensa, que precisava de beber um pouco de água. Margarida pediu desculpa e levantou-se para a seguir. Já no corredor, junto à casa de banho, Ana ria a bandeiras despregadas.

— Assustaste-me! Já estás bem? — perguntou Margarida.

— Bem, aquele tipo não perde tempo! De onde é que ele saiu? Tinha ouvido dizer que o hospital tinha contratado um neurocirurgião, após a saída do Dr. Hélder, mas estava longe de imaginar este cenário. E está-se a fazer a ti à frente de toda a gente!

— Hum, acho que está só a ser simpático. Ele estava presente no outro dia, naquela cena do desmaio. Ficou preocupado, deve ser só isso.

— A convidar-te para almoçar ou jantar juntos fora do hospital? Preocupação excessiva, não achas? — disse Ana, com um tom irónico.

Foi então que tocou o telemóvel da urgência de Margarida. Atendeu prontamente.

— Vamos. Estão a trazer um politraumatizado, precisam de nós na sala de reanimação. Temos de deixar o «Dr. Jeitoso» para outra altura.

Entre consultas, enfermaria e urgência, Margarida nunca mais se tinha

lembrado de Miguel nem do seu convite para o tal restaurante. Tinha passado uma semana. E agora ali estava ele e o seu perfume inebriante. Continuou a esfregar as mãos e antebraços e esperou que ele nem desse por ela, com a máscara e touca podia ser que passasse despercebida.

— Apêndice? — perguntou ele.

— Colectomia laparoscópica — respondeu ela.

— Café, depois? Da máquina automática aqui no bloco? Pago eu.

— Claro. Ninguém recusa um café desta máquina — disse Margarida ironicamente.

Voltou a inspirar aquele perfume. Jesus, aquele tipo era insistente. E cheirava deliciosamente.

A cirurgia correu bastante bem. Estava a ganhar muita destreza nas laparoscopias, os cursos que andava a fazer aos fins de semana, a praticar em simuladores, estavam a dar resultados. O seu orientador já a deixava ser primeira-cirurgiã a grande maioria das vezes, porque lhe reconhecia valor. O seu pai dizia-lhe que a cirurgia convencional aberta era a mais importante, aquela na qual ela devia focar-se, mas Margarida discordava. Cada vez mais, o futuro era a cirurgia minimamente invasiva. Era nisso que queria apostar — tratar os doentes com o mínimo de dano, uma recuperação mais rápida, menos dor.

— Obrigada a todos, excelente trabalho de equipa! — agradeceu Margarida, tirando cuidadosamente o fato cirúrgico e saindo da sala operatória. E lá estava ele, encostado à máquina de café à porta do bloco.

— A minha ainda foi mais rápida que a sua. Correu bem? — perguntou Miguel.

— Bastante bem, obrigada — disse Margarida. — Pode ser cheio e sem açúcar — disse, piscando o olho.

— Sim, senhora, é para já!

Como tinham algum tempo antes da cirurgia seguinte, deixaram-se levar pela conversa. Margarida descobriu que Miguel estava há três meses no hospital, tinha vindo de Coimbra para substituir o Dr. Hélder, que se tinha reformado. Tinha feito lá a especialidade, mas a oportunidade de trabalhar na capital pareceu-lhe irrecusável. Vivia num apartamento alugado na Baixa e ainda andava a explorar a cidade. Ela contou-lhe que estava no segundo ano da especialidade de Cirurgia Geral, que tinha bastante trabalho, mas que adorava. Entretanto, uma enfermeira veio chamar o Dr. Miguel, a cirurgia seguinte estava a começar e precisavam dele na sala.

— Eu bem disse que o café aqui era bom. Bom trabalho, Dra. Margarida,

falamos depois! — disse ele, saindo apressadamente, deixando um rasto a *Jean Paul Gaultier* e um brilho nos olhos de Margarida.

Aurora

Tinha conseguido evitar André, com a desculpa de que estava indisposta por ter comido algo estragado. Teve de ficar deitada e fingir uma dor de barriga para que acreditassem lá em casa. Até que não foi difícil, ficou a sentir-se um bocadinho mal por estar a mentir, mas pensou que valia a pena. André tinha aparecido à hora combinada, ficou algo desiludido por terem de cancelar os planos, mas, prático como era, deixou um recado sugerindo que combinassem para outro dia, sem problema.

No dia seguinte, Aurora tinha acordado milagrosamente curada e saiu cedo para o trabalho, para garantir que conseguia dar conta do que tinha para fazer nesse dia e sair a horas. Passou o dia tão contente que quase flutuava. Limpou a casa rapidamente e os cozinhados para o almoço saíram na perfeição e foram bastante elogiados. Saiu um pouco antes das quinze da casa da dona Glória e correu para sua casa.

Tinha combinado ir ter com Pedro às quatro da tarde para darem um passeio no tal carro que o pai lhe tinha oferecido. Tinha de estar bonita, não o queria envergonhar!

Passou a ferro um vestido que a amiga Marta lhe tinha emprestado, que tinha vindo diretamente de Paris, última moda francesa. Viu-se ao espelho e achou que não estava nada mal. Pôs um pouco do batom, que tinha guardado para ocasiões especiais e uma pincelada de *blush* para ficar com um ar mais saudável.

Como aquela era a sua tarde de folga, tivera mais que tempo para se preparar — e para ficar impaciente. Decidiu sair um pouco mais cedo e dar um passeio nas redondezas da casa de Pedro, para fazer tempo até à hora combinada. Não queria pensar que se podia cruzar com a mãe dele, não se sentia preparada para isso. Mas confiava nele, se Pedro achasse que esse passo era importante, então ganharia coragem. Ninguém os iria separar.

Havia algumas pessoas na rua, nos seus afazeres. Viu passar o amolador e o

Sr. José, que vendia pão. Corria uma ligeira brisa fresca, que fazia flutuar as pequenas flores que enfeitavam as árvores. Ao fundo da rua, viu estacionada uma carrinha *Citroën* de grandes dimensões, que reconheceu imediatamente. Aurora era das mais entusiasmadas pela chegada da carrinha-biblioteca, com a possibilidade de poder ler mais um livro, de conseguir viver uma nova aventura, experienciar mais uma paixão. Era a maior vantagem de saber ler — sentia-se com uma espécie de superpoder perante todos aqueles livros, todo aquele conhecimento. De imediato, dirigiu-se para lá, a imaginar que novo livro poderia escolher.

A notícia da chegada da carrinha já tinha atraído um grande número de pessoas. Naquela zona mais rural, o aparecimento da biblioteca itinerante era um acontecimento muito emocionante. Havia crianças e adultos a trocar os livros, que tinham levado emprestados para ler, por outros. Aurora não tinha com ela o seu para devolver, contava fazê-lo mais tarde, mas achou que podia passar os olhos pelos títulos disponíveis. Afinal, ainda tinha tempo.

Aproximou-se da carrinha e cumprimentou o senhor que lá estava, a entregar e receber livros. Tinha um bigode engraçado e uns óculos redondos, era a primeira vez que o via ali. Foi simpático e perguntou-lhe se procurava algo de especial. Aurora respondeu-lhe que gostava muito de romances e ele deu-lhe algumas sugestões que lhe pareceram bastante boas. Certamente, voltaria no dia seguinte para levar um daqueles livros.

Estava a despedir-se do senhor do bigode engraçado quando os viu na outra extremidade da rua. Um carro cinzento brilhante, muito bonito, parou em frente a uma das enormes moradias daquela rua. Uma figura masculina saiu do banco de trás e dirigiu-se ao outro lado do carro, abrindo a porta respeitosamente. Alguém saiu.

Era Pedro, conseguiria reconhecê-lo a quilómetros. Aquele andar, o porte distinto. Mas não a conhecia a ela. À bonita mulher que o acompanhava, a quem ele ajudou a sair do carro, a quem ele beijou em jeito de despedida. Na cara, era certo, mas pareceu-lhe tudo muito íntimo. Conversaram alguns instantes, até que ela voltou a entrar no carro, ajudada pelo motorista.

Pedro ficou a ver o carro afastar-se e depois entrou em casa, certamente para se preparar para o encontro com Aurora.

Francisca

Ali estavam, finalmente, as pautas com as notas do final do ano. Tinha tido nota máxima a todas as disciplinas. Os avós teriam de ficar orgulhosos. Mas mais importante que tudo, tinha feito dezoito anos, terminado o ensino secundário ali no colégio e já há muito que decidira voltar a Portugal. Ia ser médica.

Tinham-lhe dito que o mundo da Medicina não era para mulheres, mas ela tinha outra ideia. Sabia que podia dar um contributo tão válido quanto o de um homem. Na verdade, nunca mais conseguira confiar em nenhum, desde o que lhe acontecera com Trevor. Haveria muitas mais como ela, tinha a certeza. Felizmente, ninguém tinha percebido bem o que se tinha passado, ou teria sido expulsa do colégio. Seria um escândalo gigantesco: uma aluna grávida e, pior ainda, ter feito um aborto. Além disso, seria certamente impossível provar que a culpa tinha sido do Trevor. Só sabia que tinha estado em perigo de vida após a decisão de interromper aquela gravidez, apesar de, na altura, não ter tido realmente noção. Achava que a tal costureira sabia o que estava a fazer e não tinha ideia de que uma infeção ou uma hemorragia decorrente de um aborto clandestino lhe podiam ter custado a vida. Foi por um triz. Conseguiu recuperar, ultrapassar e dedicou-se com toda a garra aos estudos, até se tornar na melhor aluna do colégio. «Aquele assunto» estava morto e enterrado no seu passado.

Agora, tinha ali a sua recompensa. Estava na altura de fazer as malas, porque estas notas davam-lhe acesso ao que mais queria — ser médica.



Os avós de Francisca continuariam na Suíça. Diziam que já não sabiam viver em Portugal, falavam dos hábitos portugueses com desdém e da maneira

«simplória» como se vivia no país. Mas garantiram que não lhe faltaria nada. Compraram-lhe uma casa na zona nobre nos arredores da cidade com a ajuda do advogado da família, contrataram duas empregadas, um jardineiro e uma cozinheira. O motorista tinha indicação para a levar onde ela bem entendesse no carro novo em folha, que estava estacionado à porta da grandiosa moradia — excessiva, no entender de Francisca, mas dentro dos padrões a que a sua família estava habituada. O percurso até ao hospital, onde funcionava a faculdade de Medicina, era relativamente curto e podia ser feito todos os dias de carro, para que Francisca permanecesse no conforto do lar. Tinha atingido a maioridade, por isso já tinha acesso à fortuna que tinha herdado com o falecimento dos pais e sabia que não iria passar necessidades.

Acordou bem cedo naquele dia. O seu primeiro dia no imponente edifício onde funcionava o hospital universitário da faculdade de Medicina. Tinha aquela sensação de borboletas na barriga, algo que devia ser provavelmente explicado de forma simples numa das cadeiras da faculdade, mas cuja origem, por agora, permanecia um mistério para ela.

O motorista deixou-a à porta. Viam-se grupos de jovens muito bem vestidos, maioritariamente homens. Poucas mulheres, como já esperava, mas algumas. Não estava sozinha, mas, mesmo que estivesse, já tinha decidido interiormente que não desistiria.

Dizia-se que ir para a universidade era quase como sair de um quarto escuro para o mundo, por isso tinha grandes expectativas, não só em relação à Medicina em si, mas também porque queria fazer parte da sociedade, ajudar a melhorá-la para que fosse cada vez mais justa — em particular, para as mulheres.

— Juntem-se todos! Por favor, reúnam-se aqui! — gritava um dos alunos mais velhos, gesticulando junto à entrada para a zona inferior do edifício.

O tal aluno fazia parte de um grupo maior de cinco alunos, que lhes explicaram sumariamente o funcionamento das coisas. Pelo que tinha percebido, ia ser totalmente o oposto do que estava habituada da organização suíça, que operava tão minuciosamente quanto os seus relógios. Os serviços da faculdade de Medicina praticamente não funcionavam, pelo que lhe explicaram, e eram os próprios alunos que teriam de organizar horários e turmas e as respetivas inscrições.

— Se querem ser médicos, têm de começar por aprender que estão aqui por vossa conta e risco. Se não tiverem capacidade para isso, mais vale desistirem já. Precisam, em primeiro lugar, de se organizar. Têm de ter um

grupo de alunos que vos represente e organize as turmas e horários. Voluntários?

Um grupo de quatro rapazes chegou-se à frente. Apresentaram-se como sendo filhos de vários médicos de renome ali do hospital, e argumentavam que, sem dúvida, fariam um ótimo trabalho, por já estarem à vontade naquele meio.

Francisca estava desejosa de mostrar o seu valor e começar a trabalhar, por isso decidiu dar também um passo em frente e oferecer a sua colaboração.

— Bom dia. O meu nome é Francisca Ferreira. Também gostava de participar.

— Não leve a mal, mas penso que será mais fácil e rápido se for um grupo exclusivamente masculino. É que as senhoras gostam muito de perder tempo a comentar vestidos — disse um deles, com ar empertigado, e todos se riram.

Francisca mordeu a língua para não dizer algo que se arrependesse no segundo seguinte. Muito bem, não queriam mulheres naquele grupinho exclusivo... por agora. Ela ia fazê-los mudar de ideias.

Camila

Ela corria num campo maravilhoso cheio de flores, de mão dada com os seus dois filhos. Eles riam às gargalhadas e ela também. E lá estava Manuel, de olhar brilhante e orgulhoso na sua maravilhosa família. Era tudo perfeito, simplesmente perfeito. Subitamente, a temperatura começou a subir. Estava quente, tão quente. Os bebés pediam água, mas ela não avistava nenhuma fonte por perto. Onde poderia ir buscar água? Tentou chamar Manuel, mas não conseguia falar. Ele estava agora longe, tão longe que já nem o conseguia distinguir bem. E as crianças tinham caído no chão, desmaiadas. Seria daquele calor terrível? O que poderia fazer? Tentou novamente gritar, mas não conseguia emitir um único som. Aquele calor estava a deixá-la completamente transpirada e tão tonta. Começou a sentir tudo a girar a uma grande velocidade e deixou de perceber onde estava.

— Camila? Camila? Consegues ouvir-me? Por favor, acorda! — ouviu uma voz muito ao longe, sem perceber de onde vinha, e depois ficou tudo branco.

Camila estava inconsciente desde o dia do parto, há quase duas semanas. As febres que lhe assolavam o corpo iam e vinham, apesar do esforço das mulheres que tentavam baixar a temperatura com panos molhados de água fresca. Por momentos, ela parecia melhorar e os tremores acalmavam, depois voltava a gemer e a febre subia.

Muitas vezes chamava por Manuel, que ainda não tinha voltado. Nem sabiam se a mensagem avisando que a mulher tinha entrado em trabalho de parto tinha chegado. Havia notícias de confrontos ali muito perto e a guerra era uma realidade em várias zonas de Angola, por isso, qualquer mensagem poderia perder-se para sempre.

A Feiticeira Negra vinha ver Camila dia sim, dia não. De todas as vezes, trazia uma espécie de chá com um cheiro terrível e obrigava-a a beber alguns goles. Passado um tempo, parecia satisfeita e ia-se embora. A única indicação que dava às mulheres era para tentarem manter a temperatura corporal de

Camila baixa — era isso que Maria fazia, enquanto Camila, imersa num sonho qualquer, murmurava o nome de Manuel.

— Camila, tens de acordar! Tens de sair deste estado! Luta, tu consegues!

Não parecia que Camila a ouvisse nem havia alterações no seu estado que indicassem melhoras. Consequiam dar-lhe caldo de carne para beber, mas somente isso. Ela continuava sem abrir os olhos e mantinha-se naquele estado de torpor intermitente. Maria sabia que muitas mulheres morriam no parto, ou nas semanas seguintes, e tinha muito medo de que Camila tivesse esse desfecho.

Ao décimo sexto dia, após o nascimento trágico dos seus gémeos, Camila despertou.

— Maria? O que se passou, Maria? O meu bebé? — disse ela, com a voz arrastada e sentindo-se completamente exausta. Doía-lhe todo o corpo e tinha uma sensação de mal-estar interior. Uma angústia gigante crescia-lhe no peito e tinha muita sede.

As mulheres correram a chamar Maria. Deram-lhe água, que ela bebeu sofregamente, para logo de seguida voltar a adormecer.

«É melhor que ganhe algumas forças», pensou Maria, «vai ser muito duro receber esta triste notícia.»

Ao fim de algumas horas, Camila voltou a despertar e perguntou novamente pelo filho. Já se sentia um pouco melhor e imaginou que tivesse havido alguma complicação durante o parto. Alguém deveria estar a cuidar do seu bebé para que pudesse recuperar, assim que estivesse mais forte iria vê-lo, com certeza.

Trouxeram-lhe um caldo, desta vez com carne e legumes. Comeu lentamente, com a ajuda de Maria, e sempre com aquela sensação de peso no peito, a sensação de que alguma coisa não estava certa.

Lembrou-se então que possivelmente Manuel já teria regressado, e devia ser ele que estava a cuidar do bebé. Também deviam ter arranjado uma ama de leite, claro. Camila sabia que muitas das vezes, quando as mães têm complicações no parto, não estão fortes o suficiente para produzir leite e é preciso arranjar alguém para esse trabalho. Muitas mulheres da aldeia tinham filhos pequenos e ainda amamentavam, esse não deveria ser um problema.

Estava perdida nos seus pensamentos quando a viu entrar. A Feiticeira Negra vinha vê-la e fez uma expressão satisfeita quando a viu acordada. Estendeu-lhe um copo com o tal chá que lhe trazia há dias e incentivou-a a

beber. Tinha um gosto horrível.

— Mãe bem. Mãe vive. Meu trabalho está feito — disse ela, e saiu silenciosamente.

Camila ficou sem saber o que pensar de tudo aquilo. E precisava de explicações.

— Maria, por favor, preciso que me contes exatamente o que se passou. E quero ver o meu filho.

Margarida

Eram oito horas e o dia estava bonito. Margarida estava a pé, vestida de forma descontraída, em frente à mesa de pequeno-almoço que Aurora acabara de colocar. Torradas quentinhas com manteiga derretida, sumo de laranja e fruta variada.

— Menina, está acordada tão cedo! Não tinha o sábado livre? Tem trabalhado tanto, pensava que hoje fosse descansar. Pelo menos, dormir até horas decentes — disse a empregada com ar preocupado.

— Bom dia, Aurora! Bem, tenho um compromisso importante. Não me posso atrasar.

— No seu sábado de folga? Nem imagino o que poderá ser. Mais alguma urgência extra? Ou vai ajudar nalguma cirurgia?

Aurora sabia que Margarida era muito empenhada e, quando decidia ser boa numa coisa, era difícil convencê-la a abrandar. Lembrava-se de como tinha sido nas primeiras aulas de *ballet* quando todas as outras meninas já sabiam fazer uma série de passos dessa dança clássica. Nessa altura, Margarida decidira acordar mais cedo só para treinar antes de ir para a escola, para conseguir acompanhar as colegas. Aurora argumentava que as horas de descanso eram bastante importantes, mas, na realidade, sentia muito orgulho dela e da sua capacidade de trabalho.

— Vou aprender a fazer *surf*! — disse Margarida, com um sorriso, com a convicção que iria surpreender a sua empregada. E surpreendeu, Aurora ficou verdadeiramente espantada, mas não perguntou mais nada — muito menos pela companhia; se Margarida quisesse falar sobre isso, certamente aconteceria.

O telemóvel, que estava pousado na mesa de pequeno-almoço, emitiu um sinal sonoro e Margarida levantou-se subitamente, bebendo o seu sumo de laranja de um só trago e pegando em duas torradas para o caminho. — Tenho de ir! Até logo e obrigada pelo delicioso pequeno-almoço!

Miguel tinha estacionado o jipe à porta dos Souto. Viam-se duas pranchas

de *surf* no tejadilho e uma música animada dos *Beach Boys* saía do rádio do carro, fazendo-o abanar ligeiramente a cabeça. Ficava muito diferente sem a bata e a roupa de cirurgião. Mais giro. «Como se isso fosse possível!», pensou Margarida.

Enquanto desceu as escadas de acesso à rua, nem queria acreditar naquele cenário — ela, interna de Cirurgia Geral do 2.º ano, o recém-chegado especialista em Neurocirurgia do hospital e duas pranchas de *surf*! Ainda bem que saíam cedo, porque não sabia o que o pai ou a mãe pensariam daquele programa. De qualquer maneira, apesar de ainda viver na casa dos pais, já tinha 26 anos e podia fazer o que bem lhe apetecesse — dentro dos limites estipulados pela avó e pelos pais. Tinha, definitivamente, de arranjar uma casa para si.

Também a ela lhe pareceu estranho aquele convite, alguns dias antes. Depois da conversa junto à máquina de café do bloco operatório, mal se tinham visto. Entretanto, no meio das notificações do Facebook, apareceu uma mensagem do Miguel.

«E que tal irmos surfar este fim de semana?»

Ela teve vontade de rir. Claramente ele não sabia nada dela. *Ballet*, dança contemporânea, Medicina, essas eram as praias dela, mas *surf*, ondas e areia estavam a milhas de distância da sua zona de conforto.

«Não sei fazer *surf*. Mas obrigada pelo convite.» Carregou o botão «enviar» com a leve esperança de que a sua resposta não fosse um problema. Como não recebeu nenhuma mensagem, achou que o assunto estava arrumado.

No dia seguinte, estacionaram os respetivos carros ao lado um do outro no parque do hospital. Margarida gostava de chegar bem cedo para evitar o trânsito e ter tempo para beber um café no bar do hospital com os colegas, antes de começar a trabalhar. Pelos vistos, o neurocirurgião também era madrugador. Quando reparou que Miguel lhe sorria, tentou disfarçar o embaraço olhando para o espelho do carro, para ver se estava bem penteada. Ele ficou encostado ao seu jipe, à espera de que ela saísse.

— Bom dia, Dra. Margarida! Combinamos, então, no sábado?

— Bom dia. Sábado? Combinamos o quê?

— Surfar. Para sairmos um bocado deste ambiente com cheiro a éter. Estão a prever ondas ótimas. Podíamos ir até ao Guincho. Juro que sou um excelente professor e até tenho uma prancha extra. E prometo que o tema de conversa não passará por patologia neurocirúrgica, cirúrgica ou médica no geral.

— Eu... Hum, ah, acho que estou de urgência no fim de semana — gaguejou Margarida. — E realmente não percebo nada de desportos aquáticos. Mas sou excelente a ler um livro, deitada numa toalha na areia — disse, terminando com uma pequena gargalhada nervosa.

— Dra. Margarida, já confirmei na escala dos internos e está totalmente livre este fim de semana! Bom, tenho de ir para o bloco operatório. Passo às oito para te apanhar, manda por favor a localização por WhatsApp — sugeriu Miguel, dando-lhe um inesperado beijo na testa em jeito de despedida, e deixando Margarida meio atordoada com o que acabara de acontecer. Aquela mudança de «você» para «tu» era no mínimo indicativa de alguma proximidade. Ou pretendia ser. Mas o beijo quase carinhoso ia ainda mais fundo nessa pretensão.

E ali estava ele. Cabelo meio desalinhado, *T-shirt* desbotada dos *Guns N' Roses* e calças de ganga. Aqueles olhos castanhos e aquele perfume que a inebriava e que, sem perceber bem como, lhe espoletava uma sensação de formigueiro que começava na ponta dos dedos e se estendia a todo o corpo, até ficar, finalmente, com um friozinho na barriga.

« Raios partam as hormonas que nos tiram o controlo. Respira, Margarida », pensou ela, enquanto se aproximava do jipe cinzento e abria o puxador reluzente para se sentar ao lado de Miguel.

— Bom dia! Desculpa ter-te feito madrugar também ao fim de semana, mas não podemos perder a maré — disse ele, com aquele sorriso que a desconcertava.

— Bom dia. Sem problema, Dr. Miguel, já sabe que os internos dormem pouco, há sempre algum artigo ou trabalho para preparar mesmo no fim de semana. Por isso, madrugar não é nada de estranho para mim e uma ida à praia é uma excelente ideia. Mas *surf*, como já disse, é algo que está para além das minhas capacidades. De qualquer maneira, trouxe um livro que ando para ler há imenso tempo e uns artigos de revisão sobre colecistectomias laparoscópicas, caso eu e o mar não nos entendamos.

— Vamos fazer assim: por favor, trata-me por Miguel e eu, em contrapartida, ensino-te a fazer *surf*. Combinado? — pediu ele, com um sorriso rasgado, que provocava um conjunto de rugas engraçadas à volta dos olhos.

Margarida sorriu e acedeu. Felizmente, ele não era o seu chefe nem trabalhava no seu serviço, mas também tinha noção que potenciais romances entre internos e assistentes não eram vistos com bons olhos. Mais uma vez, a

imagem do pai surgiu-lhe na mente, com a sua expressão carrancuda de desaprovação, a repetir-lhe vezes sem conta que tinha de se concentrar na especialidade.

Foram em direção à praia ao som do rádio, que continuava a emitir clássicos dos anos 60 e 70. A conversa foi fluindo. Margarida contou-lhe sobre a amiga Teresa, que não quis acreditar quando ela lhe disse que este fim de semana tinha um programa que não envolvia hospitais nem artigos científicos. Na verdade, Margarida pouco tinha saído nos últimos tempos e a sua amiga continuava a queixar-se das suas ausências. Teresa estava a organizar o seu casamento e ela gostava de estar mais presente, sabia que era um momento importante — apesar de ela própria nunca ter achado graça a vestidos de noiva e festas caras.

— A Teresa está tão entusiasmada que nem tenho coragem de lhe dizer que tenho pouca paciência para casamentos e toda a organização que a festa envolve. Eu, se fosse ela, saltava a festa diretamente para a viagem de lua de mel e aproveitava o dinheiro que se gasta em vestidos, refeições e fotografos para viajar!

— Bem, eu já tive a minha experiência nessa área. Já experimentei um desses casamentos organizados ao pormenor e garanto-te que, por mais perfeita que seja a festa... o casamento pode não sê-lo. As coisas boas são as minhas duas lindas filhas, que infelizmente moram com a minha ex-mulher em Coimbra.

— Hum... desculpa, não fazia ideia. Filhas?! — disse Margarida, um pouco atrapalhada.

— Sim, gémeas. Umas giraças, saem claramente ao pai — disse ele, novamente num tom meio trocista. — Não faz mal nenhum. Se não quisesse que soubesses, não o tinha mencionado. Acho que estamos bem resolvidos neste momento e a vida continua, não é?

Margarida tinha vontade de saber mais sobre a ex-mulher e a vida anterior de Miguel, mas controlou esse desejo e mudou de assunto. Começou a fazer perguntas sobre *surf*, sobre as pranchas e a técnica, sem grande convicção de conseguir alguma coisa naquele dia, mas, ao mesmo tempo, entusiasmada pela nova experiência.

Ao chegarem à praia, Miguel sugeriu que vestissem logo os fatos de *surf* no parque de estacionamento — era mais simples, para não se encherem de areia. Tinha trazido um fato para ela, com a medida perfeita, e Margarida nem ousou perguntar sobre a anterior dona. Ajudou-a a correr o fecho das costas e aproximou-se o suficiente para ela sentir a sua respiração junto do seu pescoço

— e aquele perfume.

— Bom, estás pronta? Sabes nadar, certo? As ondas agora vão estar baixinhas, perto de um metro, ótimas para quem está a iniciar.

— Hum, se calhar, primeiro podíamos treinar ainda na areia, aquela parte de me pôr de pé? Mas, sim, sei nadar, obrigada por confirmares!

Riram-se ambos, de prancha debaixo do braço. Miguel teve uma imensa paciência e explicou-lhe uma série de coisas antes de entrarem na água. Quando sentiu que já estavam preparados, avançaram em direção ao oceano. As ondas estavam boas e Margarida conseguiu rapidamente apanhar o jeito — possivelmente, o seu equilíbrio como bailarina também era útil no *surf*.

— Nada mau, Dra. Margarida! — gritou Miguel, ao vê-la surfar uma pequena onda.

Entusiasmada, resolveu avançar mais um pouco no mar, para uma zona onde as ondas pareciam maiores. Miguel já lá estava e via-se que já fazia aquilo há muito tempo. Era ótimo, parecia quase um bailarino num espetáculo perfeito. Esteve algum tempo sentada na prancha, a contemplá-lo, mas depois não resistiu a aventurar-se também. O mar parecia convidá-la.

A sensação de deslizar na onda enquanto sentia os salpicos da água do mar na cara era fantástica. Sentia-se parte daquele todo, era como se ela e o oceano fossem só um, numa dança harmoniosa. Nem percebia o porquê de nunca ter tentado o *surf* antes.

Margarida estava perdida nos seus pensamentos quando uma onda maior se aproximou. Tentou pôr-se de pé, mas a onda rebentou antes do que tinha previsto e fê-la cair, batendo, na queda, com a perna na prancha. A pancada ainda foi forte. Nadou rapidamente para a superfície, após alguns instantes debaixo da espuma da rebentação. Miguel, que viu o que se tinha passado, chegou o mais depressa possível junto dela.

— Estás bem?

— Bati com a perna, mas, de resto, tudo O. K. Não deve ser nada. Estava a correr bem demais, acabou-se-me a sorte de principiante! — e sorriu, apesar da dor que sentia no joelho.

Nadaram em direção à praia. Quando saíram da água, o fato curto de Margarida revelava um joelho inchado, fruto da pancada.

— Bem, está na altura de irmos ler esse livro e os tais artigos para a esplanada do bar da praia. Chega de *surf* por hoje. E vamos pedir um saco de gelo, para ver se isso não fica com mau ar. Deixa estar que eu levo-te.

Pegou nela ao colo, para evitar que ela apoiasse o pé. Margarida fechou os olhos, quando sentiu o odor salgado dele ali tão perto. Passou-lhe os braços

pelo pescoço e ficaram subitamente muito próximos. Quando deu conta, ele estava a beijá-la suavemente.

Primeiro, não sabia sabia bem se devia corresponder, mas acabou por se deixar levar e ele retribuiu com a mesma intensidade.

Quando voltou a abrir os olhos, ficou ligeiramente envergonhada. Ele continuou a carregá-la até à esplanada do bar da praia. Sentou-a com cuidado na cadeira e apoiou-lhe a perna noutra.

— Vou só lá dentro buscar o gelo. Não te mexas! — disse Miguel.

Enquanto esperava, Margarida pegou no telemóvel e mandou uma mensagem a Teresa. «Nem sabes quem acabou de me beijar!», foram as palavras que seguiram pelo WhatsApp.

Aurora

Quando os viu, percebeu tudo. Ela era só uma distração. Ele achava-a bonita, bonita o suficiente para uns beijos, para passear de mãos dadas e quem sabe para mais alguma coisa pouco séria. Mas era aquela mulher, de roupa elegante e postura impecável, que ele queria para o resto da sua vida, ao seu lado. Aquela mulher, da qual ainda não sabia o nome, mas cuja imagem gritava claramente que era ao lado de Pedro que pertencia. Ele só a estava a enganar, a dar-lhe falsas esperanças.

Que ingênua estava a ser, a pensar que teria alguma vez uma oportunidade com o Dr. Pedro Souto. O senhor doutor. O filho de uma família importante, abastada, educada, com uma mansão magnífica, com um carro. Sentia uma imensa raiva, que crescia em golfadas e a fazia querer gritar.

Aurora conseguiu conter o grito, mas não as lágrimas, que brotaram incontrolláveis. Perdeu as forças, como se toda a energia do seu corpo estivesse a sair em conjunto com o choro compulsivo e acabou por se deixar cair no chão, e ali ficou, enrolada em posição fetal, sem querer saber do mundo à volta. Também o tempo deixou de ter importância, porque o que ela queria era que aquela dor que sentia no peito passasse.

Não sabia dizer há quanto tempo ali estava, aninhada junto a um muro de uma das casas, um pouco atrás da zona onde ainda estava estacionada a carrinha-biblioteca. A maquilhagem estava borrada e o bonito vestido amarrotado. Estava a escurecer. Levantou-se, finalmente. Doía-lhe a cabeça. Não tinha a certeza sobre o que deveria fazer. Confrontar Pedro? Esquecê-lo definitivamente? A ideia de ir falar com ele dava-lhe náuseas. Não, não iria. Estava decidido. Seguiria a sua vida, sem o senhor doutor. Nunca mais o queria ver.

Voltou para casa com os pés e o coração pesados, mas sabia que era o caminho que tinha de fazer. O seu caminho. Quando chegou, apesar da sensação de escuridão que lhe toldava a visão, reparou num ramo de rosas

vermelhas, numa jarra na mesa da sala.

— Aurora, deixaram isso aí para ti. Vieram entregar há umas horas, tem um cartão. Pus na água, porque não sabia quanto tempo demoravas e é um crime deixar que flores tão bonitas murchem! — disse-lhe a mãe.

Apeteceu-lhe rasgar o cartão sem sequer o ler, porque enviar flores era certamente coisa de menino rico e ela não queria nada dele, nunca mais. Mas não resistiu e retirou com cuidado e com as mãos algo trémulas, o cartão do pequeno envelope.

Espero que estejas melhor. Um beijo. André.

André.

Afinal, não era de Pedro. Era um sinal. Ela, que não ligava nada a essas coisas do destino, viu ali uma indicação clara. O irmão de Marta era o homem certo para si e estava na altura de lhe dar uma oportunidade verdadeira.

Decidiu telefonar-lhe, em jeito de agradecimento. Ou então falaria com ele no dia seguinte, no seu encontro diário matinal na mercearia.

Sim, era melhor, precisava de tempo para acalmar as ideias e o coração.

Francisca

Estava a meio do segundo semestre do segundo ano da faculdade quando chegou a notícia de que a sua avó tinha falecido. Era uma quarta-feira à tarde, já tinha terminado as aulas teóricas daquele dia e, como habitualmente, tinha ido para a biblioteca estudar. Também lá estava o grupinho dos alunos «importantes», do qual fazia parte o charmoso Pedro Souto.

Pedro.

Ele tinha alguma coisa que a atraía de forma quase irracional. Era filho do Professor Doutor Francisco Souto, cirurgião geral, que também trabalhava no hospital universitário onde estudavam, largamente conhecido por cirurgias vanguardistas que realizava, em particular em doentes que se apresentavam como não tendo qualquer esperança de cura.

Se o pai era extraordinário, o filho não parecia ficar atrás: tinha nota máxima em quase todas as disciplinas e a melhor nota do curso na prova de Anatomia, um exame oral muito exigente e que todos temiam, sendo que poucos o conseguiam fazer com sucesso nos primeiros anos do curso. Nas aulas teóricas parecia saber a resposta a todas as perguntas e contra-argumentava com os professores com uma sensatez admirável. Era inteligente, sem dúvida, e Francisca achava isso muito atraente. Com certeza também trabalhava muito para isso. Mas, mais importante que tudo o resto, era dos poucos colegas de curso que lhe dirigia a palavra e frequentemente a brindava com um simpático sorriso. Nada muito íntimo, é certo, mas Francisca ficava confortada só de o ver.

Francisca passava as tardes na biblioteca com Maria do Carmo, que também fazia parte do seu curso. As duas liam e reliam os livros de Anatomia do Rouvière, na esperança de conseguirem passar no exame oral de Anatomia I. Era uma das provas de fogo do curso de Medicina, e se não estivessem preparadas nem valia a pena apresentarem-se a exame. No final do primeiro ano, só vinte alunos ousaram ir a exame e só sete tinham conseguido passar.

Pedro Souto incluía-se nesse leque. Com uma nota final de 19 a Anatomia, era agora um dos monitores da disciplina, mas Francisca nem sonhava em pedir-lhe ajuda, porque sabia que o seu grupo de amigos continuava a ver com maus olhos a sua presença no curso de Medicina — e das mulheres, em geral.

Estava perdida nos seus pensamentos quando um dos vigilantes da biblioteca se dirigiu a ela com um ar apreensivo — depois de atender o estridente telefone da biblioteca — e disse-lhe o que ela já esperava há uns meses.

A notícia da morte da avó deixou-lhe o peito apertado, não tanto pela pessoa que ela era, porque sempre foi pouco carinhosa e distante, mas porque agora estava oficialmente só. Tinha sido diagnosticada com cancro há cerca de um ano, depois da morte súbita por enfarte do marido, e deram-lhe seis meses de vida. Não era uma notícia inesperada, mas nem por isso deixava de ser difícil.

Agora, a avó tinha partido e era só ela. Não conseguiu conter uma expressão de angústia e sentiu os olhos inundados de lágrimas inesperadas. A amiga pôs-lhe amavelmente a mão nas costas, em jeito de consolo, ao perceber o que se passava.

— Posso ajudar nalguma coisa, Francisca?

Pedro tinha-se apercebido da notícia e estava prontamente ao lado dela. Ofereceu-lhe um lenço e, como ela não respondia, sugeriu ir beber um chá.

— Vamos, vai fazer-lhe bem. Um chá de camomila para tranquilizar.

Francisca acedeu, em silêncio e com olhar cabisbaixo. Desceram juntos à cafetaria do hospital e Pedro pediu à empregada um chá e duas chávenas.

— Também me vai fazer bem tomar um chá — disse ele, tentando sorrir, e sentaram-se ambos.

Pedro serviu as duas chávenas e colocou uma colher de açúcar no dele e no de Francisca. Beberam sem trocar uma palavra.

Depois de alguns minutos em silêncio e de alguma hesitação, Francisca agradeceu a atenção.

— Obrigada, já estou bem. Foi só o choque da notícia, mas, na realidade, já estava à espera.

Contou-lhe sobre a doença da avó, sabia poucos pormenores por estar longe, mas sabia que o prognóstico era mau desde o início. Confidenciou-lhe que ela era a única família que lhe restava e daí a perda ser ainda mais pesada. Mas não ia conseguir deslocar-se à Suíça para o funeral, não a meio do semestre.

Pedro ia fazendo pequenas perguntas e mostrava-se atencioso. Ela acabou por falar da perda dos pais, da vida no estrangeiro, do desejo imenso de ser uma boa médica.

— A Francisca vai ser uma excelente médica, tenho a certeza. Tenho reparado como está atenta nas aulas, como estuda e tem boas notas. E, claro, como é atenciosa, quando estamos perante os pacientes.

— Espero que sim. Mas ainda tenho em mãos o desafio da Anatomia...

— Não se preocupe, vou ajudá-la. Tenho uns truques excelentes para memorizar as várias estruturas. Se quiser, pode estudar connosco. Eu sei que nem todos os meus colegas são de fácil trato, mas são boas pessoas. A partir de amanhã, estudamos juntos.

Já era tarde e o motorista de Francisca já a esperava à porta do hospital. Pedro fez questão de acompanhá-la até ao carro, interrogando-a sobre se ficaria realmente bem.

— Fico, sim. Já sobrevivi a coisas piores. Até amanhã e muito obrigada pela atenção — agradeceu ela, com determinação.

Camila

Tinham passado três longos meses, desde o dia em que entrou em trabalho de parto mais cedo que o que era suposto e que perdeu os seus bebés. Os seus gémeos, tão pequenos e indefesos.

Martirizava-se todos os dias por não ter conseguido fazer nada para os salvar. Ela, que tinha passado os últimos anos a treinar como parteira, a aprender tudo o que havia para saber sobre cuidados com grávidas e partos. De certeza que se estivesse em Portugal, se estivesse com Graça, tudo tinha sido diferente. Ou pelo menos podia ter chegado a um hospital decente e os cuidados médicos podiam ter salvado os seus filhos, repetia ela inúmeras vezes na sua mente.

Todos os dias revia tudo o que tinha acontecido e imaginava um cenário diferente, que terminava com os seus bebés no seu colo.

Carregava uma culpa invisível que a tinha mudado. A mulher bem-humorada, sorridente e prestável tinha desaparecido. Camila mantinha agora uma expressão fechada, vinctada, e vivia fechada na sua casa, só saindo para o essencial.

Maria era das únicas mulheres que insistia em fazer-lhe visitas regulares e tentava dar-lhe alento, mas era cada vez mais difícil suportar o mau humor de Camila e o seu pessimismo perante a vida. Levava-lhe fruta e tentava animá-la com os mexericos da aldeia. Mas o olhar de Camila continuava vazio e ela não emitia uma única palavra, nem de agradecimento. Aquilo tirava Maria do sério, que achava que ela estar viva era um milagre, porque muitas mulheres morriam no parto, ali em África. E ela tinha estado às portas da morte, praticamente sem nenhuma esperança e tinha conseguido sobreviver.

— Camila, tens de olhar para a frente! Ultrapassar esta situação, deves dar graças a Deus por ainda respirares!

Nas poucas vezes que Camila reagia, respondia sempre que tinha preferido morrer com os seus filhos. Que esperança podia ter? Nem de Manuel tinha notícias, pelo que sabiam bem podia estar morto há meses. A vida tinha

perdido o sentido e ela estava completamente sem rumo.

Os dias sucediam-se sem que nada mudasse. Camila acordava antes do nascer do sol, porque todas as noites tinha o mesmo pesadelo e despertava aos gritos e inundada em suor. Depois, tornava-se impossível adormecer e vagueava pela aldeia, sem saber bem o que procurava.

Numa dessas madrugadas, chegou à aldeia um mensageiro. As notícias eram as já esperadas e temidas: tinha havido um ataque a uma das minas e todos os homens tinham sido mortos ou estavam desaparecidos. Foi um dia muito duro para todas as mulheres da aldeia, de grande pesar e, acima de tudo, de grandes dúvidas. E agora, qual seria o destino delas?

Camila, que já vivia sem esperança de que Manuel regressasse, ganhou inesperadamente novas forças. Já nada a prendia a África. Tinha de voltar a Portugal. Sim, era isso. Voltaria para casa, voltaria para Graça e para o seu trabalho como parteira e esqueceria tudo o que tinha acontecido. Esqueceria todo o pesadelo, a sua gravidez, os filhos mortos, o marido desaparecido, provavelmente também morto.

O principal problema era o dinheiro. Teria de arranjar uma solução. O mealheiro, que tinha bem escondido debaixo de uma das tábuas do chão do quarto, não resolvia por completo o problema. Mas sabia que as outras mulheres também deviam ter algo idêntico. E conhecia bem o esconderijo do de Maria.

Ao anoitecer, as mulheres reuniam-se à volta de uma fogueira comum. Havia cânticos e danças e partilhava-se uma espécie de refeição. Camila já não participava nestes momentos há meses, por isso ninguém estranharia a sua falta. Sorrateiramente, entrou primeiro na casa de Maria. Sabia perfeitamente que a porta não estava trancada e não foi difícil encontrar o pote do dinheiro num recanto debaixo da cama.

Contou o que tinha. Mesmo assim, não era suficiente. Olhou pela janela da casa. Ao longe, o fogo estava alto e ouvia-se o rufar de tambores e cânticos. Iria procurar noutras casas, procurar sem cessar até ter exatamente o que precisava.

Foi fácil juntar o dinheiro de que precisava. Até tirou mais, porque iria necessitar para refazer a sua vida, quando chegasse a Portugal. Ninguém suspeitou dela, porque mantinha exatamente a mesma rotina, sem conviver, sem sair de casa. Maria já tinha desistido de a visitar e ainda não havia notícias de alguém se ter apercebido da falta das suas poupanças. Era a altura ideal para

partir.

Ainda o sol não tinha nascido quando Camila chegou ao cruzamento à entrada da aldeia. Tinha pagado bem ao homem que conduzia o camião de mantimentos que passava por ali uma vez por mês. Ele apareceu à hora combinada e levou-a até Luanda, sem perguntas, tal como tinha sido instruído.

Margarida

— Então, Margarida, o que se passa? Estás pálida, vê-se bem, mesmo debaixo dessa máscara e da touca cirúrgica — preocupou-se Ana enquanto lhe passava uma pinça hemostática para laquearem um dos vasos do intestino delgado, durante a cirurgia complexa que estavam a fazer. Era um caso de doença de Crohn, bem mais complicado do que imaginavam, e já estavam no bloco operatório com outros dois colegas seniores, há quase cinco horas.

— Dra. Margarida, não me venha agora dizer que está grávida! Não temos tempo para isso agora! — resmungou o Dr. António, por baixo da máscara, muito concentrado na anastomose que estavam a realizar.

Margarida sentiu vontade de rir.

— Não se preocupem, está tudo bem. Só estou com algumas dores no joelho, possivelmente de já estarmos aqui de pé há muito tempo.

— Então, agora, tem artroses, Dra. Margarida? Ai, ai, que já não se fazem internos como antigamente...

— Dr. António, a Dra. Margarida quis aprofundar outras áreas de conhecimento e foi fazer *surf* e parece que se magoou. Não foi, Margarida? Mas isso já foi há mais de duas semanas! Não devias já estar bem?

— Não se preocupem, estou ótima. Vamos continuar, temos de estar focados — disse Margarida. E sussurrou a Ana: — Nem penses em mencionar que fui com o Dr. Miguel, ainda me arranjas um problema sério.



Ao fim de sete horas, concluíram finalmente a cirurgia. O paciente, de cerca de 40 anos, apesar da situação dramática que encontraram, ia ficar bem. Uma doença de Crohn, sem diagnóstico durante quase uma vida deixou grandes sequelas a nível do cólon, mas também do intestino delgado. Ainda

estavam a discutir o caso no vestiário, enquanto tiravam os pijamas cirúrgicos e voltavam a lavar as mãos.

Ao despir as calças, Ana reparou que o joelho de Margarida estava com um aspeto assustador. Negro, inchado. Um hematoma enorme.

— Margarida, já viste o teu joelho? Está horrível. Não me parece uma evolução normal. Já puseste gelo? Tens tomado anti-inflamatório? Ou puseste só aquelas coisas que as mães põem quando os miúdos caem, a arnica?

— Hum... isto não deve ser nada. Está mais inchado, mas estivemos muito tempo de pé. Eu sempre fiz umas nódoas negras feias quando caía na dança. Eventualmente acabam por passar — desvalorizou Margarida, vestindo rapidamente a sua roupa. Contudo, no seu íntimo, achava bastante estranho aquele hematoma estar a agravar ao fim de tantos dias. — Sempre vamos beber um café?

— Café? Tu queres matar-me? Eu preciso de um cozido à portuguesa, depois desta maratona cirúrgica — scandalizou-se Ana.

— Não tenho grande fome, acho que me fico pelo café. Vemo-nos depois, então — disse Margarida, abrindo a porta do vestiário e fazendo menção de se ir embora.

— Atenção, minha menina. Nem penses que te vais embora. Primeiro, não é normal não teres fome depois de sete horas de cirurgia e, depois, esse joelho tem de ser imediatamente observado, visto que tu o estás a ignorar. Até coxeias! Vamos, de seguida, à Ortopedia, tenho lá um bom contacto, podes ter feito aí alguma luxação mais grave.

Passaram as duas por uma máquina de venda automática no corredor das consultas externas e beberam um *Ice Tea* acompanhado com batatas fritas. Ana dizia sempre que, em dias de bloco operatório e de urgência, era permitido comer *junk food*, porque havia uma lei universal que dizia que nesses dias nada engordava. Praticamente teve de obrigar Margarida a comer, porque ela continuava a insistir que não tinha fome.

— E continuas muito pálida. Isto não me cheira nada bem... — desconfiou Ana, baixinho, querendo guardar para si estes pensamentos.

Aguardaram pelo colega de Ortopedia, que estava a terminar as consultas e se prontificou a ver o joelho de Margarida assim que pudesse. Entretanto, disse-lhe para ir fazer um raio-X e uma ecografia, para confirmar se não havia nenhuma lesão.

Quando finalmente chamou Margarida para o gabinete de consulta, Ana também quis ir. Já tinham os exames prontos que ele observou com cuidado.

— Bom, não parece haver nada fraturado nem nenhuma luxação, mas tem

aqui um belo hematoma. Como é que fez isto?

— Há umas três semanas a tentar fazer *surf*. A prancha bateu-me no joelho. Parecia estar a melhorar inicialmente, mas depois ficou assim, com este aspeto.

— Hum, tanto tempo, hã? Bom, vai ter de fazer umas análises, pode existir aí algum problema de coagulação. Vou pedir como urgentes e numa hora já devemos ter algumas respostas. Entretanto, fica já a saber que muito provavelmente vai ter de parar um tempo, para que o hematoma possa reabsorver. Mas já discutimos isso, vão lá agora ao laboratório tratar das análises.

Ao fim de aproximadamente duas horas, foram novamente chamadas ao consultório. O ortopedista já não estava sozinho, tinha consigo outro colega que não conheciam e que se apresentou como hematologista. Foi ele que lhes falou.

— Dra. Margarida, as notícias que tenho para lhe dar não são as melhores. Quer chamar o seu pai?

— O meu pai? Não, claro que não, não o vamos incomodar, ele tem mais em que pensar. Diga-me o que se passa e logo converso com ele em casa.

Ana estava encostada à parede e dobrava a ponta da bata num movimento repetitivo. Ela bem sentia que vinham aí más notícias. Tinha uma lista de diagnósticos possíveis na sua mente e esta era uma daquelas vezes em que esperava estar enganada relativamente a todas as hipóteses.

— Bom, o que se passa é que a sua contagem de plaquetas, glóbulos brancos e vermelhos está com alterações significativas. As plaquetas estão muito baixas, o que deve explicar o seu hematoma no joelho, que motivou procurarem aqui o colega ortopedista. Diga-me, tem-se sentido fraca, com pouco apetite, sensação de desmaio?

— Bom, pode ter acontecido uma vez ou outra, mas já sabe, sou interna de Cirurgia Geral, trabalhamos muito e...

— Margarida, deixa-te de tretas! Sim, tem acontecido isso, já desmaiou pelo menos uma vez aqui no hospital, anda pálida e com falta de apetite — interveio Ana, com receio que Margarida ocultasse sintomas e dificultasse chegarem a alguma conclusão.

— O que me parece aqui — e ainda não é um diagnóstico definitivo, porque para isso precisamos de fazer também um estudo das células da medula óssea — é que estamos perante um quadro de leucemia aguda. Com as análises que tem, a minha indicação será para ficar internada de imediato, para

fazermos o diagnóstico definitivo e iniciarmos o tratamento o mais depressa possível. Sei que não era o que queria ouvir, mas não há tempo a perder. Isto é uma coisa séria.

Aurora

Acordou cedo, como de costume. Era o dia do quinto aniversário.

Comemoravam sempre a data em que foram morar juntos, porque não tinha existido dinheiro suficiente para uma festa de casamento. Depois de meses de namoro, com passeios de mãos dadas e piqueniques no jardim, jantares com a família de um e de outro, tinham decidido dar o passo seguinte: iriam morar juntos e constituir família. Os pais de ambos concordaram e acabaram por alugar um apartamento. Não havia uma paixão avassaladora entre ambos, antes um «amor tranquilo», como Aurora gostava de dizer à sua amiga Marta, mas as coisas foram correndo bem.

André ainda ressonava ao seu lado, na cama. Cheirava intensamente a álcool, o que se estava a tornar um hábito. Aurora não tinha dado pela sua entrada na noite anterior, mas imaginava que tivesse chegado já quase de madrugada, depois de muitas cervejas no habitual bar da esquina.

Nos primeiros anos, tudo tinha corrido bem ou pelo menos, dentro do que Aurora esperava como normal num casal. Ele era carinhoso e garantia que nada lhes faltava em casa. Ela continuava a trabalhar na casa da dona Glória, que tinha deixado de conseguir andar e passava quase sempre todo o tempo na cama.

Aurora saía sempre cedo e voltava ao final do dia. Tinha o cuidado de deixar o pequeno-almoço e o almoço prontos para o marido, que ainda dormia quando ela saía de manhã.

André era ajudante numa oficina do bairro, mas não era propriamente a pessoa mais pontual e responsável. Era um excelente aprendiz de mecânico, mas chegava constantemente atrasado e desaparecia ao longo do dia para ir ter com os amigos ao café. Acabava inevitavelmente por beber demais e causava problemas com a clientela quando voltava. O patrão era bastante paciente e tolerante com André, porque sabia que, no fundo, ele era boa pessoa, mas, em particular, por respeito a Aurora, que muito simpaticamente passava durante a

tarde na oficina para trazer bolinhos acabados de fazer.

Os atrasos e ausências de André, bem como o consumo exagerado de álcool, levaram a que acabasse por ser despedido. Aurora não sabia o que fazer para o ajudar a inverter aquela situação. Desde que ficou sem trabalho, há alguns meses, dormia até à hora de almoço e depois arrastava-se para o café, onde tinha começado a jogar, para tentar arranjar dinheiro para pagar as dívidas. Ela tentava convencê-lo a acordar cedo, parar de beber e ir procurar um trabalho ali nas redondezas, mas era como se André não a visse ou ouvisse.

Hoje, naquele que era o dia de aniversário enquanto casal, Aurora tinha uma maravilhosa notícia para lhe dar, mas, mais uma vez, teria de esperar. Era impossível despertá-lo agora e ela tinha de sair para o trabalho.

Estava um dia chuvoso, que não a demoveu do passeio a pé até à casa da dona Glória. Sentia-se feliz e entusiasmada, apesar de todas as adversidades na sua vida. Ia dizendo «Bom dia!» com entusiasmo às pessoas com quem se cruzava, lançando sorrisos simpáticos debaixo do guarda-chuva.

Passou pela casa dos Souto e ainda sentiu um ligeiro friozinho na barriga, apesar de já estar «curada» do desamor com Pedro Souto, que tinha deixado de viver ali há alguns anos — felizmente. Nunca mais se tinham falado desde aquele dia do desencontro.

Despertou a dona Glória com mais alegria que o habitual, quase cantando.

— Conte-me lá, minha querida, o que se passa para estar a brilhar tanto hoje?

Era espantoso como a dona Glória já a conhecia tão bem, e, apesar da idade avançada, ainda percecionava todas as pequenas alterações à volta dela. Era daquelas pessoas que adivinhava chuva sem sequer ser preciso abrir a janela e antecipava mudanças de humor e notícias importantes. «A dona Glória e a sua intuição apurada...», pensou Aurora.

— Bom, na verdade, tenho uma excelente notícia. Estou grávida! — disse ela, sem conseguir conter a emoção.

— Que maravilha, minha querida! E o marido, também está feliz, aposto!

— Bom, na realidade, ainda não tive oportunidade de lhe dizer... ele estava um pouco cansado e ficou a dormir. Mas vou fazer um jantar especial quando voltar para lhe contar.

— Acho muito bem. Ter um filho é das coisas mais especiais da vida e que a muda para sempre. Vais ser uma excelente mãe, Aurora, tenho a certeza.

Passou o dia a desempenhar com entusiasmo as suas tarefas. Até conseguiu autorização para sair mais cedo, afinal mereciam um jantar especial para

comemorar aquele dia.

Parou na mercearia para comprar o que precisava e quando chegou a casa dirigiu-se à cozinha, para começar a preparar o prato preferido de André. Ele não estava em casa. Aurora acreditava, do fundo do coração, que um filho os ia ajudar a seguir na direção correta. Com um filho, André iria mudar, deixar a bebida, arranjar um emprego. Ia ser uma bênção na vida deles.

Estava a pôr a mesa, quando o ouviu e sentiu entrar. Um arrastar de pés e um incrível cheiro a álcool.

«Outra vez não, por favor...»

— André, meu amor, tenho uma notícia para te dar. Também fiz um jantar especial, porque hoje é o nosso dia...

— Cala-te! Estou farto de ti! Não serves para nada e só me chateias! — gritou André.

Aurora já não ouviu a resposta. Só sentiu uma pancada forte na cara — como que uma explosão, antes de ficar tudo escuro — e caiu inerte, sem sentidos.

Francisca

Desde aquele dia na biblioteca, Pedro passou em pouco tempo de colega a melhor amigo. Quando Pedro percebeu que Francisca não tinha família por perto e que o grupo de amigos era reduzido, aproximou-se aos poucos. Uma vez, convidava-a para estudar com o seu grupinho habitual na biblioteca. Outras, para lhe fazer companhia ao almoço na cantina do hospital.

Perceberam rapidamente que partilhavam interesses, em particular o sentimento de querer sempre fazer mais e melhor — a competição era uma das características marcantes da maioria dos alunos de Medicina e dos médicos em geral, mas neles era particularmente evidente. Francisca tinha uma memória fotográfica, Pedro era extremamente empático com os doentes e os dois faziam uma dupla imparável quando era preciso discutir histórias clínicas e esclarecer diagnósticos complicados.

Muitas vezes acabavam por ficar até bastante tarde no hospital, entre trabalhos e tarefas que lhes eram atribuídas. Francisca começou a gostar bastante da companhia dele. Pedro era inteligente e isso atraía-a, claro, mas havia mais do que isso. A maneira como ele franzia a testa quando estava pensativo e cerrava ligeiramente os olhos, deixava-a quase sem fôlego, por segundos. E quando ele sorria genuinamente, Francisca sentia que havia mais luz na sala.

Num dos dias, debruçados sobre papéis, a rabiscar uma história clínica para Medicina 2, estavam tão próximos que Francisca pode sentir o cheiro doce da pele de Pedro. Mas naquele momento-chave em que os lábios se estavam quase a tocar, Pedro retraiu-se subitamente.

— Que horas são? Já é tarde, distraí-me! Bolas. Tenho mesmo de ir Francisca, tenho um compromisso a que não posso faltar.

— Um compromisso? Hoje? Pensei que podíamos ficar a estudar juntos...

— Continuamos amanhã, se não te importares. Tenho mesmo de ir, vou tentar pedir boleia ao Miguel.

— Não te preocupes, Pedro. O meu motorista está lá fora e pode levar-nos.

Vamos?

Francisca arrumou rapidamente tudo na pasta e encaminhou-se para a saída da biblioteca. Não sabia a que se devia aquela mudança súbita no clima entre os dois, mas iria descobrir. Levar Pedro, muito provavelmente, traria alguma pista.

Quando entraram no carro, o motorista quis saber para onde levaria a menina Francisca e o Dr. Pedro.

— Sim, Dr. Pedro, para onde vamos? — disse Francisca com um sorriso matreiro.

— Bem, se for possível deixarem-me em casa...

— Claro que sim, se deres as indicações ao Jorge, chegamos lá num instante, a tempo do teu compromisso, prometo!

Viajaram alguns quilómetros, afastando-se do centro da cidade. Ali, as casas eram grandes e rodeadas por magníficos jardins. Pedro foi dando as indicações. Francisca ia olhando pela janela, com a atenção que lhe era característica, a tentar memorizar todos os pormenores que pudessem ser importantes mais tarde.

— Aquela é uma das carrinhas que traz livros para troca, não é, Pedro? Que engraçado, já tinha ouvido falar delas, mas nunca tinha visto uma. E parece ser mesmo popular!

O olhar de Pedro parecia preocupado. Ou incomodado com algo. Não parecia muito interessado na tal carrinha, porque fitava a direção oposta.

— Por favor, continue em frente, é mesmo ali a minha casa. Isso mesmo! Muito obrigada, espero não vos ter causado nenhum transtorno.

Pedro saiu do carro e Francisca decidiu também sair para se despedir. Sem esquecer as suas boas maneiras, Pedro pegou-lhe na mão enquanto lhe abria a porta.

— Então é aqui que mora o Dr. Pedro. Uma casa maravilhosa! — elogiou Francisca.

— Hoje, tenho o... tal compromisso, mas numa próxima oportunidade faço questão de que venhas jantar cá a casa para conheceres a minha família. O que te parece?

— Excelente ideia. Fico então à espera desse convite. Adeus, Dr. Pedro! Vemo-nos amanhã no sítio do costume! — e Francisca beijou-o docemente na bochecha, demorando-se mais tempo do que era habitual num simples cumprimento, para voltar a sentir aquele perfume adocicado da pele dele. Suspeitava que havia alguma rapariga envolvida naquele compromisso, mas

não era nada que a amedrontasse.

Francisca esperou pelo convite durante semanas. Mas Pedro parecia que a evitava desde que ela o acompanhara a casa. Andava estranho, carrancudo e distraído. Acabaram por ter de voltar a conversar quando os colocaram juntos na mesma enfermaria no serviço de Hepatologia. Tinham um caso complicado internado, uma aparente hepatite que não se encaixava em nenhum dos quadros clínicos que conheciam. Era de desafios daqueles que Francisca gostava.

Depois de examinarem o paciente, acabaram por recorrer à biblioteca para procurar casos clínicos antigos que lhes pudessem dar alguma pista. Estavam há horas rodeados de livros de medicina interna, hepatologia e inúmeras publicações com casos clínicos gastroenterológicos.

— Já sei! — gritou subitamente Francisca, esquecendo-se que estava na biblioteca e sendo brindada, de imediato, por intensos olhares incomodados, de clara reprovação.

— Chiu! — disse Pedro, com um meio sorriso. — Tens de te controlar ou vamos ser expulsos. Conta lá a tua teoria.

— Se o senhor é agricultor, não terá apanhado alguns cogumelos venenosos? Se os comeu por engano isso explica esta hepatite fulminante e o porquê de não parecer nada viral. Cogumelos podem ser tão tóxicos para o fígado que, por mais que faças, vai sempre piorando.

— Hum, excelente teoria. Mas, pelo que sei, se for assim, não podemos fazer grande coisa pelo paciente, vai morrer em poucos dias. Se estivéssemos nos Estados Unidos, o transplante hepático já seria uma opção.

— Pois, ouvi dizer isso! Que sonho! Poder colocar um fígado saudável num doente que precise dele. Mas parece que, por enquanto, os doentes só sobrevivem um ano depois do transplante, ainda há muito para fazer por esses pacientes. Se for mesmo uma insuficiência hepática, será que temos alguma opção para o senhor?

— Não me parece. A não ser que queiras fazer o primeiro transplante de fígado em Portugal. O que, tendo em conta que somos ainda somente estudantes de Medicina, me parece impossível, não achas? — disse Pedro, agora com um sorriso rasgado.

— Juro-te que vou ser cirurgiã e vou fazer isso mesmo. Fica prometido e olha que quando eu decido uma coisa...

Ouviu-se uma gargalhada, que Pedro não conseguiu evitar que lhe escapasse. Olhou em volta, atrapalhado e pediu baixinho desculpas pelo

barulho que estavam a fazer. Francisca tinha aquele efeito nele.

— Bem, Dra. Francisca, vamos lá partilhar com os chefes esta nossa teoria.
E depois, que tal vires jantar lá a casa?

Camila

— Chamem a parteira Camila, é urgente! — ouviu-se gritar de uma das salas de parto do hospital.

Lá de dentro, saíam gemidos descontrolados. Uma mulher de cerca de 20 anos, com a face muito vermelha e o cabelo ensopado em suor, fazia uma força desmesurada para que o seu filho viesse ao mundo. A enfermeira que estava a assistir ao parto segurava a cabecinha cabeluda do pequeno ser, mas o resto do corpo parecia não querer sair. Era como se os ombros fossem largos demais para aquele espaço e o bebé parecia estar a ficar arroxeadado a cada puxo que enfermeira e mãe faziam.

Camila surgiu rapidamente à porta do bloco de partos e ao ver todo o cenário percebeu que tinham de agir rapidamente ou podiam perder aquele bebé.

— Rápido, uma para cada perna, puxem-nas para trás como eu estou a fazer. Maria José, tens de cortar para dar mais espaço, eu vou dar uma ajuda aqui de cima. Todas juntas, agora! — gritou ela, com voz de comando, e pressionando com o punho fechado a zona da sínfise púbica para ajudar a desencravar o ombro.

Os ombros do bebé passaram subitamente aquele espaço apertado e foi com uma inesperada velocidade que o resto do corpo veio ao mundo, no meio de uma inundação de líquido amniótico. Mas estava mole, arroxeadado e não se ouviu chorar.

Camila pegou nele e esfregou com muita força as pequenas costas, enquanto limpava as secreções que tinha no narizito e na boca. Parecia que se tinha passado uma eternidade, aqueles instantes até se ouvir um choro débil, que depois ficou mais forte. Só nessa altura, a equipa respirou de alívio e a mãe começou a chorar.

— Obrigada, meu Deus! Muito obrigada! Está tudo bem, não está? Obrigada!

— Eu cá agradecia à parteira Camila, não sei se nos safávamos só com

umas orações — disse a enfermeira, que tinha acabado de fazer o parto, entredentes e ainda com o coração a bater a uma velocidade incrível. Nem sabia como ainda não tinha tido um súbito ataque cardíaco no meio de uma daquelas emergências. O que sabia é que sozinha não teria conseguido aquele final feliz.

Depois de voltar de Angola, Camila decidiu não regressar à sua aldeia. Ia ser tudo mais doloroso e queria começar de novo: esquecer África, esquecer Manuel, esquecer a morte dos seus filhos, esquecer que provavelmente estava infértil para o resto da vida. Voltar significava ter de reviver tudo, sentir a pena das pessoas, viver como uma viúva infeliz. Sabia que as viúvas novas eram postas à margem, tratadas como «coitadinhas» — e ela não queria ser, definitivamente, uma coitadinha. A única pessoa que lhe fazia falta era Graça, mas suspeitava que a velhice ou a doença já a tivessem levado e decidiu não a procurar.

Com o dinheiro que conseguiu trazer consigo, alugou um quarto na cidade enquanto procurava um trabalho. Era um quarto pequeno numa pensão de aspeto duvidoso com quatro andares, com papel de parede às flores rasgado em vários pontos. Tinha uma cama de casal com uma colcha branca e a pequena janela dava para as traseiras dos prédios, onde se viam caixotes do lixo acumulados e gatos vadios em busca de restos de comida. A dona pareceu simpatizar com ela e não lhe fez muitas perguntas depois de saber que tinha regressado de Angola e que já não tinha marido. Melhor assim.

Na pastelaria por baixo da pensão onde se instalou havia um letreiro que dizia «Empregada precisa-se». Ali, vendiam pão acabado de fazer — como percebeu rapidamente pelo cheirinho que inundava o seu quarto logo de madrugada — e os melhores bolos do bairro, pelo que ouviu dizer, não que isso importasse muito, porque o que precisava mesmo era de um trabalho para sobreviver. Tentou a sua sorte numa tarde soalheira, e foi aceite de imediato, porque estavam mesmo aflitos com falta de gente para dar conta do serviço. Infelizmente, as coisas não correram como ela esperava.

Estavam a precisar de alguém para atender ao balcão e Camila foi designada para essa função. Porém, estava sempre carrancuda e falava por monossílabos, o que afastava os fregueses. O senhor Alberto, dono da pastelaria, bem a tentou ajudar, explicando-lhe que devia sorrir mais e ser simpática, porque era uma mulher linda, apesar dos olhos tristes. Mas Camila não tinha razões para ser simpática para o mundo e não entendia como poderia mudar o seu exterior se se sentia totalmente despedaçada no interior.

— Sabes, Camila — disse o senhor Alberto, ao fim de dois meses —, devias procurar outro trabalho, vê-se que não foste feita para isto. Ouvi dizer que no hospital precisam de auxiliares, talvez te aceitem. Toma, tens aqui o salário deste mês completo. Amanhã já não precisas de vir. Lamento, mas vamos ter de pôr outra pessoa no teu lugar, os clientes queixam-se muito do teu atendimento. Não me leves a mal, está bem?

Camila saiu da pastelaria sem dizer uma palavra. Subiu as escadas da pensão e deitou-se na cama, a fitar o teto. Sem lágrimas, sem gritos. Olhava a tinta branca que parecia escamar por cima de si, sem a ver realmente. Tudo parecia ruir à sua volta, sem que ela tivesse qualquer controlo. Mais uma vez. Vagueava sem rumo e não via saída possível.

Fechou os olhos e imaginou-se novamente com dezasseis anos e com Graça. A fazer partos, a ajudar as grávidas. Era isso que a fazia feliz. Sentia-se útil, viva. Queria apagar todas as outras memórias que teimavam em esmagar-lhe o coração e a deixar-lhe um buraco no estômago que nada parecia tapar. Imaginou Graça naqueles momentos, que a incentivava: «Tu consegues!»

No dia seguinte, levantou-se com o nascer do sol. Tomou um banho e vestiu a melhor roupa que tinha. Decidida, pôs-se a caminho do hospital. Estava na altura de dar um rumo à sua vida, de recomeçar.

Entrou no recinto do imponente edifício cinzento, com uma fileira interminável de janelas. Estava bem assinalada uma entrada que dizia «Urgências», mas decidiu não ir por aí. O melhor era procurar uma entrada mais recatada, que pudesse ser por onde os funcionários acediam ao edifício — com certeza que assim encontraria o que procurava. Do lado esquerdo do edifício estava uma porta mais pequena e um porteiro. Disse ao que vinha e ele encaminhou-a na direção correta. Ao fundo do longo corredor, procurou o departamento de recursos humanos, explicou o que pretendia e conseguiu uma entrevista para essa tarde, para perceber se encaixava no perfil que procuravam.

Também ali não foi complicado conseguir um posto, havia mesmo muita falta de gente para trabalhar. Iria começar dentro de duas semanas como auxiliar e estava, pela primeira vez em muito tempo, feliz com aquela oportunidade. Não a podia desperdiçar, como tinha acontecido na pastelaria, teria de dar o seu melhor.

Havia vários lugares por preencher nos serviços de Medicina Interna, Cirurgia Geral e na Maternidade. Explicou que já tinha alguma experiência com mulheres grávidas e conseguiu ser colocada no bloco de partos.

Durante meses, limpou o chão das salas de parto, mudou lençóis e

arrastadeiras. Esfregou pingas de sangue e líquido amniótico de paredes. Nunca se atrasou nem faltou ao trabalho e todos sabiam que ela era alguém com quem podiam contar. Tentava sorrir e ser simpática dentro do que conseguia, mas o seu forte não era de todo fazer amigos. Mas também estava atenta.

No hospital, era tudo diferente. O parto era mais controlado, as mulheres não podiam andar à vontade quando estavam com dor, no momento do nascimento, tinham de se deitar e abrir as pernas a um médico que, muitas vezes, usava uns ferros em forma de colher gigante para ajudar à saída da cabeça. E quando, por algum motivo, não conseguiam que o bebé nascesse de parto normal, levavam a grávida para o bloco operatório e abriam-lhe a barriga. A cesariana era algo extraordinário que podia salvar mãe e bebé. Provavelmente, os seus bebés podiam ter sido salvos com uma cesariana. Se ao menos ela tivesse estado ali, naquele hospital quando tudo aconteceu...

Desviou rapidamente o seu pensamento para a tarefa que tinha em mãos. Queria afastar-se do passado. Tinha trazido uma arrastadeira para uma grávida que estava quase com dilatação completa e que dizia ter muita vontade de fazer força. Ela desconfiava que podia significar que estava em dilatação completa e levantou essa hipótese à enfermeira que lhe pediu a arrastadeira, mas foi ignorada. Lembrava-se dos partos que fazia com Graça e era muito comum as mães quererem ir à casa de banho na altura do nascimento do bebé — era um sinal de que o corpo estava pronto para deitar cá para fora o pequeno ser. Mas aquele era «um dia de grande azáfama em termos de partos e não valia a pena estarem com conversas» — tinha dito a enfermeira, enquanto saía para ir atender outro parto. Não tinha tempo para estar a explicar a uma auxiliar como decorriam os partos. Cada um tinha de fazer o seu trabalho.

— Por favor, por favor, ajude-me! Tenho tanta vontade de fazer cocó! — disse a grávida com uma voz trémula.

Apesar de não ser da sua competência, como a enfermeira tinha feito questão em sublinhar, Camila resolveu levantar o lençol para perceber o que se passava. E viu uma pequena cabeça e cabelos a espreitarem.

— Tenha calma e respire tranquilamente. Vou só chamar a enfermeira e...

— Não, não, não, vai nascer agora! Por favor, ajude-me, não há tempo! Aiiiiiii! Não aguento mais, vou ter de fazer cocó!

Camila pegou num *kit* de partos preparado na mesa ao lado e abriu-o, preparando-se para o nascimento, como viu várias vezes as enfermeiras fazerem. Pinças, para se necessário laquear o cordão. Tesoura, para cortar caso fosse preciso espaço extra. Compressas e soro.

Calçou as luvas e, em pouco tempo, estava a ajudar aquele bebé a nascer, de forma gentil. Não era assim tão diferente de como ela e Graça faziam na aldeia. Ela lembrava-se de cada passo e, subitamente, sentiu nela uma confiança que já não se recordava de ter há muito tempo.

À porta da sala de partos estava Inácia, a enfermeira-chefe. Por terem pouca gente nesse dia e muito movimento, tinha decidido ela própria ir dar uma ajuda nos nascimentos e ouviu a agitação naquele quarto. Admirou-se com a destreza daquela auxiliar, que ainda ali trabalhava há poucos meses. Inicialmente, pensou em pô-la no seu lugar, mas à medida que o parto se desenrolou, reparou que Camila sabia perfeitamente o que estava a fazer. Ficou impressionada com a segurança e tranquilidade com que Camila desembaraçou a pequena cabecita do cordão umbilical enrolado, só depois puxando completamente o bebé para fora e colocando o recém-nascido junto à mãe, enquanto se ocupava da saída da placenta.

— Camila!

Ouvir o seu nome subitamente, fê-la estremecer e pensou imediatamente que estava em sarilhos.

— Enfermeira Inácia, vou só limpar a sala, a enfermeira que fez o parto teve de se ausentar — mentiu ela, sem olhar para a porta.

— Muito bem. Acaba o que tens a fazer e depois vem ter comigo, ao meu gabinete. Temos de conversar.

Camila engoliu em seco e mordeu o lábio para não gritar. Estava a acontecer de novo, o azar perseguia-a. Logo agora que estava tão feliz ali, ia certamente ser despedida. Tinha feito um trabalho que não lhe competia, é certo, mas ela sabia o que estava a fazer e não havia mais ninguém por perto. Não a podiam despedir!

Depois de ter ajudado a recém-mãe a passar para uma cama lavada e ter deixado a sala de partos a brilhar, arrastou-se para o gabinete da enfermeira-chefe. Bateu suavemente à porta.

— Entre! Por favor, Camila, entre. Temos de ter uma conversa muito séria. Vi tudo o que se passou naquela sala de partos.

— Eu peço imensa desculpa, enfermeira Inácia, mas tive de ser eu a ajudar, porque foi tudo tão rápido e...

— Vi tudo e sei reconhecer uma boa parteira. Tu és uma boa parteira, Camila. Precisamos de gente como tu aqui. Vou falar com os meus chefes, mas quero que comeces a trabalhar como enfermeira-parteira o mais rápido possível.

— Eu? — murmurou Camila, surpreendida com aquela reviravolta.

— Sim, tu, claro. Não és tu que trabalhavas com a Graça? Que ajudavas os nascimentos na vossa aldeia? Já sabes que aqui no hospital, o que contas a alguém contas a toda a gente. E eu sei tudo o que se passa, minha menina. Já tens alguma experiência e já estás aqui há meses suficientes para perceber o nosso modo de trabalhar. Está na altura de pões mãos à obra. Vais começar por acompanhar uma das enfermeiras-parteiras mais antigas e, quando elas acharem que estás pronta, podes começar a trabalhar sozinha.

Nesse dia, Camila foi para a pensão quase a flutuar. Reparou que o sol estava mais brilhante que o habitual e o céu parecia subitamente mais azul. Parou na pastelaria para comprar pão e presenteou o senhor Alberto com um sorriso, deixando-o surpreendido.

— Que bonita estás hoje, Camila! Vejo que estás feliz, fico muito contente por ti, estava na hora de abandonares esses teus modos carrancudos! — disse ele, entre gargalhadas, enquanto lhe entregava dois pequenos pães. — Às tantas, ainda arranjas namorado!



Camila rapidamente se tornou independente no seu trabalho como parteira, sabendo sempre que, em muitas situações, só o trabalho de equipa permitia que salvassem mãe e bebé. Todos reconheciam o seu trabalho e esforço, e percebia-se que tinha nascido para aquilo. Era a primeira a chegar ao hospital e oferecia-se frequentemente para turnos extra, o que lhe permitiu ganhar muita experiência e trabalhar com várias equipas diferentes.

Percebeu que nem todos os enfermeiros ou médicos resolviam os imprevistos no parto da mesma maneira. Decidiu ir à biblioteca do hospital e procurou informação nos pesados livros sobre hemorragia pós-parto, distócia de ombros ou pré-eclampsia. Leu tudo de uma ponta à outra e percebeu que havia estratégias que resultavam melhor que outras. Decidiu pô-las em prática.

Agora, tinha a certeza. Era para aquilo que tinha nascido. A vida tinha-lhe reservado ser parteira e iria ser a melhor de todas.

Margarida

Estava há quatro semanas fechada naquele quarto. Pela janela conseguia ver o parque de estacionamento do hospital e as árvores ao fundo. Já sabia de cor os horários de muitos dos funcionários e já tinha memorizado matrículas de carros e marcas. Tinha tempo de sobra para ler os livros de Cirurgia Geral e atualizar-se nas terapêuticas de ponta, que saíam todas as semanas em novos artigos que lia pela Internet.

O cabelo tinha começado a cair há uma semana, quando Margarida pensava que tal já não iria acontecer. Sentia-se cansada e, acima de tudo, sentia que ali não era o lugar dela. Ela era a médica, ia ser cirurgiã. Como é que tinha acabado fechada num quarto de hospital por ter a imunidade demasiado frágil, depois de um ciclo de quimioterapia intensa para combater aquela inesperada leucemia?

Todas as manhãs, quando chegava ao hospital, Miguel vinha vê-la. Margarida achava que ele se sentia, de certa forma, culpado por a ter levado a fazer *surf*, o que era uma estupidez, porque, na realidade, fora aquela pancada no joelho que lhe tinha permitido perceber que estava doente. Não queria que ele tivesse pena dela, nem que estivesse por perto por obrigação.

Imaginava que, neste momento, ele a visse só como mais uma paciente, com pouco cabelo, olheiras e ar pálido. Miguel continuava bonito e charmoso, e tratava com um sorriso as enfermeiras sempre que a vinha visitar. Elas derretiam-se à sua passagem, o que deixava Margarida ainda mais enjoada que a quimioterapia.

— Bom dia! Trouxe-te um daqueles *croissants* com chocolate quentinhos do senhor Abreu. Irresistíveis, tive de trazer também um para mim, para comermos juntos.

— Sabes que continuo a não poder sair daqui, certo? Este vidro continua até alguém me dizer que já estou bem para ir para casa. E apetite é uma coisa que as pessoas que fazem quimioterapia não têm, já devias saber.

— Isso são pormenores. Estive a falar com o colega da Oncologia e ele disse

que hoje vão fazer novas análises para perceber se estás a responder bem à quimioterapia. Não tarda nada, estamos a ir novamente à praia.

— Eu quero é voltar a trabalhar, Miguel! Estou farta de estar aqui. A Ana passa todos os dias a contar-me as cirurgias que tem feito. Está a ficar com um currículo espetacular e eu sem poder fazer nada. Estou a morrer de saudades de uma urgência de vinte e quatro horas, daquelas sem parar um segundo, com apendicites para operar, cabeças para suturar... enfim. Isto de estar doente não é para mim. E acho que vou rapar o cabelo, estou a ficar enervada com a quantidade que está a cair.

Miguel sorriu. Tentava parecer despreocupado, mas, na verdade, a situação de Margarida era delicada. Ela tinha um tipo de leucemia aguda rara, que poucas vezes respondia à quimioterapia. Se ela precisasse de um transplante, teria de ficar no hospital muito mais tempo e nem sempre era fácil encontrar um dador compatível.

— Bem, Dra. Margarida, vou deixá-la com a sua rezinguice habitual. Tenho de ir, esperam-me no bloco operatório. Mas prometo que volto com uma máquina para tratares de arranjar um novo visual — e saiu, piscando-lhe o olho.

Vieram ao quarto os enfermeiros habituais, com os cuidados habituais. Tiraram mais sangue para análises. Ficava nervosa de cada vez que faziam aquilo, porque só queria que aqueles malditos valores voltassem ao normal e, sempre que via a seringa a encher-se de um líquido vermelho-escuro, o desfecho parecia-lhe cada vez mais um mistério.

O pai chegou algum tempo depois, com o seu ar sério. Margarida nunca conseguia perceber se ele estava zangado ou incomodado com alguma coisa ou se era um dia perfeitamente normal.

Um dia, em conversa com uma das enfermeiras mais antigas do serviço do pai, que a veio visitar, soube que o Dr. Pedro Souto era dos médicos mais bonitos e cobiçados quando era novo. «E tão simpático», acrescentou, suspirando. Parece que durante muitos anos nunca se lhe conheceu uma namorada. Mas via-se muitas vezes a Dra. Francisca a acompanhá-lo, sempre foram bons amigos. Só alguns anos depois do casamento é que o Dr. Pedro que conheciam mudou completamente — e nunca mais foi o mesmo. Deixou o simpático sorriso e passou a usar um olhar carrancudo. «Houve vezes, quando ainda era estudante de Medicina, em que o consolei depois de um coração partido. Lembro-me de me ter contado que estava apaixonado por uma rapariga tão bonita quanto pobre, mas que estaria disposto a enfrentar a

família, que nunca aprovaria algo entre os dois, para ficar com ela. Mas, alguns dias depois, parece que tudo tinha acabado. Não me contou pormenores, claro, mas estava arrasado. Lembro-me de lhe ter dito para reparar na beleza que tinha a seu lado — a sua mãe. E para seguir em frente, que para a frente é que é o caminho, não acha, Dra. Margarida?»

Margarida não conseguia imaginar o pai como esse tal Dr. Pedro simpático que lhe tinha sido descrito. «Realmente, não fazemos ideia das coisas por que passaram os nossos pais», pensou. E ali estava ele, de mãos nos bolsos das calças vincadas de tecido, com a bata semiaberta por onde se via a elegante camisa e gravata.

Sorriu muito levemente e perguntou-lhe como estava.

O telemóvel de Margarida começou subitamente a vibrar e ouviu-se uma irritante música repetitiva. No ecrã surgiu a foto de Teresa. Devia querer saber novidades, ligava quase de hora a hora para ter a certeza de que ela estava bem. O casamento dela era dali a alguns meses e ambas estavam frustradas pela doença súbita de Margarida, que a impedia de acompanhar a amiga nalgumas decisões importantes, como a escolha do vestido e dos sapatos, e as provas da ementa. As videochamadas preenchiam grande parte dos dias delas, para que Margarida também sentisse que fazia parte, como melhor amiga que era — mas nunca era a mesma coisa.

— É a Teresa, pai. Já lhe ligo de volta. Tem novidades?

— Bom, já sabe que o seu médico é que lhe virá dar os resultados das análises. Mas, pelo que falei com ele, não são muito animadoras. Não parece que haja grande resposta à quimioterapia. Falou-me acerca de pensarmos num transplante de medula, mas estive a rever os últimos artigos e penso que ainda podemos tentar mais um ciclo com uns novos citotóxicos. Os resultados preliminares num grupo grande foram muito satisfatórios. Já se sabe que o hospital vai argumentar relativamente ao preço dos medicamentos, mas isso não vai ser impedimento, sei como os podemos convencer.

— Um novo ciclo de quimioterapia? E quando poderei sair daqui?

— Margarida, tem de ter paciência, vamos conseguir vencer isto. Não podemos baixar agora os braços. Se há alguma complicação, alguma infeção oportunista... pode deitar tudo a perder. Possivelmente poderão dizer que pode sair até ao próximo ciclo, mas eu prefiro que fique no hospital.

Margarida sentiu que não conseguia respirar. Estava a sufocar ali, entre aquelas quatro paredes. Precisava dormir na sua cama, vestir a sua roupa, ir beber um café ao bar da praia com Miguel, decidir que sapatos ficavam melhor a Teresa.

Entretanto, entrou o colega de Oncologia.

— Bom dia, Margarida, espero que hoje se sinta melhor. Bem, não sei se o seu pai já foi adiantando alguma coisa. As análises mostram uma fraca resposta à quimioterapia. Penso que o transplante pode ser a nossa melhor hipótese, mas o seu pai trouxe outra solução à consideração da equipa e pode ser uma boa aposta. Vamos precisar de alguns dias para ter a aprovação do conselho de administração do hospital, mas contamos, no máximo, em duas semanas começar o tratamento.

— Isso quer dizer que posso sair até ao próximo ciclo?

— Bem, se ficar resguardada em casa, penso que não haverá problema. Acredito que já esteja farta de nós — disse ele, com um sorriso rasgado, aquele sorriso que os médicos colocam para tentarem ser engraçados e minimizar a complexidade da situação. O semblante do pai revelava que não tinha gostado nada daquela permissividade.

Ela sabia bem que estava numa grande alhada. Como é que num dia estava a fazer *surf* com um homem maravilhoso e semanas depois a sua vida limitava-se a uma cama de hospital, sem contacto direto com ninguém, na expectativa de saber quando seria o próximo tratamento, sem ter a certeza se no final iria sobreviver?

— Vou para casa, pai. Preciso mesmo.

Aurora

—Bom dia, dorminhoco! A noite foi um pouco agitada. Que tal começarmos pelo pequeno-almoço? Temos mais um dia de trabalho pela frente e temos de estar bem alimentados.

Aurora conversava com o pequeno ser que se movimentava energicamente na sua volumosa barriga. Já só conseguia dormir de lado, mas quando escolhia o lado esquerdo acordava sempre com azia. Para o lado direito parecia que havia desassossego toda a noite, por isso nunca sabia qual a melhor hipótese.

Pelo menos tinha a cama toda para ela, André tinha desaparecido há alguns meses sem deixar notícias. Para ser sincera, Aurora não se importava minimamente. Desde que André começara a beber, as agressões físicas tornaram-se frequentes. Nem a notícia de que ia ser pai o fez mudar de atitude — pelo contrário. André acusou-a de lhe trazer mais trabalho e responsabilidade, e quis forçá-la a tirar aquele bebé. O melhor que lhe tinha acontecido era ele ter desaparecido.

Tentou, por várias vezes, mostrar-lhe que terem um filho era maravilhoso e que os podia ajudar a ultrapassar aquela fase menos boa, mas André ignorou-a. Um dia, assustada, Aurora contou à dona Glória o que se passava e a senhora decidiu chamar os três filhos para explicarem a André que não estava a agir bem, porque um bebé era uma bênção e era criminoso pensar em livrar-se dele.

Desde esse dia, André passou a ignorá-la. Devia ter havido luta, porque chegou a casa com um olho negro, mas não mencionou nunca mais o assunto. Só falava com ela para perguntar pelo almoço e pelo jantar e mantinha a sua rotina de bebida, passando os dias a dormir. Quando se zangava, acabava por lhe bater. Bastava a comida não estar à temperatura adequada ou simplesmente ter vindo maldisposto do bar.

Aurora aprendeu a proteger a sua barriga e a disfarçar as nódoas negras com roupas largas. Quase que interiorizava aquilo como parte da rotina, o que,

às vezes, a fazia sentir-se desiludida consigo, porque não era aquele cenário que tinha imaginado para si. Sentia que não era suficientemente corajosa para tomar uma atitude e, por isso, nunca contou aos vizinhos ou à dona Glória que o marido lhe batia. Mas todos os dias tinha esperança que as coisas melhorassem.

Os meses foram passando e a barriga foi crescendo. Apesar de tudo, Aurora estava feliz com o seu bebé. Confiante, bonita. Imaginava que o seu mundo se limitava à bolha onde ela e o bebé viviam — sem mais nada nem ninguém para os importunar.

Tentava alimentar-se bem, descansar o possível e beber muita água. Mas continuava a trabalhar, apesar da dona Glória ter aliviado as tarefas, contratando mais uma rapariga para trabalhar lá em casa. Todos os dias dava um passeio depois do trabalho, porque lhe diziam que fazia bem ao bebé e fortalecia a mãe.

Numa tarde no parque, numa das suas caminhadas, ouviu uma discussão acesa. Um casal gritava muito alto perto do lago, pareciam bastante zangados. Os dois muito bem vestidos, quem os visse noutro local nunca os imaginaria em tamanha cena. Estavam junto a um banco de jardim, no percurso que ela fazia habitualmente. Pensou em voltar para trás, mas achou que daria muito nas vistas, por isso continuou como se nada fosse. Foi então que o olhar deles se cruzou.

Pedro estava transtornado, mas reparou em Aurora. O brilho do sol que incidia por trás da sua figura dava-lhe uma aura especial, quase irreal. Pensou que estivesse a imaginar, mas depois viu que ela também o reconheceu. Pareceu-lhe ainda mais bonita do que as suas recordações e, por alguns instantes, o mundo ficou em suspenso e a fúria de Francisca, ali a seu lado, deixou de existir. Mas depois o olhar dele desceu para a já volumosa barriga grávida de Aurora — e a realidade invadiu de novo a sua mente como uma lufada de oxigénio gelado numa inspiração mais profunda.

Aurora ficou surpreendida com aquele vislumbre inesperado de uma das pessoas que mais tinha feito o seu coração sofrer. Quando Pedro também a reconheceu ficou momentaneamente atropalhada, mas rapidamente se recompôs e foi buscar força ao seu bebé. Colocou as mãos suavemente na sua barriga, sorriu e prosseguiu o seu caminho. Não disse nada a Pedro nem esperou nada em retorno. Cada um deles tinha seguido numa direcção diferente e ela não queria desenterrar velhas feridas. Notou que ele estava com aquela mulher com quem o tinha visto há anos — será que tinham casado? Fosse como fosse, não estavam felizes, sentia-se a angústia à distância.

«Afinal, nem os ricos têm uma vida perfeita», pensou ela para com os seus botões. Esse pensamento trouxe-lhe um conforto inesperado. Bem, pelo menos ela não se podia queixar. Tinha uma boa casa, um emprego e ali, na sua barriga, o mais importante do mundo: o seu filho. Bastava que André se mantivesse à distância e tudo era perfeito. Imaginava-se perfeitamente como mãe solteira. Possivelmente até era o melhor, visto que os homens da sua vida só lhe tinham trazido desgosto.

Nesse dia, ao voltar a casa, não encontrou André. No dia seguinte também não o viu e ao fim de uma semana acreditou que ele pudesse ter viajado para algum local. Telefonou a Marta, que continuava a morar em França, mas André não tinha ido para lá.

— Deve estar bem, Aurora. Sabes que ele está a passar uma fase complicada, deve precisar de tempo.

Tudo bem, Aurora dar-lhe-ia tempo e espaço também. A vida era bem melhor sem ele.

Todos os dias conversava com o seu filho — ou filha, só saberia quando nascesse. Não sabia porquê, mas imaginava um rapaz. E quando o visualizava, era sempre parecido com Pedro Souto. E, claro, adoraria omeletes, porque todos os dias de manhã Aurora acordava com desejo de ovos.

Estava a preparar o pequeno-almoço, quando ouviu um ruído na porta. Limpou as mãos ao avental e tentou perceber que ruído era aquele.

— Minha querida Aurora! — disse André, ao abrir a porta do apartamento. — Uau, que barriga tão grande. Estás linda! Tiveste saudades minhas?

Sem saber o que pensar, Aurora empalideceu e recuou, num jeito de autoproteção. O bebé, por seu lado, começou a dar valentes pontapés, como que a perceber que vinha ali perigo.

— Maravilha, pequeno-almoço pronto e tudo. Afinal não és tão inútil quanto pareces. Vou só comer e sair, tenho uns negócios para tratar, volto à noite.

— Claro. Eu vou sair para trabalhar, mas depois preparo o jantar — murmurou Aurora, mordendo o lábio, sem saber bem o que dizer.

Tinha aprendido que quanto mais perguntas fizesse, mais depressa André se zangava e acabava tudo com umas valentes bofetadas ou pior. Por isso, as mil e uma interrogações que lhe invadiram a mente assim que o viu entrar em casa, ficaram silenciadas. Não podia arriscar que acontecesse alguma coisa ao seu filho num dos ataques de fúria de André, por isso faria o papel de esposa exemplar.

Nesse dia, saiu de casa com um mau pressentimento. Teria André mudado e estaria toda aquela preocupação só na sua cabeça? Achava pouco provável que ele tivesse deixado de beber, apesar de naquela manhã ele parecer anormalmente sóbrio. E onde teria ele andado naquele tempo todo? O que teria feito? E o que pretendia com aquele regresso?

A dona Glória achou-a muito calada naquele dia, mas pensou que a gravidez podia dar flutuações de humor e não fez muitas perguntas.

Quando regressou a casa, André já lá estava. Tinha acendido a televisão e estava a ver um jogo de futebol, com os pés apoiados numa pequena mesa e uma cerveja na mão — como se fosse mais um dia normal e não tivesse desaparecido sem dar notícias durante meses.

— Sabes, Aurora, estou metido numas coisas que nos vão dar muito dinheiro — disse ele, sem sequer olhar para ela. — A nossa vida vai ficar muito diferente, vais ver. Até vamos poder mudar para aquele bairro chique onde gostas de ir passear. Eu sei que andei fora por uns tempos, mas foi a pensar em nós.

— Coisas? Que coisas, André?

— Não te posso contar pormenores, mas há gente com muito dinheiro metida nisto. Confia em mim. Amanhã já vais ver. Trata lá do jantar que tenho fome.

Aurora foi para a cozinha confusa. Ele não perguntara pelo bebé nem por ela e falava de uns negócios. Sentia, do fundo do coração, que alguma coisa não estava bem. Mas, por um lado, queria ter esperança que o antigo André tinha regressado e que, em breve, seriam uma família feliz.

Francisca

Parecia que estava num sonho: tinha conseguido ser aceite para fazer a especialidade no serviço de Cirurgia Geral e Pedro Souto tinha pedido a sua mão em casamento. Francisca não cabia em si de alegria e não sabia dizer qual das duas coisas tinha desejado mais. Nenhuma das duas tinha sido tarefa fácil, mas ela sabia que as grandes conquistas sabem melhor após grandes desafios para as alcançar.

O primeiro jantar na casa de Pedro tinha-se revelado difícil. Péssimo, mesmo. A mãe de Pedro, Matilde, deixou logo de forma muito clara que não concordava que as mulheres tivessem uma profissão — qualquer profissão —, pois a sua principal função deveria ser a maternidade e cuidar da casa. Não percebia como estavam a aceitar tantas mulheres na faculdade de Medicina! Por ela, o *seu* Pedro casar-se-ia com uma das filhas das suas amigas, que sabiam cuidar da casa e entreter o marido, fez ela questão de dizer. Passou grande parte da requintada refeição a tecer críticas duras em relação ao que ela considerava ser uma corrente completamente antinatural, essa da emancipação da mulher.

Antes de entrarem, Pedro tinha deixado Francisca de sobreaviso que os pais eram um pouco... conservadores. Por isso, Francisca fez como tinha aprendido na faculdade em momentos mais críticos, perante certos e determinados professores com opiniões semelhantes às da mãe de Pedro: respirou fundo e sorriu. E teceu muitos elogios ao jantar. Pedro também não contrariou a mãe e continuou a degustar o jantar tranquilamente.

— E, claro, espero que os meus filhos casem dentro do nosso estrato social. Sabemos bem que gostam de conviver com, enfim, as criadas das redondezas, mas espero que, a partir de agora, o menino Pedro deixe de dar aqueles passeios detestáveis com essas *indivíduas*. Não gosto nada de o ver no parque ou numa qualquer esplanada de mão dada com estranhas. Ao menos que a presença da Francisca lhe ponha algum juízo nessa cabeça.

Pedro empalideceu subitamente, mas, perante o olhar questionador de Francisca, simplesmente encolheu os ombros.

— Não se preocupe, mamã, não tenho tido tempo para qualquer tipo de passeio. O curso de Medicina é muito exigente. Já não vou ao parque há semanas, como bem sabe. Mas mudando para um assunto bem mais interessante, já vos contei como a Dra. Francisca descobriu genialmente o que tinha um paciente que estava internado há dias, com um agravamento progressivo da sua condição, sem que ninguém descobrisse porquê?

O Dr. Souto mostrou-se subitamente muito interessado perante um bom desafio clínico. Francisca entrou na conversa e em pouco tempo falavam animadamente dos avanços médicos em Portugal e no mundo.

Logo nesse primeiro jantar, Francisca sentiu que tinha conquistado um aliado naquela casa. Quanto à mãe, logo pensaria numa solução.

A verdade é que Francisca estava apaixonada por Pedro e, apesar de suspeitar que havia mais alguém na vida dele, estava confiante que seria capaz de fazer com que ela fosse a única mulher a receber as atenções. Conseguia imaginar-se casada com Pedro, com filhos, numa casa grande, mas sem descurar o seu trabalho como médica. Cirurgiã, era isso que seria. Estava mais que decidido.

Francisca começou a frequentar regularmente a casa de Pedro. Fazia sempre questão de levar uma lembrança para a mãe deste e de se interessar pelos assuntos da casa, que eram a sua preocupação principal. Aos poucos, foi ganhando confiança e aprovação como potencial nora.

Pedro e Francisca terminaram o curso de Medicina com muito boas notas, como se previa. Seguiu-se o ano de trabalho na periferia e conseguiram ser ambos colocados em Portalegre, apesar de terem ficado em centros de saúde de povoações distintas.

Os pais de Pedro tinham família no Alentejo e fizeram questão de tratar de tudo relativamente ao alojamento de ambos. Francisca ficou na casa de uma amiga da mãe de Pedro e este num apartamento alugado no centro de Portalegre.

Apesar de ter o desejo de ser cirurgiã, Francisca sentiu-se muito bem a trabalhar no centro de saúde: aprendeu a resolver problemas que seriam fáceis de solucionar no meio hospitalar, mas que ali implicavam engenho e rapidamente conquistou a simpatia daquela população pela preocupação constante com a saúde de todos. Ter um médico disponível para os ajudar era uma dádiva extraordinária e todos os utentes faziam questão de mostrar isso a

Francisca — na maioria das vezes, voltava para casa com cestas de ovos, chouriços, couves e castanhas, outras vezes com pão e azeitonas ou com uns maravilhosos queijos frescos feitos de leite de ovelha.

Pedro também andava ocupado, mas acabavam por se ver todos os dias. O Alentejo trazia-lhes uma tranquilidade que desconheciam e passeavam muito, partilhavam juntos deliciosas refeições, e acabaram por perceber que já não passavam um sem o outro. Foi em Portalegre, junto à fonte, que deram o primeiro beijo e a partir daí pareciam viver num estado de inebriação total.

Os almoços prolongados de domingo no monte da dona Marília, onde Francisca vivia naquele ano, eram sempre memoráveis e deliciosos. Quando o tempo estava bom, partilhavam a refeição numa mesa comprida no exterior, com bancos corridos, de onde se viam os sobreiros ao longe e se ficassem tempo suficiente, um mágico pôr do sol.

Naquela tarde, Francisca saboreava a segunda dose de sericaia.

— Sabes, Pedro — disse ela —, acho que nunca fui tão feliz como aqui no Alentejo. Quem me dera que pudéssemos ficar aqui para sempre!

— Também gosto muito de cá estar. Mas estou desejoso de voltar para um grande hospital e começar o treino em Cirurgia Geral. Tu, não? Mudaste de ideias em relação a revolucionar a Cirurgia Geral e os transplantes?

— Claro que não. Também quero muito ser cirurgiã. Mas sabe bem aproveitar esta calma e gosto muito do tempo que passamos juntos, tu sabes.

— Para o próximo mês vamos regressar a Lisboa. O meu pai já está a tratar dos nossos lugares no hospital. Com as nossas notas de final de curso e cartas de recomendação, com certeza teremos vaga num serviço de Cirurgia de um dos grandes hospitais. Vais ver que vai ser tão bom ou melhor do que aqui! E não te preocupes, que não nos vamos voltar a separar — disse ele, com um sorriso firme.

Pedro olhava-a carinhosamente, o que parecia transformar o seu coração em manteiga sob um sol tórrido. Depois, ele colocou a mão no bolso das calças, com muito cuidado e tirou de lá um anel com uma grande pedra azul.

— Este anel era da minha bisavó. Já passou para a minha avó e para a minha mãe. Quero muito que passe para ti agora. Dra. Francisca, aceita casar comigo?

Camila

Camila tinha deixado a pensão para passar a viver num pequeno apartamento perto do hospital, que conseguiu alugar com o seu ordenado. Trabalhava há anos como parteira e vivia praticamente para o trabalho. Pouco a viam fora das quatro paredes da maternidade, mesmo as amigas que tinha conquistado ao longo do tempo no hospital.

Continuava a ir, todas as manhãs, à pastelaria do senhor Alberto, buscar pão quente e aos fins de semana passava no mercado da cidade para se abastecer para a semana. Não se lhe conhecia namorado e pouca gente sabia muito do seu passado.

A notícia de que Graça tinha falecido chegou pouco tempo depois de ela ter regressado a Portugal e, apesar de ter vontade de estar presente no funeral para uma última homenagem, decidiu que ficaria melhor a fazer um turno extra no hospital, onde poderia fazer exatamente o que Graça lhe ensinou. Ela gostaria dessa espécie de tributo.

Nem tudo eram rosas, pois não era vista com muito bons olhos por alguns médicos da maternidade, que não apreciavam que aquela parteira fosse tão expedita e tida sempre como a solucionadora dos problemas que surgiam nas salas de parto. Além disso, o facto de estar constantemente a ler artigos científicos e pilhas de livros de obstetrícia deixava-os desconfortáveis.

— Sentem-se ameaçados por ti, é o que é! — explicava Carolina na sua voz fininha a Camila. — Principalmente, o Dr. Tavares. Cuidado com ele, já tramou uma colega nossa um destes dias, ela acabou por ser despedida com as histórias que ele inventou.

Camila não via o Dr. Tavares ou os seus outros colegas como ameaças. Gostava de pensar que era em equipa que se trabalhava de maneira certa. Mas era fundamental que todos remassem na mesma direção para que tudo corresse bem e sabia que nem sempre isso acontecia.

Geralmente, as enfermeiras que faziam os partos só chamavam algum médico quando a situação se complicava. Nessas alturas, já sabia que era

preciso ir buscar os fórceps ou a ventosa que tinha de ligar a uma campânula de vidro para criar pressão e ajudar na extração. Se nem isso resultasse, então teriam de avançar para uma cesariana.

Naquele dia, era ele o médico de serviço. Camila pediu a uma auxiliar para o ir chamar, pois estava há mais de duas horas a pedir à grávida para fazer força para que o bebé nascesse e a cabeça teimava em manter-se alta, mesmo estando a dilatação completa e tendo ela boas contrações.

O Dr. Tavares estava a fumar um charuto na sala dos médicos e não gostou nada de ser incomodado. Muito menos ao saber que era a parteira Camila que precisava dele. Apagou o charuto com tranquilidade e dirigiu-se para a sala de partos de mãos nos bolsos.

— Então, parteira Camila, tem um problema? — começou ele, com um tom superior, ao entrar na sala de partos.

— Obrigada por ter vindo, doutor. A senhora está em período expulsivo há quase duas horas e a cabeça não desce. Parece ser um bebé grande, não sei se passará...

— Para o afirmar, precisaria de saber o que está a dizer. Deixe que eu faço a correta avaliação — disse o Dr. Tavares, enquanto calçava umas luvas para examinar a senhora.

Camila voltou a ouvir a frequência cardíaca do bebé, como tinha feito frequentemente nas últimas horas, enquanto o médico avaliava a dilatação e o estádio da cabeça — a altura a que se encontrava em relação ao plano do nascimento.

Felizmente, o coração batia forte e numa frequência normal, mas o esforço era prolongado e não sabia quando entraria o bebé em sofrimento. Parecia-lhe uma barriga muito grande e uma cabeça enorme — aquele bebé devia ter bem mais de quatro quilos. A bacia da mãe tinha algum espaço na parte posterior, mas era estreita e parecia-lhe impossível que o parto normal acontecesse. Suspeitava que a cesariana era a única opção.

— Parteira Camila, por favor, faça o seu trabalho. É um bebé grandinho, sim, mas pode perfeitamente passar. E, por favor, não quero ser importunado por parvoíces.

Camila corou intensamente, qual criança apanhada a fazer uma asneira. Quem era ele para a destratar assim, em frente a uma grávida, num momento tão sensível? Que raiva que sentiu! Ela sabia fazer o seu trabalho, sim, e já lho ia mostrar.

— Bom, vamos descansar um pouco do esforço e já voltamos a tentar as duas outra vez, sim? Vamos dar mais algum tempo para a natureza seguir o

seu caminho — aconselhou ela, tentando tranquilizar a futura mãe. Mas não era fácil tranquilizar-se a si própria.

Estava insegura e com um mau pressentimento. Voltou a ouvir a frequência cardíaca do bebê. 130 batimentos por minuto. Estava bem.

— Por favor, ajude-me, preciso de fazer força! — pediu a grávida, aos gritos.

Camila voltou a avaliar e estava tudo igual. A cabeça não descia. Aquele bebê não passava. Como é que ela ia fazer para resolver aquele nascimento?

Subitamente, lembrou-se do seu parto. Das suas dores, da sua incapacidade para trazer os seus filhos ao mundo. Não tinha sido capaz na altura e agora tudo se repetia. Não, não podia deixar aquilo acontecer. Aquela mulher precisava de uma cesariana. Tinha de pensar numa solução.

— Por favor, vão chamar rapidamente a Dra. Ivone! — disse ela para uma das colegas na sala.

— A Diretora do Serviço? Tens a certeza, Camila? O Dr. Tavares vai ficar furioso se...

— Não me interessa o que pensa. Precisamos fazer alguma coisa e é já. Vai!

Pouco tempo depois, a Dra. Ivone avaliava a grávida e decidia imediatamente que estavam perante uma incompatibilidade feto-pélvica. Nessa altura, a mãe começou a queixar-se de uma dor forte e de tonturas, e perdeu rapidamente os sentidos.

— Rápido, temos de a levar para o bloco operatório. Chamem o Dr. Tavares, que eu vou-me já desinfetando, não há tempo a perder. Suspeito que temos aqui uma complicação, espero estar enganada e que não seja uma rotura uterina...

Rapidamente, colocaram a grávida numa maca e dirigiram-se para o bloco operatório. O coração de Camila batia a mil e sentia que ia vomitar a qualquer instante, mas controlou-se enquanto ajudava naquela emergência.

Ouviu passos rápidos, e entraram o anestesista e o Dr. Tavares. Pouco tempo depois tinham começado a cesariana.

Durante muito tempo, Camila esperou à porta do bloco operatório por notícias. Não ouviu o bebê chorar e estavam a demorar tempo demais. Quando uma auxiliar saiu do bloco operatório com um balde cheio de compressas de sangue, Camila quis saber o que se passava.

— Eu não percebo muito bem, mas parece que o bebê não respirava e aconteceu qualquer coisa ao útero da mãe.

«Uma rotura uterina, certamente. A Dra. Ivone tinha razão. Foi muito

tempo a tentar fazer força e era um bebé grande demais!»

O pediatra saiu pouco depois acompanhado por um enfermeiro.

— Lamento, Camila, mas o bebé não sobreviveu. O útero rompeu. Estão ainda a tentar salvar a mãe, mas nunca mais vai poder ter filhos. E o Dr. Tavares está a dizer a toda a gente que é a Camila a responsável, por não ter tido a noção de que o bebé era grande demais e não passava. Não sei o que se segue, mas o seu futuro neste hospital está em risco.

Margarida

— Trouxe-lhe panquecas, menina! Com mel e canela, como gosta — disse Aurora, entrando em passos suaves no quarto de Margarida.

— Obrigada, Aurora! És tão boa para mim! E eu dou-te tanto trabalho, sempre aqui, sem fazer nada — disse Margarida, baixando a máscara cirúrgica, que era o seu acessório fiel nas últimas semanas, para tomar o pequeno-almoço.

— Tudo tem uma solução. Tem de acreditar e ter esperança. Ouvi os seus pais falarem ao jantar no tal tratamento novo, que é muito bom. Vai ficar boa!

Margarida adorava Aurora por diversas coisas, mas principalmente pela sua visão positiva. Ela conseguia ver sempre o copo meio cheio. Intrigava-a que parecesse tão bem com a vida, ela, cujo marido morrera, que perdera o filho, que passava a vida a cuidar de uma família que não a sua. E, no entanto, ela era mais sua mãe que a própria mãe.

Recordou-se de quando decidiu aprender a andar de bicicleta sem rodinhas e caiu tantas vezes que estava prestes a desistir. A mãe Francisca, numa dessas vezes, veio recordar-lhe que as quedas são uma causa comum de traumatismos cranianos graves, ou braços ou pernas partidas, e que o melhor era estar sossegada. Mas Aurora levou-a para uma zona do jardim da casa, onde os pais não a podiam ver e esteve com ela insistentemente até Margarida ter o equilíbrio necessário para pedalar sem cair. Margarida precisava da energia positiva de Aurora para enfrentar as coisas mais difíceis.

— Menina, sabe que está lá em baixo um jovem muito bem parecido. Aquele do jipe. Acho que já está estacionado à porta há algum tempo, devia estar à espera que a menina acordasse. Assim que abri os estores pôs logo a cabeça de fora para espreitar! Ou, então, esperou que o senhor seu pai e a sua mãe saíssem para entrar.

Margarida riu-se com gosto perante a descrição e levantou-se para confirmar com os seus próprios olhos. Devia ser mesmo ele, era um madrugador.

— Olá, Miguel! — disse ela, debruçada à janela. — Queres subir? Há panquecas!

As defesas de Margarida continuavam reduzidas, por isso Miguel entrou na casa dos Souto também com a sua máscara cirúrgica colocada. Quem trabalha em hospitais tem grande probabilidade de transportar uma série de bactérias e vírus potencialmente perigosos e ele não queria arriscar que Margarida ficasse doente. Não agora, quando estavam tão perto do tratamento que prometia a cura.

— Trouxe-te uns livros que comprei na feira do livro — nada de científico, só romances bons para te distraíres. Ah, e tenho de te avisar que já saiu a temporada dois daquela série lamechas que adoras da Netflix, acabei de receber uma notificação. A propósito, estás linda com esse novo *look*.

Margarida tinha decidido rapar o cabelo quando chegou a casa, após a alta hospitalar transitória antes do novo tratamento. Teresa fez questão de a ajudar e estava disposta a cortar também o seu, para a amiga perceber que estavam juntas naquela luta, mas Margarida demoveu-a. Não lhe parecia bem que Teresa fosse uma noiva careca, e ela sabia perfeitamente quem eram os seus amigos.

Ana também aparecia frequentemente para a visitar e mantinha-a a par de tudo o que se passava no hospital: quem operava o quê, quem andava com quem, quem publicava artigos científicos onde.

O cabelo rapado tinha-a incomodado ao início. Ou melhor, todo o conjunto associado à calvície: a palidez, as olheiras. Não se reconheceu na primeira vez que se viu ao espelho. Nessa altura, Teresa decidiu muito rapidamente que ela estava a precisar de uma boa base e de um *blush*, e ainda acrescentou um iluminador. A transformação conseguida foi ligeira, mas deu-lhe um ar mais saudável. E isso animou-a, pelo menos transitoriamente.

— Ficas ainda mais gira quanto te pões com esse ar pensativo. Juro que se não tivesses essa horrível máscara posta, te beijava. Bom, já faltou mais para isso. Amanhã é o grande dia, voltas ao hospital e começam o tal novo tratamento. Ouvi falar de reuniões infinitas que o teu pai convocou para convencer o conselho de administração a adquirir os fármacos, mas que finalmente deram resultado.

— Nunca pensei que fosse tão mau estar deste lado, Miguel. Esta incerteza de não saber como vão correr as coisas deixa-me doida. Qual é a probabilidade deste novo tratamento resultar? Os artigos que vi falavam em vinte por cento de cura. Nós sabemos que esta percentagem é péssima, em termos de resultados.

— Vá lá, não sejas assim. Tu sabes, tão bem quanto eu, que em Medicina as coisas não se reduzem a probabilidades nem a simples matemática. Somos todos diferentes. E a esperança também contribui para o resultado. Quantas vezes vemos doentes com baixas probabilidades que acreditaram, de tal forma, que vão ficar bons que vão contra a estatística? Ou doenças que desaparecem subitamente, quando menos esperamos? Vamos lá ser positivos. Aurora, podemos levar o pequeno-almoço para o jardim? Acho que um pouco de ar e sol vai fazer bem a todos. E precisamos de mais panquecas, a Teresa e a Ana também devem estar a chegar.

— A sério? Deixa-me mudar para uma roupa decente para esta pseudoreunião familiar — disse ironicamente Margarida, com uma expressão bem mais animada.

O pequeno-almoço passou a uma espécie de almoço — ou *brunch*, como Teresa fazia questão de lhe chamar, porque era assim designado em todos os sítios chiques, a refeição que começava pelas dez da manhã e se prolongava para além do meio-dia. Antes da doença, ela e Teresa iam muitas vezes até a um dos hotéis mais *trendy* da cidade para conversar e degustar o *brunch* local.

Conversaram animadamente enquanto partilhavam ovos mexidos, sumo de laranja, panquecas e fruta acabada de cortar por Aurora, que passou a manhã de volta de Margarida, a assegurar-se que a menina comia decentemente.

Falaram dos concertos que estavam agendados para o final daquele ano e de viagens que tinham feito e gostavam de fazer. Ana bebeu litros de café com a desculpa de que estava de saída de banco, enquanto Teresa só tocou na fruta, porque não queria estar gorda para o casamento.

Durante algumas horas, Margarida esqueceu-se de que tinha um cancro e que não sabia quanto tempo teria de vida. Distraiu-se com as conversas de Miguel sobre as filhas, que estavam a entrar na adolescência e que o deixavam à beira de um ataque de nervos — elas viviam a maior parte do tempo com a mãe — e, subitamente, percebeu que nem sabia se um dia chegaria a ter filhos. Afastou esse pensamento e concentrou-se nas boas pessoas que a rodeavam e em coisas boas. Tinha de ser positiva, como Miguel dizia. Ele, que se tinha revelado alguém tão especial, mas ainda tão desconhecido. Nos últimos dias tinha-se apercebido que queria realmente ter mais tempo para confirmar se eram mesmo dois seres humanos feitos um para o outro, como lhe parecia cada vez mais.

— Bem, vamos livrar-nos do Dr. Miguel, porque tenho o porta-bagagem com um recheio especial que te quero mostrar, Margarida. Programa só para

raparigas, lamentamos muito — disse ela, fitando Miguel com um beicinho simulado.

— Pronto, um homem sabe quando está a mais. Amanhã vemo-nos no hospital, Margarida? Precisas que te leve?

— Vou com os meus pais, obrigada. Mas já sabes onde me encontrar — disse ela, entristecendo subitamente.

Teresa agarrou-a rapidamente por um braço e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Que tal irmos escolher o meu vestido de noiva?

— Sabes lá tu, Margarida, a Teresa conseguiu que a loja lhe emprestasse um monte de vestidos para provar aqui contigo. Se a polícia aparece e pede para ver o porta-bagagem dela, suspeito que vamos todas presas!

— Que exagero, Ana! Já sabes que tenho bons amigos. Tudo feito com tranquilidade. Assim, a Margarida pode ajudar na escolha. Também há sapatos para experimentar! Estou tão contente! Vamos a isto?

As três subiram para o quarto de Margarida enquanto os dois jardineiros carregavam tudo para o interior da casa, sob o comando de Aurora.

Passaram o resto do domingo concentradas em escolher o vestido perfeito para Teresa. Vários modelos foram vestidos repetidamente até terem chegado à conclusão de que o vestido ideal era um de corte muito tradicional e manga comprida, e que era a cara de Teresa.

— Só te falta a tiara para seres uma das princesas Disney — disse Ana, com um tom de troça ligeiro.

— Estás linda, Teresa. Espero mesmo conseguir estar presente nesse teu grande dia — desejou Margarida baixinho, disfarçando as lágrimas que teimavam em brotar e escorriam por detrás da máscara cirúrgica.

Aurora

Os supostos bons negócios de André rapidamente se revelaram um fiasco. No dia em que se previa que Aurora «visse os resultados», ele apareceu em casa com um olho negro

— Está tudo bem, André? — inquiriu Aurora, a medo.

— Claro que sim. Foi só um contratempo. Não te preocupes, tenho tudo controlado. Olha, onde é que está aquele mealheiro das poupanças?

— Está guardado, tenho poupado o máximo possível para o nosso filho e...

— Cala-te! Preciso dele, traz-mo cá!

Não ousou desobedecer. Foi buscar o banquinho e alcançou a prateleira mais alta da cozinha. Por detrás de uma série de chávenas de chá estava uma caixa de cartão. Pegou nela e entregou-a a André.

— Que miséria é esta? Não percebo, trabalhas tanto todos os dias e só temos isto? Bom, vai ter de servir. Vou sair.

Bateu com a porta da rua, levando a caixa e deixando Aurora incrédula. Todas as suas poupanças tinham desaparecido em instantes. Como é que ia conseguir comprar as coisas necessárias para o bebé? Tinha de pensar numa maneira. O que sabia era que se tivesse recusado, ele partiria para a violência física e não podia arriscar que isso acontecesse. Aos oito meses de gravidez, a sua barriga já estava enorme e o bebé quase pronto para nascer. Uma pancada mais forte ou uma queda inesperada podiam ser muito perigosos.

Pensou em soluções. Podia tentar pedir ajuda à mãe, mas na última vez que falou com ela, percebeu que passava sérias dificuldades financeiras. Mesmo um pedido de abrigo não seria bem visto, a mãe defendia que ela devia ficar com o marido em todas as circunstâncias — mesmo sabendo que ele lhe batia. Num dos dias, ela tinha fugido, em desespero, para casa da mãe e contou-lhe tudo sobre André e o que se passava em casa, na esperança de encontrar uma aliada e abrigo, mas o conselho que lhe foi dado foi «Sê uma boa esposa e volta para casa. Se o deixares feliz, nada disso volta a acontecer.» Aurora nem queria acreditar naquele discurso. Tinha de descobrir alguma coisa, pensar numa

solução.

Nesse dia, ao chegar a casa da dona Glória, teve uma notícia ainda pior. O filho tinha decidido levar a senhora para casa dele, em Lisboa, onde já tinham empregadas suficientes, por isso, os serviços dela já não eram necessários a partir do próximo mês.

— Lamento muito, minha querida, não pensei que ficasses tão abalada. Não chores assim, que faz mal ao bebé — disse a velhota quando Aurora não conseguiu conter as lágrimas. — Até pensei que fosse bom para ti, assim ficas com mais tempo para o teu bebé. E pode ser que o teu marido se endireite e tudo volte a entrar nos eixos.

Felizmente, estava prevista uma compensação financeira por aquele despedimento súbito. Iria receber mais três ordenados e as noras iriam mandar uma mala com roupa para o bebé — as antigas roupas dos netos que já tinham deixado de servir. Ao saber disto, houve um caloroso e inesperado abraço entre as duas mulheres, com Aurora a voltar a verter algumas lágrimas, mas desta vez de felicidade. Tinha de ter esperança, as coisas iam compor-se.

Voltou para casa muito preocupada, sem saber como daria aquela notícia a André. Decidiu que, por enquanto, não lhe diria nada. Na sua mente, surgiam todo o tipo de cenários possíveis, todos igualmente assustadores, por isso o melhor era ficar calada.

Quando chegou, André estava ao telefone e não se apercebeu da entrada de Aurora. Falava sobre algo que envolvia bastante dinheiro e estava a receber uma espécie de indicações, uma morada e repetiu várias vezes um «Ela não pode saber do negócio». Não percebeu patavina do que se estava a passar, mas também não lhe interessava. Entrou na sala e disse um «Boa noite», deixando-o imediatamente atrapalhado e fazendo-o desligar quase instantaneamente.

— Estava a ver que tinha de ser eu a fazer o jantar. Ainda bem que chegaste. Trata lá disso que combinei umas coisas com os rapazes, depois do jantar.

«Os rapazes» eram os companheiros de jogo. Percebeu isso mais cedo nesse dia, pois ao passar pela oficina onde André trabalhara anteriormente, o antigo patrão chamou-a para conversarem.

— Sabe, o seu homem anda metido em coisas perigosas. Dizem que anda no jogo, com malta daquela que não tem medo de fazer o que for preciso para terem o que querem. Não gosto nada disto, menina Aurora. Veja se o consegue convencer a desistir, vem aí um filho a caminho e isso não é futuro. O jogo só traz complicações, foi assim que o meu irmão acabou preso, por isso sei do que falo.

Aurora agradeceu, mas nada daquilo a ajudava a sentir-se melhor. A sua vida estava um caos total.

Resolveu continuar como se nada fosse, na esperança de vislumbrar uma solução. Ainda podia trabalhar até ao final do mês e, entretanto, iria procurar alguma coisa nas redondezas para assegurar a sua sobrevivência — e a do seu filho.

A despedida da dona Glória custou-lhe, porque ela era uma amiga muito querida e, muitas das vezes, quase sua mãe, com bons conselhos e a palavra certa na hora precisa. Para que André não desconfiasse que tinha ficado sem trabalho, continuou a sair à hora habitual e a chegar a horas para fazer o jantar. Durante o dia, percorria o bairro onde morava a antiga patroa e batia à porta de várias casas a saber se estariam a precisar de uma empregada. As respostas eram invariavelmente que não — ou já tinham empregadas suficientes, ou olhavam para a sua volumosa barriga e imediatamente lhe diziam que naquelas condições nem pensar.

Percorrera o bairro todo e as respostas tinham sido sempre negativas. Sobrava só uma casa, na qual ainda não tivera coragem de tocar à campainha: a casa de Pedro Souto. Nunca mais soubera nada dele, à exceção daquele vislumbre no parque com a tal mulher. Decidiu arriscar, estava a ficar sem hipóteses.

Ouviu-se uma melodia suave da campainha e uma senhora de avental branco surgiu à porta.

— O que deseja, menina?

— Boa tarde. Queria saber se, por acaso, não estão a precisar de uma empregada. Eu trabalhava para a dona Glória, aqui no bairro, mas ela vai viver com o filho e fiquei sem trabalho.

— Que tristeza, menina, logo agora que espera um bebé! — disse a criada, apontando para a barriga de Aurora. — Sabe, a menina Francisca também está à espera de bebé. Mas ela anda tão nervosa que tem de estar sozinha na casa de campo para a gravidez correr bem. Já não deve faltar muito para nascer. Coitados, têm passado tanto, o Dr. Pedro e a Dra. Francisca já se suspeitava que nunca iriam ter filhos, mas agora parece que houve um milagre! Mas não, não precisamos de alguém. Se eu souber de algo digo-lhe, quer deixar-me o seu número de telefone?

A criada era claramente uma tagarela e, possivelmente, já tinha falado mais do que era suposto. Ficou admirada por saber que Pedro ia ter um filho. Ou melhor, surpresa, porque, na realidade, nunca o tinha imaginado casado ou

com filhos de outra mulher. Mas sabia que o curso normal da vida era esse e pensou que se o visse novamente lhe daria os parabéns. Lembrou-se da mulher no parque e concluiu que não devia ser a tal Dra. Francisca com quem ele casara — aquela mulher estava nervosa, mas não aparentava nada estar grávida.

Agradeceu e deixou o seu número.

Francisca

Tinha passado a semana com uma sensação de tensão mamária e suspeitava que pudesse ser desta. Mas, naquela manhã, ao ir à casa de banho, constatou que o período aparecera e voltou para a cama de mau humor.

— Então, amor, o que se passa? — disse Pedro, ainda de olhos semicerrados, percebendo que a mulher não estava satisfeita.

— Tinha tanto a certeza de que estava grávida... mas não, voltou-me a aparecer o período. O que se passa comigo? A tua mãe vai detestar-me ainda mais se não conseguir engravidar. Todos os dias me pergunta porque é que não temos já um filho. Afinal já casámos há mais de três anos e nada.

— Já sabes que a minha mãe é mesmo assim, ela não faz por mal. Trabalhamos muito, a Cirurgia Geral é exigente. Tu não adoras o que fazes?

— Adoro, mas também queria muito ter um filho. Hoje vou ver se consigo uma consulta com aquela especialista em fertilidade que agora trabalha no meu hospital. Dizem que é excelente. Sabes que no Reino Unido já é banal fazer um bebé proveta? E em Portugal deve estar para breve. Imagina juntar os gâmetas masculino e feminino em laboratório e colocar o embrião no útero da mãe, para que os casais que não conseguem ter filhos o possam fazer. Não achas que podia ser uma solução? Se há qualquer coisa que nos impede de sermos pais, devíamos recorrer à ciência.

— Também ouvi essas notícias, mas ainda é tudo muito experimental. Não sabemos se essas crianças vão ter algum problema ao longo da vida, decorrente desses procedimentos. E as mães parecem ter mais problemas na gravidez. Além de que vai demorar algum tempo a poder ser um procedimento frequente em Portugal, já se sabe. Não precisamos disso, vamos fazer à maneira antiga. Não temos nenhum problema, não tem acontecido, só isso — disse Pedro, envolvendo-a com os seus fortes braços.

— Hum, hoje não é o dia indicado, lembras-te? O melhor é levantarmo-nos que está quase na hora de sairmos para o trabalho. Quando falar com a tal colega digo-te, pode haver algum medicamento ou algo que nos possa ajudar.

Pedro sabia que quando Francisca se focava em algo, não valia a pena contrariá-la. Era assim que estava a ganhar a sua reputação como cirurgiã.

Tinham casado algum tempo depois do regresso de Portalegre. A mãe de Pedro não tinha ficado muito animada com a notícia do casamento, mas acatou sem grande turbulência e prontificou-se, de imediato, a ajudar a planear tudo.

Foi um casamento bonito e elegante no Mosteiro dos Jerónimos e com um majestoso almoço servido na quinta da família Souto. Francisca estava linda e Pedro feliz. Nessa altura, já ambos estavam a trabalhar em Cirurgia Geral, em dois hospitais distintos da capital e tudo corria às mil maravilhas.

Decidiram morar na casa de Francisca, depois de algumas conversas mais intensas entre esta e a mãe de Pedro. A casa era enorme e já tinha pessoal suficiente entre criados, motoristas e jardineiros para satisfazer a recém-formada família. Era bom terem espaço para decidirem o rumo que davam a sua vida sem estar sempre sob críticas constantes.

Após o casamento, surgiu uma pressão familiar intensa para terem filhos. Inicialmente, Francisca não queria, pois sentia que tinha de se concentrar na carreira médica, mas aquela conversa constante sobre o papel da mulher não estar completo sem a maternidade, começou a fazê-la pensar.

Por isso, quando decidiram começar a tentar, pensou que seria rápido. Lembrava-se claramente do que tinha acontecido na Suíça. Aquele episódio que teimava em reaparecer na sua mente e que levou a que ficasse grávida. Tinha tentado apagar aqueles anos da sua vida, mas, agora, quando pensava numa nova gravidez, insistiam em reaparecer. Nunca tinha falado do que se passou a ninguém, nem mesmo a Pedro, que pensou que tinha sido o primeiro homem da sua vida na noite de núpcias.

À porta da consulta de fertilidade, começou a ficar nervosa. Provavelmente, teria de fazer alguns exames. Iriam fazer-lhe perguntas, muitas perguntas sobre doenças, família, acontecimentos do passado. Não podia contar nada, não imaginava a reação da mãe de Pedro ao saber o que tinha acontecido. Ia chamar-lhe nomes, não ia compreender que tinha sido completamente contra a vontade dela. Não ia mencionar aquele segredo, estava decidido.

Foi uma consulta rápida, ficou com exames marcados e explicaram que podia não ser possível fazer grande coisa. Foi dali direta ao laboratório e fez as análises ao sangue.

Na semana seguinte fez uma coisa de nome estranho: uma histerosalpingografia. Teve de se deitar num aparelho de raio-X e foi necessário injetarem um líquido que fazia contraste para se visualizar o útero e as trompas. Foi muito rápido e não doeu nada, ao contrário do que lhe disseram previamente. No final do exame, a médica veio falar com ela de testa franzida.

— Lamento, Dra. Francisca. Não me parece que vá conseguir ter filhos. O seu útero está em muito mau estado, não conseguimos sequer visualizar a cavidade. Pode ter tido alguma infeção no passado, algo que se esqueceu de referir?

— Hum... não, nada. Não me recordo de nada relevante — disse ela, de expressão congelada e tendo muito cuidado para que as emoções não a traíssem.

— Bem, pode ser algo congénito então. Ou algo que não tenha dado nenhuns sintomas. Infelizmente, o seu caso nem sequer é candidato a uma potencial fertilização *in vitro* que vamos começar em breve, mas há critérios muito bem definidos. O útero da mãe tem de estar bem para conseguirmos implantar o embrião e, no seu caso, é impossível. Tem a sua carreira médica, concentre-se nisso, as crianças dão muito trabalho — disse a médica, com alguma frieza, encerrando o assunto.

Francisca saiu para o jardim do hospital e procurou um recanto deserto. Só então se permitiu soltar a torrente de lágrimas. Soluçou durante muito tempo, sentindo-se culpada por ter feito algo que condenou a sua vida.

Quando as lágrimas acalmaram, voltou a pensar mais claramente. Fez o que tinha de ser feito no passado e, hoje em dia, faria o mesmo. Foi algo contra a sua vontade, era muito nova, estava sozinha. Tinha de ser. Não podia ter tido uma criança, quando ela própria era uma criança. Agora tinha de arcar com as consequências. Mas ninguém precisava saber que ela não podia ter filhos.

Todos os problemas têm múltiplas soluções, era o que tinha aprendido em Medicina. Nem todas as respostas surgem no imediato, mas ela iria encontrar uma solução. Tinha de manter a cabeça fria e não desistir.

Quando reencontrou Pedro ao final do dia, ele quis saber como tinha corrido o exame. Francisca mentiu.

— Parece que está tudo perfeito. Não se encontrou nada que explique porque não conseguimos engravidar. Disse para continuarmos a tentar, vai acontecer mais cedo ou mais tarde. Falámos da fertilização *in vitro*, mas ela é da opinião que não será necessário, tal como tu disseste.

— Ótimas notícias. Vamos comemorar. Que tal irmos jantar àquele

restaurante que tanto gostas?

Camila

Era a sua vez de ir ao tribunal depor.

Depois da morte do bebé e de ter ficado sem útero, o que a impedia de ter filhos no futuro, a mãe pôs um processo contra o hospital. O marido era advogado e desencadeou, de imediato, o procedimento legal. A equipa responsável pelos cuidados foi chamada e, um a um, prestaram declarações.

Camila soube que tinha sido constituída arguida por uma carta registada que recebeu em sua casa. Nessa altura, já tinha sido suspensa do hospital, dizia-se que tivera uma «conduta negligente» e estava impedida de trabalhar até se resolver o processo. Como não tinha dinheiro para contratar um advogado, teve de esperar que lhe atribuissem um. Não confiava nele, era um senhor gordinho de bigode esquisito, falava pouco e parecia achar que ela era culpada.

Quando chegou, cruzou-se com o Dr. Tavares, que estranhamente lhe sorriu e desejou boa sorte. Ao sentar-se na cadeira do réu e perante as perguntas que lhe fizeram, percebeu que o juiz estava claramente contra ela. Ela, a parteira que acompanhou a grávida durante todo o processo, era a responsável pelo bem-estar da grávida e do bebé e devia ter visto os sinais e chamado a equipa médica mais cedo para avançarem para uma cesariana.

Soube que o Dr. Tavares declarou sob juramento que nunca foi chamado para avaliar a grávida, esta última dizia não se lembrar de nada, nem havia mais testemunhas, por isso, Camila foi condenada.

Apesar dos vários testemunhos a demonstrar o seu valor e profissionalismo, o juiz decidiu condená-la por negligência simples com três anos de pena suspensa. Revoltada, gritou em pleno tribunal que o médico era mentiroso e que o juiz estava a ser injusto, mas só conseguiu ser expulsa da sala.

Estava sem trabalhar há alguns meses, a viver parcamente dos rendimentos que lhe sobraram, quando recebeu um telefonema de uma colega enfermeira.

Precisava urgentemente de falar com ela e queria que se encontrassem. Combinaram para essa mesma tarde.

A enfermeira Cristina era uma das menos simpáticas do hospital. Pouco faladora, muito metida nos seus assuntos, não se sabia muito dela. Camila admirou-se com aquele contacto, mas decidiu recebê-la.

A casa estava desarrumada, com uma série de garrafas de vinho barato, amontoadas — tinha começado a beber após o julgamento, e era cada vez mais difícil parar. Quando estava inebriada pelo vinho, não pensava no fracasso que era a sua vida. Nem se incomodou a arrumar nada e aguardou.

Cristina seguiu as indicações que lhe tinham sido dadas: o prédio da porta verde, terceiro piso. Tocou à campainha e lá estava Camila, com o seu cabelo mal cuidado, onde espreitavam os primeiros brancos, roupas largas e com um ar surpreendentemente envelhecido. A casa estava um caos e o cheiro não era dos mais agradáveis.

— Olá, Camila. Já vi que já tiveste melhores dias. Lamento muito, sei que és uma excelente profissional, mas há coisas que não podemos controlar...

— Fui tramada, Cristina. A culpa foi toda do Dr. Tavares.

— Eu sei. Todos sabemos no serviço, mas não podemos fazer nada. Ou melhor, eu acho que te posso ajudar. Trabalho numa coisa e preciso de uma nova parceira. Penso que podes ser a pessoa ideal. Vou confiar em ti e deixar-te entrar.

— Coisa? Que coisa?

Cristina explicou-lhe que ajudava algumas pessoas que não queriam os filhos a «passá-los» para outros casais que não os podiam ter, a troco de bom dinheiro, na altura do parto, no final dos nove meses. «A maioria estrangeiros», explicou ela. Não era nada complicado: ela era contactada por quem fazia o negócio, tinha de fazer os partos e entregar o bebé aos novos pais. Em troca, recebia o dinheiro, ficava com uma parte e a outra era entregue a quem tratava do negócio.

Até agora conseguia fazer isso facilmente no hospital sem que ninguém se apercesse, porque combinava os partos aos feriados ou domingos, quando a maternidade estava quase vazia e ninguém prestava atenção aos registos de nascimento. Mas as coisas estavam a complicar-se: o hospital queria controlar melhor as grávidas que entravam e os bebés que nasciam e tudo ia passar a ser registado, logo não podiam continuar no mesmo regime.

— Por isso, lembrei-me de ti, Camila. És uma excelente parteira, vives sozinha. Podes fazer os partos aqui na tua casa e ajudar-me a continuar este projeto. Eu vejo isto como dar uma melhor oportunidade aos bebés. É uma

coisa boa, não achas?

Camila ficou subitamente confusa, sem perceber se seria algo correto ou não. Ela dizia que eram pessoas que não podiam ficar com os bebés e passavam-nos para casais que os queriam? Possivelmente era uma coisa boa, sim. Ou então era o vinho que bebera há algumas horas ainda a turvar-lhe o pensamento. De qualquer maneira, devia ser ilegal, claro, mas, ao menos, podia fazer qualquer coisa e ganhar dinheiro.

— Eu quero entrar, sim. Diz-me quando começamos.

— Primeiro, tens de fazer umas modificações aqui na tua casa. Ah, e deixa o vinho.

Margarida

Estava outra vez fechada num quarto de hospital, após más notícias. As análises feitas, antes do novo tratamento, estavam bastante alteradas e inviabilizavam o início da terapêutica. Agora, só lhe restava a hipótese do transplante. Os médicos tinham decidido começar, de imediato, com uma quimioterapia agressiva, esperando que surgisse rapidamente um dador.

A família mais próxima estava a ser testada para perceber se havia alguém compatível. A mãe e o pai já o tinham sido e aguardavam resultados. Sabia que podiam não ser compatíveis, seria uma sorte imensa se fossem. Se tivesse irmãos era mais provável arranjam um dador, mas essa hipótese não se punha. Miguel também já tinha ido disponibilizar-se como dador, bem como Ana, Teresa e vários médicos e enfermeiros do hospital, que a conheciam bem.

— Dra. Margarida, está aqui a Dra. Ana para a ver! Já lhe disse que ninguém pode entrar, as suas defesas estão muito em baixo devido à quimioterapia, mas ela diz que é urgente.

— Por favor, ela sabe como se equipar para não haver risco. Deixem entrar sim, estou desejosa de ver e falar com alguém.

Alguns instantes depois, entrou Ana. Vinha com um ar estranho e um monte de papéis nas mãos.

— Então, qual é o drama? Não me digas que não conseguiste publicar aquele artigo que estiveste a escrever?

— Nada disso, Margarida. Estou concentrada noutra coisa. Sabes que conseguimos aceder no sistema aos exames dos doentes, certo? Tenho estado atenta para ir vendo os resultados de eventuais compatibilidades para o teu transplante.

— E então? Surgiu alguém? — questionou Margarida, muito esperançosa.

— Não, infelizmente por enquanto ainda não tivemos essa sorte. Mas há aqui uma coisa que me está a intrigar muito, não sabia bem se te devia contar, mas achei que precisavas de saber.

— Mas saber o quê? Desembucha que parece que não tenho muito tempo

— pediu ela, numa tentativa de fazer uma piada que não teve graça nenhuma.

— Vê por ti própria — disse Ana, e passou-lhe para as mãos uns papéis.

Nos cabeçalhos, Margarida viu o nome dos pais: Pedro Souto e Francisca Ferreira Souto. Eram as análises deles, provavelmente para se determinar se seriam possíveis dadores de medula óssea.

Estavam lá os grupos de sangue e as compatibilidades HLA. Para que o transplante de medula fosse bem-sucedido, tinha de existir compatibilidade tecidual entre o dador e o recetor, que é determinada por um conjunto de genes localizados no cromossoma seis. A combinação de genes do dador e do recetor deve ser idêntica, o que corresponde a 100 % de compatibilidade, ou muito próxima do ideal, correspondente a 90 %. Caso contrário, o transplante falha. Ela sabia isto tudo, já tinha lido tudo o que havia para ler de transplante de medula para se preparar. Também sabia que havia cerca de 25 % de probabilidade de ter um familiar compatível. Muitas vezes os irmãos eram 100 % compatíveis, mas ela não tinha irmãos, por isso tinha depositado grande esperança nos pais. Pelos vistos, eles eram somente 40 % compatíveis.

— E então? Queres que chore por não serem compatíveis?

— Não, parva. Que grupo de sangue és tu?

— Sou AB Rh+, tu sabes, já falámos disto montes de vezes.

— Exato. E vê lá o grupo dos teus pais.

Margarida olhou novamente para as folhas com atenção. Quer a mãe, quer o pai eram O Rh+. Mas como é que era aquilo possível? O coração começou a acelerar, à medida que se apercebia do que Ana lhe estava a dizer. Lembrava-se da hereditariedade sanguínea. Se os pais eram O Rh+, só podiam ter filhos O Rh+ ou O Rh-.

— Deve haver aqui algum engano, Ana. Não achas?

— Inicialmente, também pensei nisso. Liguei para o laboratório e eles voltaram a testar o sangue para confirmar. Não há enganar.

— Mas então...

— Eles não são os teus pais biológicos.

Aurora

As contrações começaram a meio da noite. Primeiro eram bastante espaçadas, talvez de vinte em vinte minutos. Depois, foram ficando mais intensas e o intervalo entre elas começou a reduzir. Teve de se levantar, fazendo o mínimo barulho possível para não acordar André.

Foi tomar um duche quente, tinha ouvido as vizinhas comentarem que ajudava na altura das contrações a diminuir a dor, mas ficou tudo igual. Devia estar mesmo na hora. Já faltava pouco para conhecer o seu tão desejado bebé.

— Vamos com calma, meu querido. Suspeito que isto não vai ser fácil para ambos.

Depois do duche, decidiu caminhar na sala. Ainda não tinha nascido o sol e não se sentia segura para ir caminhar no exterior, mas sentia que tinha mais dor se ficasse parada.

André acabou por acordar com os gemidos de dor que Aurora tentava abafar. Quando a viu na sala percebeu tudo: estava na hora de nascer o bebé.

— Vou só fazer uma chamada e já te levo a uma parteira. Ela vai saber o que fazer. Confia em mim, Aurora.

Ela quis confiar, porque tinha tanta dor que só queria que tudo passasse. Tentou respirar fundo. Entre as contrações, o bebé mexia-se alegremente, por isso ficou descansada.

— Já pedi o carro emprestado ao meu pai. Troca de roupa e vai ter comigo à porta do prédio que eu vou buscar o carro.



Já lhe custava muito subir as escadas. O carro tinha ficado parado em frente à porta verde e André ajudou Aurora a subir a muito custo. A cada cinco degraus, tinha de parar e respirava mais intensamente, para tentar controlar a

dor. A meio do segundo lance de acesso ao terceiro andar, sentiu um líquido quente descer-lhe pelas pernas: a bolsa tinha rompido. Já não devia faltar muito.

Bateram à porta. Uma senhora de ar severo veio abrir.

— Parteira Camila? — questionou André.

Ela acedeu com um gesto com a face e indicou-lhes a entrada.

— Há quanto tempo começaram as contrações?

— De madrugada, mas têm estado a ficar cada vez mais intensas e...

Aurora começou a gritar de dor. Tinha muita vontade de fazer força. Sentia que o bebé ia nascer. A barriga ficava muito dura e com dor quase de minuto a minuto.

— Deixe-me examinar.

Camila indicou-lhe a cama onde se podia deitar e preparou tudo. Calçou umas luvas e verificou que a dilatação estava completa. O bebé ia nascer em poucos minutos. Depois, chamou André à parte.

— Assim que o bebé nascer, dê-lhe a beber este líquido. Vai ficar muito sonolenta e não se vai lembrar de nada. Depois, tal como combinado, eu vou dizer que o bebé não sobreviveu e você recebe a parte acordada. Nada de perguntas. Passam cá algumas horas para ela recuperar e depois voltam a casa. Entendido?

Aurora voltou a gritar mais alto. Era agora, ela estava a sentir que o seu filho ia nascer a qualquer instante. Respirou fundo e apertou a mão de André, que estava ao seu lado.

— Na próxima contração, vai fazer força, já lhe vejo os cabelinhos. Está a ir muito bem, Aurora — incentivou Camila.

Não demorou muito tempo até chegar novamente aquela dor intensa. Aurora fez como lhe disseram e, em pouco tempo, sentiu um alívio imenso. Estava tão cansada e tinha tanta sede, mas tinha conseguido. O seu bebé tinha nascido. Seria menina ou menino?

André deu-lhe uns goles de água ou de uma espécie de sumo e ela sentiu-se imediatamente melhor, apesar de um pouco sonolenta. Ainda ouviu chorar quando adormeceu profundamente.



Quando acordou, tinha uma estranha sensação de vazio. Não sabia bem

onde estava. Viu André a seu lado e depois reconheceu o quarto, onde tinha dado à luz o seu filho.

— O meu filho? André, quero ver o meu filho!

— Chiu, está tudo bem, não te preocupes. Respira fundo — disse André, com uma voz estranhamente calma.

Camila entrou na divisão nesse momento.

— Lamento muito, mas o vosso bebé não sobreviveu. Tinha problemas graves. É melhor não o verem, ficariam muito impressionados.

— O meu bebé morreu? O meu bebé? Quero ver o meu bebé! Por favor! — disse Aurora aos gritos, completamente fora de si.

— Vamos ter calma, sim? Se o bebé tinha problemas, mais vale que morra. Pronto. Logo fazemos outro. Ainda somos novos, não é, Aurora? — disse André, como se estivesse preparado para uma notícia chocante daquelas.

Era a pior notícia do mundo. Naquele momento, Aurora sentiu como se a estivessem a rachar ao meio. Como é que ia aguentar isto? Os meses de namoro com aquele pequeno ser na sua barriga, as conversas, as expectativas que criou para terminar tudo assim? Não era possível, o mundo era um lugar muito injusto.

André deu-lhe novamente o tal líquido estranho para beber e voltou a cair no sono. Despertou algumas horas mais tarde, parecia estar numa espécie de transe e só pediu a André para a levar para casa.

Francisca

Estavam a terminar mais uma cirurgia. Tinha realizado uma apendicectomia nada complicada. Correu tudo linearmente e agora Francisca estava à espera que a paciente acordasse para lhe explicar a razão daquela dor súbita de barriga, que a tinha levado ao bloco operatório.

Por norma, fazia sempre questão de esperar que os doentes despertassem da anestesia para lhes explicar os procedimentos cirúrgicos. Aquela estava a demorar um pouco mais, mas era uma mulher nova e com certeza não demoraria a acordar.

— Senhora parteira, obrigada — disse ela, entreabrindo os olhos e vendo a sua médica, mas parecendo não a reconhecer. — Obrigada por me ajudar, mas não posso ficar com este filho, já tenho tantos. Fique com ele, eu sei que vai para quem precisa. Eu preciso do dinheiro, eu... — disse, adormecendo novamente.

Francisca ficou perturbada com aquela conversa, mas alerta. Sabia que os pacientes muitas vezes dizem coisas estranhas sob o efeito da anestesia, mas aquilo...

— Dê-me o dinheiro, senhora parteira, eu não digo nada a ninguém, está bem? — voltou a repetir. Instantes depois, estava novamente num sono profundo.

A anestesista veio verificar o que se passava, mas parecia tudo bem e recomendou que se desse mais algum tempo. Francisca podia falar com ela no internamento, mais desperta.



Algumas horas depois, após terminar as consultas, Francisca voltou ao internamento de cirurgia para verificar como estava a doente da apendicectomia. Entrou no quarto e reparou que estava mais acordada, ainda

deitada na cama.

— Bom dia! Como se sente? Afinal foi necessário tirar o seu apêndice, mas vai ficar tudo bem.

— Muito obrigada, Dra. Francisca, graças a Deus!

— Não tarda nada pode voltar a estar com os seus filhos. Sabe que falou deles ao acordar da cirurgia? — começou por dizer Francisca.

— Não me lembro de nada, doutora. Falei? Que disse eu?

— Bom... talvez fosse um sonho, mas disse coisas um pouco estranhas — e baixou o tom de voz —, falou de uma parteira que ficou com o seu bebé a troco de dinheiro para dar a outra família.

A jovem começou a chorar e baixou o olhar.

— Calma, está tudo bem. O que falamos aqui entre nós está no sigilo médico-paciente. Pode falar comigo — disse Francisca.

— Tenho tanta vergonha, doutora, mas é verdade. Estava grávida há um ano, mas já tenho quatro filhos e estávamos com muitas dificuldades. Uma amiga falou-me dela, a parteira. Se formos lá ter o bebé, ela paga-nos e o nosso filho passa para uma família rica, alguém que precise. Eu sei que é mau, uma mãe livrar-se do filho, mas perceba, sem dinheiro não consigo alimentar os que já tenho.

— Eu percebo, tentou agir pelo melhor. Se quiser até posso tentar saber o que aconteceu ao seu bebé, quer? Se me desse o número de telefone dessa tal parteira...

Uma ideia começou a formar-se na mente de Francisca. Uma ideia que a assustava, mas que podia ser a solução. Esta era a tal resposta que procurava. Só tinha de fazer as coisas bem feitas e ninguém perceberia. Marcou o número e esperou.

— Então, dorminhoca, não acordas? — disse Pedro. O sol já ia alto no céu e Francisca continuava embrulhada nos lençóis.

— Tenho tanto sono... e estou tão enjoada. E apercebi-me agora que já não tenho o período há algum tempo. Possivelmente... estou grávida?

— A sério, Francisca? Que boas notícias! Vamos ser pais? Vamos ser pais! — gritou efusivamente Pedro. — Vou-me vestir, tenho de ir contar aos meus pais. A minha mãe não vai caber em si de contente. Já peço para te virem trazer o pequeno-almoço!

Francisca ficou na cama, a fitar o teto. Agora não havia como voltar para trás. A parteira tinha-lhe dito que tinha informação de um potencial bebé que

nasceria dali a cerca de seis ou sete meses. Por isso, tinha de começar a fingir.

Como se previa, os sogros ficaram encantados. Foram tomados mil e um cuidados na alimentação de Francisca e a mãe de Pedro sugeriu que se mudassem para a mansão Souto, mas Francisca recusou educadamente. O que ela queria era afastar-se de todos para poder seguir com o seu plano.

Como dizia a todos que se sentia razoavelmente bem, continuou a trabalhar nos dois meses seguintes. Todos lhe davam os parabéns e estavam constantemente preocupados com o seu bem-estar. Continuou a trabalhar normalmente, entre consultas e cirurgias, mas tinha o cuidado de parar mais vezes para comer e beber água, porque, afinal de contas, era o que as grávidas faziam.

Quando supostamente fazia quatro meses, fingiu desmaiar no bloco operatório. O diretor do serviço decidiu enviá-la, de imediato, para casa. Só tinha ordens para voltar ao trabalho depois de o bebé nascer.

— Acho a tua barriga pequena para o tempo de gravidez, Francisca. Já marquei consulta com um amigo meu obstetra. Ele é dos poucos que tem um bom ecógrafo, vai conseguir ver se o bebé está a crescer bem e, quem sabe, dizer-nos se é menino ou menina — disse-lhe ele, preocupado.

Francisca empalideceu e fingiu novo desmaio.

— Não sei se tenho forças para ir. Sinto-me tão fraca agora. Depois, logo vemos, sim?

Os dias foram passando e, no meio de muitas desculpas, Francisca conseguiu evitar o tal obstetra e o seu ecógrafo.

Dizia a Pedro que o bebé se mexia bem e até tinha começado a fazer umas caminhadas no parque, para ficar mais saudável e forte. Entretanto, tinha percebido que tinha de aumentar o volume da barriga, caso contrário ninguém acreditaria nela. Mandou cortar uma espécie de esponja arredondada numa loja que descobriu na Baixa, adaptou-a a um cinto e usava-a como sendo a sua barriga de grávida.

A mãe de Pedro tinha mudado completamente de atitude em relação a ela desde que ficara grávida: era simpática e atenta às suas necessidades, e elogiava bastante o facto de ter deixado de trabalhar por causa da gravidez.

— Os filhos primeiro, Francisca! A família é o mais importante. É o que lhe disse sempre. Agora, já me dá razão.

Na verdade, era por pôr a família em primeiro lugar que Francisca fazia tudo aquilo. Andava irritada e deprimida, dizia a toda a gente que era da gravidez, mas sabia que era da mentira.

Numa das tardes em que foi passear ao parque, a barriga de grávida parecia-lhe ter ficado mal colocada e estava a magoá-la. Olhou à volta e, como estava sozinha, resolveu levantar a blusa e ajustar tudo.

— O que significa isto, Francisca?

Pedro estava junto ao banco do jardim e tinha passado despercebido. Nessa tarde, saiu mais cedo do hospital para fazer uma surpresa a Francisca, e acompanhá-la no passeio habitual de final de dia. Não percebia o que estava a ver. Estava absolutamente perplexo, com a sua mente médica geralmente veloz a paralisar perante o facto de a sua mulher grávida ter uma barriga falsa.

— Pedro, eu... posso explicar — disse Francisca, a medo.

— Podes? Vamos lá ouvir essa explicação. Diz-me que a tua gravidez não é falsa. Que essa barriga não é falsa. Que os enjooos matinais e os desmaios não são falsos! Diz-me que estou simplesmente a ter um pesadelo! Por favor, diz-me!

— É tudo falso, sim! Eu não posso ter filhos! E, tu e a tua família idiota só se importam com isso!

— Então o que é que achavas que ia acontecer, que me ias enganar até ao fim? E depois, dizias que o bebé tinha morrido? Estás louca, Francisca? — disse Pedro muito alterado.

O tom de voz deles chamou a atenção de quem passava no parque. Nessa altura, Pedro reconheceu a rapariga que passava junto a eles: a bonita e doce Aurora. Ela, que o tinha deixado à espera, horas a fio, naquele dia em que ele tinha decidido assumir a relação dos dois perante todos. Aurora, a sua primeira paixão, que fazia o seu coração bater descontrolado. Por instantes, só a viu a ela, depois reparou na barriga volumosa e teve um choque de realidade. Ela tinha-o abandonado, ele era casado com Francisca. Ela esperava um filho, ele tinha acabado de descobrir que a gravidez da mulher era uma farsa. Estava tudo errado.

— Pedro, tens de me ouvir! — gritou Francisca. — Nós vamos ter um filho, garanto-te! Há uma maneira! Há uma parteira que arranja bebés a casais que não podem ter filhos. Ela vai arranjar-me um bebé! O nosso bebé! Só temos de continuar a fingir e ninguém vai desconfiar...

— Enlouqueceste, só pode. Acho melhor ires passar uns tempos na Quinta Souto, eu não te quero ver tão cedo — disse Pedro, virando costas a Francisca.

Camila

Era bonita, aquela recém-nascida. Pouco cabelo, olhos acinzentados, muito vivos. Dedos sapudos e uma boca delineada a pincel. Levou-a imediatamente para a sala dos fundos e, depois de a limpar e vestir, pegou num biberão com algum leite.

A pequena recusou, estava a expelir bocadinhos de líquido amniótico e parecida enjoada. Ao fim de alguns instantes, adormeceu — o parto é cansativo para a mãe, mas também para o bebé. Melhor assim, não podia arriscar que a ouvissem chorar. Já tinha feito a chamada e ela deveria chegar a qualquer instante. Tinha calculado a dose de calmante para dar tempo de tratar de tudo.

Apontou no caderno de capa preta o dia e hora a que a bebé nasceu, escreveu o nome dos pais e o nome de quem a vinha buscar. Tinha tudo registado, porque estava cada vez mais esquecida. O vinho dava-lhe consolo, mas parecia querer roubar-lhe também as novas recordações quando ela só queria apagar as antigas. Por vezes, Cristina precisava daquela informação, não sabia bem para que fim, mas, desta forma, sabia sempre dizer-lhe o que era necessário.

Ouviu gritos na sala ao lado. Pelos vistos, os seus cálculos saíram errados — ou aquele marido idiota não lhe tinha dado a beber todo o líquido. «Incompetentes, os homens», pensou.

Entrou no quarto e explicou-lhes que infelizmente o bebé morrerá no parto — e pediu ao marido para a fazer beber todo o líquido. Ela dormiria algumas horas e, quando acordasse, ele que a levasse para casa. Precisava de tempo, o seu contacto devia estar a chegar.

Alguns minutos depois, ouviu o ressoar de saltos altos nas escadas e um leve bater na porta. Foi ao quarto dos fundos buscar o pequeno embrulho e dirigiu-se para a porta.

Era realmente bonita, a bebé. E aquela mãe não estava nada preparada para

a separação, ao contrário da maioria que ali acorria em busca de dinheiro. Mas se o pai tinha organizado tudo, o que é que ela ia fazer? Estava simplesmente a cumprir o seu papel. Era uma simples parteira. Ela ajudava bebés a nascer, era isso que fazia. O futuro dos bebés só a Deus pertencia, tinha ela aprendido ao longo dos últimos anos. Deu um gole na sua garrafa de vinho, o que lhe dava sempre algum consolo imediato.

Abriu a porta. Uma figura acabada de sair de uma revista francesa estava à sua frente.

— Sou a Francisca — disse ela, olhando imediatamente para o pequeno embrulho que Camila segurava.

Entregou-lhe a bebé, recebeu o envelope e fechou a porta, sem mais palavras. Agora ia beber mais um pouco. E, se tivesse sorte, conseguiria sonhar com aqueles dias em África, quando estava com Manuel e grávida dos seus filhos, feliz e sem preocupações.

Já há muito tempo que Camila tinha sentido que tinha atravessado uma espécie de linha que separa o certo do errado.

Nas primeiras vezes que fez «aquilo» para Cristina, quis acreditar que era a maneira de voltar simplesmente a fazer o que gostava, depois daquele julgamento injusto. Além disso, estava também a ajudar as várias partes envolvidas. Se um casal não queria o filho e outro queria, qual era o problema? Ela ajudava os bebés a nascer em segurança e depois só tinha de os entregar aos pais certos, aqueles que os desejavam muito e que certamente iriam cuidar bem deles. Mas depois começaram a aparecer casos menos claros, com jovens grávidas que eram obrigadas pelos pais ou pelos maridos a vender os filhos. Depois da primeira situação, disse a Cristina que queria sair daquilo, aquelas mães não queriam ficar sem os seus filhos, como é que as convencia a abrir mão deles? Era uma dor tremenda!

— É muito simples: na altura do nascimento, fazes com que bebam um tranquilizante para caírem no sono e, quando acordarem, terás de dar uma má notícia: dizes que o bebé morreu no parto. Toda a gente conhece histórias de bebés que tragicamente morreram no momento do nascimento por alguma razão, tantas vezes isso acontece, não é? Se quiseres que seja mais fácil para as mães, diz-lhes que o bebé tinha problemas, malformações graves e por isso morreu. Nem é preciso mostrar o corpo, porque a história de ser malformado assusta as pessoas. Assunto resolvido e todos seguem a sua vida.

Camila lembrou-se do seu parto e das mortes prematuras dos seus bebés. Ela própria sentia aquela dor de perder um filho que nunca passa. Começou a

sentir-se incomodada.

— O que é que tens? Não me digas que queres voltar a ficar sem nada? Achas mesmo que te aceitam de volta no hospital ao fim dos três anos? Nem pensar. Esta é a tua melhor oportunidade e também vai dar-te bom dinheiro. Vá lá, temos estado a trabalhar tão bem, não fiques com problemas de consciência agora, nós somos os bons!

Nessa noite, Camila voltou a abrir uma garrafa de vinho e bebeu-a quase de seguida. Já tinha deixado a bebida há meses, mas achava que não conseguia continuar sem se esquecer do que andava a fazer.

Margarida

Margarida estava transtornada. Só caiu em si quando Ana saiu e a deixou sozinha com aquele problema. Pela primeira vez, em muitas semanas, parecia ter uma preocupação maior que a leucemia.

Já tinha pensado e repensado o assunto da hereditariedade do sangue. Consultou livros e a Internet, porque podia estar enganada em relação ao que se lembrava de ter aprendido na faculdade e não encontrava nenhuma potencial mutação que explicasse como é que dois indivíduos O Rh+ podiam ter uma filha AB Rh+.

A única explicação era a mais óbvia: ela não era filha dos pais. Mas como é que era possível? Havia fotos dela em bebé e da mãe grávida. Teria havido uma troca na maternidade? Não, também não podia ser isso, toda a gente lhe fazia questão de dizer que a sua mãe tinha tido a menina Margarida sozinha na quinta da família, onde passou os últimos meses de gravidez para estar mais tranquila. Entrou em trabalho de parto inesperadamente e nem teve tempo de avisar ninguém para que a levassem para o hospital. Tinha ouvido as histórias que Francisca tinha sido muito forte no parto, por ter passado por tudo sem ajuda e acerca dela ter sido «difícil de criar» em recém-nascida, porque a mãe não tinha leite suficiente.

Não, nada fazia sentido. Tinha mesmo de falar com os pais, não valia a pena adiar. Eles conseguiriam dar-lhe uma explicação lógica, certamente. Ou não, mas logo pensaria nessa hipótese depois.



— Olá, minha querida, como está? Recebi a sua mensagem e vim assim que possível. Há alguma novidade? Tanto quanto sei ainda não encontraram ninguém compatível, mas acredito que esteja para breve. Lá de casa, já todos vieram oferecer-se como dadores, desde a Aurora, aos jardineiros e motoristas.

A cozinheira trouxe as filhas e as empregadas do meu consultório têm feito uma verdadeira campanha para apelar à mobilização de todos neste sentido. A sua amiga Teresa tem espalhado a palavra nas redes sociais — disse Francisca, entrando no quarto, depois de ter colocado máscara, batas, luvas e ter desinfetado bem as mãos.

— Olá, mãe. Não, parece que não há novidade nenhuma a esse nível. Mas há algo que precisava de falar consigo e com o pai, acha que ele ainda demora?

— Bom, penso que está numa reunião de serviço, já sabe que pode demorar uma hora ou toda a tarde...

— Hum, então, vamos esperar um bocadinho, queria mesmo que estivessem os dois presentes. Podemos aproveitar para conversar as duas, há tempo que não o fazemos — disse Margarida, pensando que talvez conseguisse, de forma indireta, perceber se havia algo que a mãe lhe estivesse a esconder que pudesse explicar aquele mistério.

— É verdade. A Margarida agora tem a sua vida, o seu trabalho, o seu namorado. Se não fosse esta paragem obrigatória pelos motivos que sabemos nem me contava que tinha um namorado. E é dos madrugadores!

— Namorado? — Margarida corou, como quando era pequena. — Se se refere ao Dr. Miguel é um bom amigo, mais nada. Sabe que ele trabalha aqui no hospital, é neurocirurgião, um excelente profissional. Ele mudou-se para cá recentemente, penso que teve qualquer complicação familiar que o fez mudar de cidade, mas sinceramente ainda não aprofundámos muito o assunto. E a mãe, também mudou de hospital depois de eu nascer, não foi? — perguntou ela, tentando mudar o assunto.

— Bem, sim, foi nessa altura que mudei de hospital, mas foi porque queria muito participar nos primeiros transplantes hepáticos que se fizeram em Portugal. Era um dos meus sonhos, desde que eu e o seu pai andávamos na faculdade, e tive a sorte de o conseguir. Nos dias que correm já é uma cirurgia bastante comum, mas, na altura, era algo extraordinário. Sabe que eu sempre lhe disse que devemos lutar pelos nossos sonhos, não foi? Sempre foi esse o meu princípio de vida. Seguir em frente, rumo aos sonhos.

Uma enfermeira entrou subitamente no quarto, seguida pelo Oncologista.

— Peço desculpa interromper, mas tenho boas notícias. Encontrámos um dador 100 % compatível. Vamos começar a preparar tudo para o transplante.

Margarida ficou muito contente com a notícia, mas depois o nervosismo apoderou-se dela. Não ia conseguir avançar para aquele passo tão importante do tratamento se não esclarecesse tudo. Por isso, pediu à equipa que a ia preparar um tempo. Precisava de resolver algo. Tinha de ficar a sós com a mãe.

— O que se passa Margarida? Temos de avançar com o processo, o que se passa agora?

— Mãe, temos de esclarecer uma coisa. Com a questão dos dadores, eu vi os vossos resultados. E os vossos tipos de sangue, e é cientificamente impossível eu ser vossa filha. Quer explicar-me isso?

Aurora

Acordou na sua cama, com a sensação de ter ouvido o seu bebé chorar. Só então se apercebeu da realidade — a felicidade de ir ter um filho tinha sido transformada num deserto árido de solidão, porque ele não tinha sobrevivido ao parto. Malformações graves, recordava-se de lhe terem dito. Sentia-se estranha e toda a situação lhe parecia irreal.

Levantou-se com cuidado. Estava com perdas de sangue como se estivesse nos dias da menstruação, mas sentia-se bem. Não tinha dores e as forças tinham voltado. Procurou por André, mas ele não estava. Quanto tempo tinha passado desde o nascimento do seu filho?

Olhou pela janela e pareceu-lhe que o dia já ia avançado. Ligou a televisão e confirmou a data — tinha dormido quase um dia. Talvez fosse aquele líquido que lhe deram, de sabor estranho. Nunca tinha dormido tanto.

Mas Aurora não queria descansar. Estava inquieta. Precisava de ver o seu bebé, queria abraçá-lo e despedir-se dele, mesmo que dissessem que era um monstro, era o seu filho.

Como não sabia de André, resolveu sair de casa depois de tomar um banho, mudar de roupa e comer rapidamente alguma coisa, e foi andando pela rua, até conseguir encontrar um táxi. Conhecia a zona da casa da parteira, se o motorista a deixasse lá perto, estava confiante de que conseguiria chegar lá.

Percorreu uma série de ruas estreitas a pé. Começou a sentir-se mais cansada e notou que os seios estavam mais quentes e duros. Achava que como o bebé tinha morrido, não teria leite, mas aquela sensação de calor e picadas mostravam-lhe que estava errada. Finalmente, identificou a porta verde. Era ali, tinha a certeza.

Subiu as escadas e bateu à porta. Parecia não estar ninguém, mas decidiu bater com mais força. Ouviu-se um clique. Era a parteira, mas parecia transtornada. Vestia a mesma roupa da véspera. Cheirava a vinho e tinha dificuldades em manter os olhos abertos.

— Estamos fechados — disse ela rapidamente, fazendo menção de fechar a

porta.

— Espere! Preciso falar consigo — disse Aurora, não a deixando fechar a porta e entrando no apartamento atrás dela.

Camila pareceu ignorar a sua presença. Sentou-se numa velha poltrona, pegou numa garrafa de vinho meio cheia que estava pousada numa mesinha de apoio e deu um gole. Pareceu ter ficado adormecida.

— Por favor, senhora parteira, venho ter consigo porque preciso de ver o meu filho. Eu sei que morreu, mas quero despedir-me dele. Não me pode negar isso, pois não?

— Não sei do... teu bebé — disse ela com a voz embargada, antes de voltar a cair num sono pesado.

Aurora tentou despertá-la, mas mesmo com fortes abanões, não foi bem-sucedida. Reconhecia aquele estado da sua experiência com André, a bebida acabava muitas vezes com um apagar total que nunca se sabia quanto tempo durava. Resolveu procurar algum indício no apartamento, talvez o seu bebé ainda ali estivesse.

Encontrou o quarto onde tinha acontecido o parto, os lençóis ainda estavam manchados de sangue e havia um cheiro doce no ar. A divisão ao fundo do corredor tinha a porta fechada. Decidiu abri-la e explorar. Descobriu um pequeno berço, com lençóis lavados e um biberão com resíduos de leite. O seu coração começou a acelerar, pois se o seu bebé tinha morrido, para que precisava a parteira daquilo? Talvez fosse de outro bebé.

Num pequeno móvel ao lado do berço estava um caderno de capa preta. Abriu-o e folheou-o. Estava repleto de nomes numa espécie de tabela. Na última entrada do dia anterior, estava escrito «Aurora e André» em «Pais» e depois estava registado a hora de nascimento «12:35 h», «menina», o peso «3240 g» e o índice de Apgar «10/10» que não fazia ideia o que era. Na coluna final que dizia «Cliente» podia ler-se «Dra. Francisca Souto» e, por baixo, uma quantia exorbitante. No final, a parteira tinha registado: «Bebé entregue às 15:35 h».

— Meu Deus!

Aurora sentiu as lágrimas a quererem brotar, mas decidiu que não ia perder tempo. Ali estava a prova que o seu bebé — a sua menina! — estava vivo. Por alguma estranha razão, que suspeitava envolver André, acabara por ser levada por uma Souto. Seria a mulher de Pedro? Mas ela não estava grávida também?

Sentiu que estava a ser invadida por um turbilhão de emoções. Tinha de voltar para casa e falar com André, tinham de encontrar a filha o mais rápido possível e resolver toda aquela alhada.

Saiu do apartamento sem fazer barulho e deixou a parteira exatamente onde se encontrava. Levou consigo o livro de capa preta.

Ao chegar a casa, André já lá estava. Aurora começou a falar muito rápido sobre a sobrevivência do filho de ambos e de este ter sido entregue a uma mulher. André tinha um sorriso trocista.

— E então? — disse ele. — Achas que me importa essa conversa toda? Olha, a massa que conseguimos à conta desse negócio vai dar para pagar as dívidas e para me meter numas coisas novas.

Era mesmo verdade. André era o responsável por todo aquele pesadelo. Ela tinha esperança de estar enganada, queria acreditar que ele era uma pessoa boa e que seria incapaz de vender um filho. Mas ele acabara de lhe confirmar exatamente o contrário. Agora, era com ela.

— Se pensas que isto vai ficar assim, estás muito enganado! Vou mesmo agora à polícia e vou recuperar a nossa filha! Sim, é uma menina!

Fez menção de se dirigir à porta, mas sentiu uma pancada forte na cabeça e quando caiu no chão, as mãos de André apertaram-lhe os braços com muita força.

— Não te atrevas a fazer isso! Ou vai-te acontecer algo muito pior que isto. Pensas que sabes muito, mas não sabes nada. E sou eu que mando!

André não saiu de casa até ter a certeza de que Aurora tinha compreendido a mensagem. Esteve dois dias sem desaparecer para os seus «negócios» e, durante esse período, nenhum dos dois trocou uma palavra. Ficou a dormir na sala, no sofá, que colocou junto à porta da rua para se assegurar que ela não decidia fugir a meio da noite.

Aurora passou o tempo fechada no quarto, a pensar numa solução para tudo aquilo. Quando se sentiu mais recuperada e com forças, abriu a porta e informou André que tinha de voltar ao trabalho, porque a dona Glória precisava dela. Era uma pequena mentira no meio de tudo aquilo, a dona Glória já se tinha mudado para a casa do filho há algumas semanas, mas André não o sabia. Prometeu-lhe que não ia à polícia e que diria a todos que o bebé morrera no parto. Ele tinha de confiar nela, afinal eram casados e o trabalho dela ajudava no sustento.

No dia seguinte, conseguiu finalmente sair de casa com o consentimento do marido após várias ameaças de violência física, caso ela fizesse alguma coisa estúpida. Seguiu rapidamente para o bairro da dona Glória, mas não foi para a casa dela que se dirigiu. Procurou a casa dos Souto e tocou à campainha.

A mesma empregada que a recebeu algumas semanas antes veio abrir a porta.

— Bom dia, menina, o que deseja?

Nesse momento, ouviu-se, vindo do interior da casa, um choro intenso e prolongado que parecia ser de um bebé recém-nascido. Notava-se que estava incomodado, porque o choro não acalmava, ficava cada vez mais intenso.

— Já a estou a reconhecer! Peço desculpa, menina, não soube de ninguém a precisar de empregada. A menina já teve o seu bebé? Correu tudo bem?

— Hum, não, infelizmente ele tinha problemas e morreu no parto. Nem quero falar muito nisso, porque, sabe, é difícil — disse Aurora, baixando o olhar. — O choro que se ouve, é do bebé da Dra. Francisca, como me disse?

— Sim, estamos muito preocupados, a menina teve a bebé completamente sozinha lá na quinta da família e agora não tem leite nenhum, provavelmente do choque, e ninguém consegue alimentar a bebé. Ela recusa tudo, bebe algumas gotas de leite de vaca e depois já não conseguimos nada. Uma dor de cabeça! Já estão à procura de uma ama de leite. Bom, eu devia ir para dentro ajudar, esta casa está um rebuliço.

— Sabe, eu tenho bastante leite e não tenho o meu bebé. Se quiser falar com a sua senhora, estou sem trabalho e não me importava nada de ajudar. Talvez eu possa ser a ama de leite da bebé da Dra. Francisca.

Francisca

Depois de sete meses de espera, de mentiras e enganos, de barrigas falsas e de discussões com Pedro, tinha chegado o dia. Recebeu o telefonema pela manhã. O seu bebé ia nascer em breve. Tinha de se preparar para ser mãe.

Ficou subitamente ansiosa, mas imaginou que isso faria parte da experiência da maternidade. Afinal de contas, nunca ninguém sabe como vai correr o seu papel enquanto mãe. Decidiu que tinha de estar bem arranjada para quando o seu bebé a visse pela primeira vez. Escolheu um dos seus vestidos mais bonitos, arranjou o cabelo, maquilhou-se e calçou os saltos altos. Depois, quando voltasse, logo encenaria a «mãe com aspeto pós-parto». Agora, queria sentir-se confiante.

Resolveu a questão do dinheiro muito facilmente. A sua conta na Suíça continuava bem recheada e pagaria de bom grado qualquer valor para ter o seu bebé nos braços. A quantia pedida pela parteira era bastante alta, mas estava ao seu alcance, e não foi complicado deslocar-se ao banco alguns dias antes e levantar o montante que precisava.

Agora, anos depois de terem decidido ter um filho, após inúmeras frustrações e uma barreira gigantesca, a sua tarefa era simples: bastava pegar no carro e ir buscá-lo. Como estava sozinha na quinta, à exceção dos empregados — que eram da sua total confiança e tinham sido bem pagos para ficarem calados —, diria a toda a gente que tinha entrado subitamente em trabalho de parto e que não tinha conseguido chegar ao hospital — e o bebé teria nascido mesmo ali na quinta. Era um bom plano. Ninguém iria suspeitar.

Conduziu até aos subúrbios da cidade com alguma ansiedade. Quando estacionou, pensou que tipo de pais estariam dispostos a abdicar do seu filho a troco de dinheiro. Convenceu-se que não poderiam ser boas pessoas, visto que estavam dispostos a algo tão contranatura. Por isso, era ela que estava a fazer o correto. Aquele bebé iria ter uma boa vida consigo e com Pedro, sem lhe faltar nada e com todas as oportunidades disponíveis para ser o que quisesse na vida. E ela seria, finalmente, mãe.

Percorreu a calçada apressadamente, deixando o som dos seus saltos altos ecoar na rua quase deserta. A maquilhagem impecável e o cabelo e roupa irrepreensíveis não deixavam transparecer a sua ansiedade. Sentia claramente o seu coração a bombear o sangue, carregado de adrenalina, pelas suas veias e artérias, num ciclo interminável, enquanto se aproximava do velho prédio do fundo da rua. Respiração acelerada. Mãos a transpirar. A clássica reação do organismo humano a uma situação de *stress*, a que respondemos com um «lutar ou fugir». Pois bem, ela escolheria a primeira opção.

Tinha de encontrar a porta verde. A maioria das casas daquela zona estava abandonada, mas àquele prédio via-se frequentemente chegar gente. Madeira gasta, tinta a saltar. Uma porta dos fundos.

Assegurara-se de que àquela hora não haveria viva- alma. Ela tinha-lho garantido. Depois do telefonema daquela manhã, tudo ia ser diferente. Há tanto tempo que o esperava. Entrou e subiu ao terceiro piso, onde cheirava a éter. Bateu à porta, como combinado, e o som pareceu-lhe que fez eco no seu peito. Não tocou à campainha, como indicava o letreiro rabiscado à mão em letra de escola primária. As mãos transpiravam. Ignorava qual seria a reação dele, mas depois lidaria com isso. Agora, o que importava era aquele momento. Respirou fundo para tentar controlar o bater descompassado do coração.

Ela apareceu, com o seu cabelo pintalgado de cinzento e o rosto vincado com algumas rugas, na sua expressão impenetrável habitual. Trazia um embrulho nos braços, um cuidado que contrastava com o seu semblante. Foi então que a viu pela primeira vez: pestanas finas, testa enrugada, lábios desenhados a pincel. Dormia tranquilamente. Não, não iria hesitar. Era o necessário. O que era preciso fazer.

Estendeu-lhe o grosso envelope que transportava, pegou na recém-nascida e desceu as escadas suavemente, de volta ao dia perfumado de primavera.

«Bem-vinda, minha querida filha. Temos muito para fazer antes de te apresentar ao mundo.»

A bebé dormiu sossegadamente na viagem de regresso à quinta, na sua alcofa no banco de trás do carro. Francisca tinha dado instruções bem claras para prepararem o quarto dela com o berço, e estava tudo em ordem quando chegou. A parteira tinha-lhe dado um biberão já preparado, caso a bebé acordasse com fome, mas sugeriu-lhe arranjar uma ama de leite, porque nem sempre era fácil adaptar um recém-nascido a leite artificial ou tetinas. Não lhe pareceu que fosse necessário, mas logo veria.

Colocou a bebê no berço de madeira e mudou de roupa, para algo mais confortável. Estava na altura de contar a novidade.

Quando Francisca ligou a Pedro a avisar que já eram pais, este ficou sem reação. Já não falavam há meses. Ele não conseguira aceitar a mentira dela nem aquele plano maquiavélico para que eles tivessem um filho que deveria ser de outro casal e nunca mais lhe dirigiu palavra. Tornou-se subitamente uma pessoa diferente, mais fechado, menos sorridente. Ele não queria aquilo, a escolha daquele caminho não tinha sido sua. Como médico, sabia que existem várias opções para resolver um problema e uma delas passa por aceitar e deixar a natureza seguir o seu rumo. Porque não aproveitarem a vida os dois, concentrados nas suas carreiras?

Apesar de ter ficado chocado ao descobrir que a gravidez de Francisca era uma farsa, continuou a mentir aos pais, dizendo que ela precisava de tranquilidade e por isso estava na quinta da família, para que a gravidez corresse bem. Tinha a certeza de que estava perante uma das únicas situações na sua vida em que não sabia mesmo como agir.

Ao saber da notícia, Pedro guiou até à quinta, com uma espécie de friozinho na barriga. Aquilo significava que ia mesmo ser pai? Que Francisca tinha seguido com o seu plano e já não havia volta a dar? Teria ela tido coragem? Tinha de descobrir.

Quando chegou, Francisca estava deitada na cama do quarto principal. Na mesa de cabeceira, um chá de tília perfumava o ar. Duas empregadas acompanhavam-na para que nada faltasse. Havia um pequeno berço ao lado da cama, mas a bebê estava ao colo de Francisca, embrulhada numa manta cor-de-rosa. Quando a viu, o mundo pareceu ficar em suspenso: era tão bonita e tão pequenina.

— És pai, Pedro. O que achas da nossa pequenina?

— É linda. Simplesmente linda — disse Pedro, olhando para a pequena, que dormia nos braços de Francisca. Naquele instante, jurou que a iria proteger sempre. Mas, no seu íntimo, também sabia que nunca perdoaria Francisca por aquela mentira.

Agora, era altura de contar a novidade ao resto da família: a filha deles tinha nascido.

Camila

Não fazia ideia há quanto tempo estava a dormir, mas acordou com uma enorme dor de cabeça. Levantou-se com dificuldade, parecia que o mundo à sua volta ia explodir a qualquer instante, tal era a dor que sentia. Precisava dos comprimidos, ia ficar muito melhor depois disso.

Dirigiu-se, cambaleante, até ao quarto dos fundos. Procurou no armário, onde tinha guardado uma série de medicamentos, os que diziam *Tramadol*. Aqueles comprimidos amarelos apagavam a dor e deixavam-lhe a alma meio embriagada, apesar de lhe provocarem uma ligeira náusea. Resolveu beber um pouco de água ao invés do habitual vinho. Depois, ligou a cafeteira, porque achou que o café também iria ajudar — nos longos turnos que fazia no hospital, era a cafeína que a salvava.

Após algum tempo, começou a sentir-se melhor e a pensar com mais clareza. Subitamente, recordou-se que alguém tinha vindo ali, a sua casa. Naquela manhã? Não sabia bem. Uma mulher de cabelo encaracolado, tinha a sensação de já a ter visto antes. Sim, era a mulher a quem tinha feito o parto no dia anterior, agora tinha a certeza. Recordava-se vagamente de ela ter feito algumas perguntas sobre o seu bebé. Como é que ela se chamava? Tinha apontado tudo no seu caderno, o nome também lá estava.

Voltou ao quarto dos fundos para verificar o nome e a quem tinha entregado o bebé, estava tudo muito confuso. Maldito vinho! Tinha de deixar de beber, estava a arruinar a sua memória. E onde é que tinha deixado o caderno?

Camila começou a ficar nervosa, não fazia ideia onde o tinha colocado. Abriu as gavetas do quarto, procurou nas prateleiras, mas nada. Com certeza estava algures e ela não se lembrava, era isso. Tinha de se acalmar.

Deixou-se cair novamente na poltrona. O que é que ela estava a fazer? Sim, ela adorava fazer partos, mas este negócio não era para ela. O momento do nascimento era um momento maravilhoso e devia ser comemorado pela mãe e pelo pai, com o seu bebé. O que se passava ali, pelas suas mãos, era um

engano. Um engano que uma vida inteira poderia não desfazer. Ela tinha enganado uma mãe, para lhe levar o seu bebé para um outro casal, a troco de dinheiro. Estava tudo errado.

Ainda se sentia um pouco tonta, da mistura do comprimido com os restos do álcool. Resolveu ir tomar um duche frio para melhorar mais depressa. Tinha de conseguir raciocinar com clareza para tomar uma decisão.

— Estou? Cristina? Temos de falar. Não contes mais comigo — disse ela, com um tom que não admitia discussões.

Camila explicou ao telefone que não podia continuar naquele negócio, mas não chegou a ter tempo de explicar porquê. Do outro lado da linha choveram ameaças e insultos, porque ela não podia sair assim de algo que dava tanto dinheiro, porque precisavam dela, porque sabia demais e havia muita gente importante envolvida. Falava muito depressa e Camila nem sabia como contra-argumentar. Bebeu um gole de café.

Decidiu ligar a televisão enquanto ouvia Cristina, sem a ouvir verdadeiramente. Não estava com paciência para argumentos e contra-argumentos. O ecrã da velha televisão mostrou imagens de África: Angola, com as suas paisagens maravilhosas, as florestas, as cascatas, as praias. Fechou os olhos. Imaginou-se novamente a mergulhar no lago junto à aldeia onde morou, de mão dada com Manuel. Sentiu o ar quente e o cheiro doce da terra. E soube.

— Cristina, podes ficar tranquila. Não vou falar a ninguém do teu negócio. Vou deixar de trabalhar contigo, porque vou voltar para África, tenho umas coisas para tratar por lá — mentiu ela.

Margarida

— Ouvi dizer que as tuas análises estão ótimas e que já podes ir para casa! Verdade? — disse Miguel, enquanto entrava no quarto de hospital onde estava Margarida, que olhava a janela que dava para o estacionamento do hospital.

— Verdade. Dizem que o transplante foi um sucesso. Sangue novinho em folha — disse ela, virando-se, com um sorriso.

— Que maravilha! Bom, já espero há muito tempo por algo que vou ter de fazer mesmo agora.

Miguel colocou-lhe as mãos no rosto e puxou-a suavemente para si para lhe dar um beijo. Um beijo entre máscaras, já que Miguel tinha a sua colocada e ela continuaria a ter de a usar pelo menos nos próximos três meses.

Ela correspondeu ao pseudobeijo e deixou-se levar na brincadeira, Miguel era a coisa boa que tinha acontecido na sua vida, no meio do caos dos últimos meses. Ficaram abraçados. Ele cheirava bem, mas, apesar de tudo, não a conseguia distrair completamente da revolução que tinha acontecido recentemente na sua vida.

Quando se afastaram, Margarida tinha um ar pensativo.

— Está tudo bem? Estás preocupada com alguma coisa? Já sabes que os primeiros três meses são os mais sensíveis, vamos ter de estar atentos a sinais de infeção. Tenho a certeza que vão passar a voar e, em menos de nada, estás sem essa máscara sensual, pronta para viajar comigo até às Maldivas — disse ele, piscando-lhe o olho.

— Dizem que tenho de ficar essencialmente por casa, nestes próximos tempos. Só depois terei autorização para me aproximar de uma enfermaria e de uma mesa operatória, e provavelmente sempre de máscara.

— Deixa lá, vais ver que no futuro ainda andaremos todos de máscaras, andam a prever uma disseminação de um vírus novo, algo do género da gripe espanhola, parece que é um acontecimento cíclico na história da humanidade. A máscara vai ser o novo acessório de moda, com certeza, e tu vais ter a honra de ser das primeiras a usá-la com a frequência que merece — continuou

Miguel em tom de brincadeira. — Mas acho que não é isso que te preocupa, ou é?

— Bem, antes do transplante tive uma conversa com a minha mãe algo surreal. Ainda estou a processar muito do que ela me disse. Preciso de tempo para gerir tudo isto. Ainda não me apetece falar sobre isso.

— Vamos lá levar-te para casa para encontrares a tua tranquilidade. Quando estiveres preparada, e se quiseres, logo me contas mais.

Voltar à mansão dos Souto foi bem diferente, desta vez. Sentiu-se uma espécie de intrusa. Na realidade, ela não era uma Souto, pelo menos não na perspetiva biológica. Não era mesmo filha de Pedro e de Francisca Souto.

Muitas vezes, ao longo da sua vida tinha-se sentido como uma estranha naquela família e agora percebia porquê. Quem era ela, afinal? Não sabia. Quem seriam os seus pais? Adolescentes que não se podiam permitir a ter filhos em tenra idade? Agricultores pobres que precisavam de dinheiro para se sustentar? Mas que género de gente seria capaz de vender um filho? Estes pensamentos angustiavam-na.

Estava no seu quarto, sentada na cama, quando bateram suavemente à porta. Era o pai e vinha com um ar comprometido. «Mais más notícias», pensou Margarida. Não lhe apetecida nada saber mais informações que revolucionassem novamente a sua vida.

— Podemos conversar? Sei que a mãe já lhe contou. E nós ainda não tivemos oportunidade de falar, quis que se concentrasse no tratamento — disse Pedro Souto.

— Claro, podemos sim — murmurou Margarida.

— O que esta situação da leucemia levou a que se descobrisse não muda nada nesta casa nem entre nós — é isso que eu quero que saiba, Margarida. Desde o primeiro instante que a vimos que foi sempre a nossa filha, a nossa menina. A mãe não percorreu o caminho mais correto, mas o que a motivou foi o amor por si. O amor por um filho. Foi muito duro para ela perceber que nunca poderia ter filhos, tão duro que ela nunca teve coragem de me contar até eu descobrir. E eu acabei cúmplice da mentira. Tem de nos perdoar por termos escondido isto, de si e de toda a gente. Provavelmente, devíamos ter corrigido isto e tratado de uma adoção oficial, mas... bom, era complicado. Só nós os dois sabíamos e acabámos por manter esta mentira todos estes anos. E não sei se agora seria a altura ideal para contar a alguém. A avó, por exemplo, acho que não aguentaria tal notícia...

Margarida imaginou a avó a ser confrontada com a dura verdade que

Francisca e Pedro tinham enganado toda a família. Não seria uma boa ideia, de facto, a saúde da avó Matilde era muito frágil e uma notícia daquelas não era fácil de digerir. Ia ser um escândalo para todos.

— Mas pai, há alguma informação acerca dos meus pais biológicos? Eu sei que vocês serão sempre os meus verdadeiros pais, mas gostava muito de saber mais sobre eles.

— Infelizmente, não sabemos nada. O que sabemos é que se tratava de um casal que não podia ter o encargo de um filho, acredito que se vissem obrigados a fazer o que fizeram para sobreviver. Pelo menos, foi isso que a parteira contou à sua mãe, quando ela a contactou. Depois do seu nascimento, a sua mãe foi buscá-la, mas não ficámos com mais nenhuma informação. Por isso, a única coisa que sabemos é essa morada da casa onde nasceu.

Aurora

A pequena Margarida já tinha quase dois anos e crescia forte e saudável. Tinha cabelo castanho muito claro, quase loiro e os olhos azuis, iguais aos de André, mas curiosamente também muito parecidos com os de Pedro Souto. Aurora ainda a amamentava, a maior parte das vezes às escondidas da Dra. Francisca, que dizia que ela já era crescida demais para aquilo. Aurora adorava dar-lhe de mamar: Margarida ficava a olhar embevecida para ela e mexia-lhe nos caracóis com a sua pequena mãozinha. Depois, abraçava-a docemente e muitas vezes adormecia ao seu colo.

Tinha começado a andar algum tempo depois de fazer um ano. Os primeiros passos seguiram-se ao facto de a pequena querer seguir a mãe Francisca, quando esta saía para o hospital. Aurora estava ao lado dela e rejubilou com a conquista. Margarida choramingou, porque não tinha sido rápida o suficiente para chegar a Francisca e acabou por procurar consolo no colo de Aurora.

Os dias eram passados a duas, mas quando o sol se punha e Francisca chegava a casa, Margarida aguardava ansiosamente pela história que todos os dias a mãe lhe contava.

Tinha sido a melhor decisão que tomou, aquela de se oferecer como ama de leite da bebé. Naquele dia, pediram-lhe de imediato para que tentasse alimentar a menina. Assim que a viu, o seu coração disse-lhe que estava ali a sua filha e a sua cabeça disse-lhe que não a iria perder novamente. A bebé ficou imediatamente calma no colo de Aurora e procurou instantaneamente a mama. Depois, bebeu sofregamente até ficar satisfeita e, por fim, adormeceu no seu colo. Mãe e filha reconheceram-se, no cheiro e no toque.

Francisca ficou maravilhada com o milagre que acabara de acontecer. Tantas pessoas diferentes que tentaram alimentar a bebé de diversas maneiras, e ali estava a solução.

— Como se chama? — perguntou ela.

— Aurora, senhora.

— Se puder ficar connosco, Aurora, vai ser a ama da minha bebé. Quero que fique a viver aqui nesta casa. Vai ter o seu quarto ao lado do da bebé e um salário digno. Sei que perdeu o seu próprio filho, acredito que esteja a viver um período doloroso, mas talvez a minha pequena Margarida possa ajudar a ultrapassar essa perda.

«Margarida, que nome bonito», pensou Aurora. Era perfeito para a bebé.

Na verdade, Aurora não estava certa acerca do que fazer. Se dissesse que a bebé era dela e a tentasse levar para casa, para perto de André, sabe-se lá o que lhes aconteceria. Possivelmente, seriam maltratadas, ele poderia tentar outra vez vender a menina ou até podia acontecer algo muito pior. Não iria arriscar.

Podia ser uma boa solução, ficar ali a viver, criar a sua filha. Haveria de arranjar oportunidade para que se soubesse que era sua, tudo a seu tempo. Por agora, aquela opção era a mais segura.

— Tenho muito gosto em ficar, senhora. Mas não tenho nada comigo, terei de ir a casa e falar com o meu marido. Sei que ele acabará por aceitar que eu fique, mas preciso de falar com ele.

— Não se preocupe, irei mandar o meu motorista buscar as suas roupas e ele informará o seu marido que agora tem trabalho connosco. O que lhe parece? Assim pode, desde já, ficar com a bebé.

Nessa altura, Pedro entrou na salinha onde estava Francisca, Aurora com a bebé ao colo, e a criada. Ficou momentaneamente confuso ao ver Aurora. Apercebeu-se então que a menina dormia tranquilamente e que parecia estar muito satisfeita.

— Pedro, quero que conheças Aurora, ela vai ser a ama de leite da nossa Margarida e vai passar a viver cá em casa. Vês só como a bebé ficou tranquila? Ela é perfeita. Infelizmente, a Aurora perdeu o seu filho, mas ainda tem bastante leite e pode alimentar a nossa bebé. E aceitou ficar connosco.

— Gosto em conhecê-la, menina Aurora — disse Pedro, com um ar muito sério.

«Menina Aurora?»

Então, seria assim agora.

Se Pedro não queria contar que se conheciam, Aurora também não contaria. Cumprimentou-o de volta, com um leve aceno de cabeça, e voltou as suas atenções para a bebé. Houve um tempo em que Pedro Souto ocupava grande parte dos seus pensamentos, mas o mundo, entretanto, mudou drasticamente e agora tinha ali, nos seus braços, a razão da sua vida: a sua filha.

No dia em que o motorista dos Souto, segundo as indicações da Dra. Francisca, foi a casa de Aurora, deu com a porta fechada e sem resposta. Alguns dias depois voltou lá e estava a polícia às portas do prédio. Foi informado que André tinha sido encontrado morto num bairro ali perto, parecia ter sido esfaqueado, possivelmente para lhe roubarem algo. Estavam a investigar, mas já era uma tragédia comentada em todo o bairro.

Aurora recebeu a notícia com alguma indiferença e até com algum alívio, mas fingiu-se triste, porque uma mulher chora sempre a morte do marido.

«Todos temos o que merecemos, pequena Margarida», pensou ela, olhando para a bebé, que agora dormia no berço ao lado da sua cama, para ser mais fácil de alimentar e para não incomodar os senhores. «O teu pai deixou-se ir por um caminho errado. Mas não te preocupes, vou estar sempre aqui por ti e ajudar-te a fazer as escolhas certas.»

Aurora esteve no funeral de André e aproveitou para cumprimentar a amiga Marta, que veio de propósito de França para prestar uma última homenagem ao irmão, mas não se demorou — nem lhe contou sobre os maus-tratos e a venda do bebé de ambos, achou que era demasiado duro para Marta lidar com toda aquela informação. Limitou-se a dizer que o filho morrera no parto e que os dois estavam a tentar superar da melhor maneira possível aquele momento, quando outra tragédia aconteceu a André.

Apesar de tudo, Marta achou que Aurora tinha saído fortalecida daquele conjunto de desgraças, mas mesmo assim ofereceu-se para ajudar no que pudesse. Ficou a saber que ela já tinha um novo trabalho e que acreditava que o futuro seria melhor.

Todos estavam maravilhados na casa Souto com a bebé. A mãe de Pedro tecia elogios a Francisca pela escolha que fez para ama de leite, a bebé crescia saudável, chorava pouco e sorria bastante. Era feliz, notava-se bem. Aurora também estava radiante, parecia ainda mais bonita do que antes da gravidez. A pele reluzente, os caracóis resplandeciam.

Pedro ficava frequentemente a olhar para ela, quando Aurora dava de mamar a Margarida, a maioria das vezes resguardado de olhares, junto à porta. Imaginava-se a beijar Aurora, a tocar-lhe na pele macia, a desabotoar-lhe o vestido. Recordava-se do que sentia quando a abraçava ou estava mais perto dela, dos seus lábios nos dela. Idealizava levá-la até ao quarto e fazer amor com ela, com tranquilidade, até ambos chegarem ao prazer. Seria tão bom como com Francisca ou melhor ainda? Tinha curiosidade e sentia muitas vezes uma enorme tentação, que o fazia querer arriscar, levar Aurora sorrateiramente

para o seu quarto quando ninguém estivesse a ver. Mas não podia. Nesses dias, passava-lhe muitas vezes pela cabeça que deveria ter sido mais forte e ter escolhido Aurora, independentemente da sua posição social. Agora, era tarde e ele era um homem de palavra. Estava com Francisca, jurara amá-la e protegê-la e era o que faria, independentemente das loucuras que ela era capaz. E, com o tempo, talvez ele fosse capaz de lhe perdoar a mentira, da qual ele agora era cúmplice.

Francisca

Finalmente, tudo corria bem: a sua bebé estava a crescer como esperado e era saudável, tinha ganho o respeito da mãe de Pedro e este último parecia estar finalmente a desistir da teimosia de estar aborrecido com ela pelo que fez. Como em Medicina, quando há decisões a tomar é preciso ter punho firme e não hesitar. Ela não hesitava e Pedro acabaria por compreender isso.

Francisca decidiu que estava na altura de voltar ao trabalho quando a bebé fez um mês, visto que 30 dias pareciam-lhe suficientes na simulação de um suposto pós-parto. Agora tinha Aurora para tomar conta de Margarida — e ela fazia um excelente trabalho —, enquanto ela podia dedicar-se à cirurgia. Aurora tratava da alimentação da bebé, das fraldas e do sono, e Francisca ficava só com as partes boas, a de a mimar e conversar com Margarida, deixando-lhe bastante tempo livre. Por isso, podia perfeitamente voltar a ser médica.

Sabia que havia uma equipa a preparar-se para um dos primeiros transplantes hepáticos em Lisboa e ela queria fazer parte desse momento decisivo. Sonhava com aquela cirurgia há anos e parecia quase irreal que agora já se fizesse em Portugal. Em Coimbra tinha sido um sucesso e agora seria a vez de Lisboa. Por isso, nos dias em que esteve em casa, reviu todos os atlas de anatomia e livros de cirurgia sobre transplantes de fígado e leu sobre a experiência americana naquela área. Ela estaria pronta na altura certa.

O regresso ao hospital foi muito bom. Estava com imensas saudades de vestir uma bata, ver pacientes, operar. Aqueles meses sem trabalhar e na angústia de simular uma gravidez tinham sido muito duros. Agora, tudo voltaria ao normal.

O diretor de serviço rapidamente se apercebeu que Francisca tinha voltado e que vinha empenhada em fazer a cirurgia geral avançar.

— Dra. Francisca, bem-vinda! Os colegas dizem que não perdeu o jeito por ter sido mãe. Quero ver se consegue pôr-se a par para fazer parte da equipa que estamos a preparar para o transplante hepático. O que lhe parece?

Francisca aceitou de imediato a integração — era exatamente o que queria e, por isso, tinha-se preparado ao pormenor — e deu o seu melhor para estar à altura. Passava os dias no hospital, mas quando chegava a casa fazia sempre questão de ir ver a filha, que, muitas das vezes, já dormia. Mesmo assim, pegava nela ao colo e contava-lhe uma história, mesmo que ela não a ouvisse. E depois falava-lhe baixinho sobre os casos clínicos interessantes que tinha.

A mãe de Pedro insistiu que se mantivessem a viver na mansão dos Souto, porque era maior que a casa de Francisca e assim toda a família ajudaria a cuidar da menina Margarida. Pedro não se opôs e Francisca também decidiu que podia ser bom para todos — afinal, ambos trabalhavam muitas horas e desta forma podiam estar mais tranquilos.

Pedro estava dedicado à cirurgia dos tumores gastrointestinais e era cada vez mais uma referência nessa área. Claro que, no dia em que Francisca participou no primeiro transplante hepático realizado em Lisboa, fez questão de estar na galeria a assistir. Nessa altura, recordou-se do caso que tiveram na faculdade, o do senhor que ingeriu acidentalmente cogumelos venenosos e teve uma insuficiência hepática aguda, acabando por falecer. Francisca tinha então percebido que o transplante hepático seria a única solução e prometera ser uma das primeiras no país a realizar essa complexa cirurgia. Agora, ali estava ela, a cumprir o que dissera anos antes.

Debaixo das luzes operatórias, Francisca sentia o seu coração bater de forma extremamente intensa, mas controlada. Respirou fundo. Ali estava outro dos instantes que sonhara para a sua vida. Ser mãe era um ponto muito importante, mas ser decisiva na saúde dos outros também o era.

Poder colocar um fígado perfeitamente funcionante em alguém que depende dele para sobreviver era extraordinário. Quem sabe, no futuro, fosse possível criar fígados em laboratório ou outros órgãos necessários para não terem de esperar alguém entrar em morte cerebral para permitir transplantes. Adorava Medicina pelas imensas possibilidades que se abriam todos os dias.

A equipa tinha tudo treinado ao pormenor e a cirurgia foi um sucesso. Foram notícia em todos os jornais no dia seguinte. Tinha conseguido. Tudo o que tinha planeado para a sua vida estava a acontecer, devido aos seus esforços.

Nessa noite, quando Francisca chegou a casa, Pedro tinha preparado um jantar especial de comemoração com a família. Recebeu-a com um dos seus raros sorrisos por aqueles dias.

— Fizeste história. Estás de parabéns e mereces que comemoremos. Vamos jantar? — disse ele, enquanto lhe dava a mão e um leve beijo nos lábios. — Pedi para fazerem o teu prato preferido. E sericaia para sobremesa, a tua favorita desde Portalegre.

Francisca estava resplandecente. Pedro estava a dar-lhe tréguas e naquele momento sentiu que tudo ia resultar como tinha previsto.

— Agradeço muito este jantar especial. Preciso só de ir ver a Margarida, quero-lhe contar todos os passos da cirurgia. Eu sei que ainda é só uma bebé, mas quem sabe se não será também será cirurgiã no futuro? — disse ela, com um sorriso.

Camila

Já estava a anoitecer, quando aterrou em Angola. Tinha dormido toda a viagem. Quando despertou com o embate das rodas na pista, sentia-se revitalizada e com uma tranquilidade imensa, que já não se recordava de sentir há anos.

Ao sair do avião, um bafo quente invadiu-lhe as narinas e os pulmões. Respirou fundo. Cheirava a África e ela adorava aquele cheiro.

Tinha deixado a bebida e os comprimidos há mais de um mês. Foi o tempo que precisou para tratar de tudo para viajar, incluindo o visto. Tinha dinheiro mais que suficiente para recomeçar em África, para se perdoar a si própria e para encontrar o seu lugar no mundo. Era a escolha certa a fazer.

Decidiu passar a noite em Luanda, num dos hotéis da cidade e, na manhã seguinte, procurou um transporte para a aldeia onde tinha vivido com Manuel. Um autocarro apinhado passaria por lá e, por isso, comprou um bilhete, pegou na sua parca mala e embarcou. Ainda ponderou a hipótese de se oferecer para trabalhar no hospital da cidade, mas sentiu que precisava de voltar ao local onde os seus bebés estavam enterrados. Depois, logo veria o que fazer para sobreviver.

Pelo caminho, ia observando tudo e recordando. As estradas de terra batida, os embondeiros. As mulheres com bebés pequenos às costas, carregando grandes volumes na cabeça, de pés descalços. As casas coloridas de todos os tamanhos e feitios.

O autocarro parou numa das extremidades da aldeia. Camila apeou-se e dali dirigiu-se de imediato ao cemitério, antes sequer de pensar no que iria fazer. Casa, trabalho, alimento, eram agora pormenores. Procurou os dois pequenos montes de terra, com uma grande cruz entre os dois, e ajoelhou-se ali.

Fechou os olhos e imaginou os seus filhos. Se tivessem sobrevivido, agora seriam dois adolescentes quase adultos. Teriam olhos verdes, como os dela, ou castanhos como os de Manuel? De certeza que se tornariam belos rapazes,

tinha sido uma injustiça enorme terem nascido antes de tempo e terminado assim, prematuramente, a sua vida. Se tivessem nascido nesta época, num hospital de Portugal, poderiam ter certamente sobrevivido, havia cada vez mais prematuros a vingar. Mas a vida tinha-lhes reservado um destino cruel.

Ao abrir os olhos, reparou que as campas tinham pequenos seixos rolados brancos a toda a volta, e algumas flores secas em cada um dos pequenos montes. Alguém devia vir ali regularmente, provavelmente a sua amiga Maria, que devia ter ficado muito preocupada com o seu desaparecimento súbito naquela noite, há anos. Camila nunca enviara notícias a ninguém da aldeia acerca do seu paradeiro ou destino, por isso talvez fosse uma grande surpresa o seu regresso.

Não era muito religiosa, mas fez uma oração de olhos fechados e mãos junto ao peito, desejando que os seus filhos estivessem em paz num lugar melhor. E a pedir forças para ultrapassar os desafios da vida e algo que a orientasse na direção correta. E perdão, por tudo o que fizera de errado.

Quando se levantou e se virou para continuar o seu caminho, deu de caras com um vulto. O sol, que brilhava por trás dele, não lhe permitiu reconhecê-lo imediatamente. Teve de se afastar e mudar a sua posição para conseguir ver quem era.

— Camila? — disse ele, num tom de espanto.

Não queria acreditar. Não podia acreditar. Era Manuel, o seu Manuel, ali, à sua frente. Com mais rugas, com cabelos brancos, mas com os mesmos olhos doces.

Instintivamente, Camila abraçou-o. Aquele abraço de quem esperou toda a vida por este momento. Ele abraçou-a de volta e ficaram juntos muito tempo, sem conversas.

— Como é que é possível, Manuel? Disseram-me que tinhas morrido. Que todos os mineiros tinham morrido ou desaparecido.

— Meu Deus, Camila! Sonhei tantas vezes em ver-te outra vez, mas cada ano que passava me parecia mais improvável! E agora estás aqui, parece irreal. Sim, eu sei o que disseram. Estive algum tempo escondido no mato, depois do ataque. Demorei vários meses até conseguir voltar à nossa aldeia, mas tinha de voltar, por ti e pelo bebé. Quando consegui finalmente chegar e me contaram o que aconteceu, senti que devia ter morrido naquele ataque na mina. Tu desaparecida e os nossos bebés mortos! Gémeos! Quem iria imaginar? Foi muito duro. Ainda quis ir procurar-te, mas ninguém sabia nenhuma notícia tuas e eu não tinha dinheiro. Acabei por ficar a viver por aqui, arranjei trabalho numa outra mina. Não me podia ir embora. E se voltasses? Não há

ninguém como tu, Camila, és o amor da minha vida. Esperaria por ti mil anos. Tenho tanta pena de não ter conseguido salvar os nossos filhos! Venho aqui todas as semanas, converso com eles e conto-lhes coisas sobre ti. E tu, onde estiveste e como regressaste?

— Voltei para Portugal. Vivi na capital, trabalhei como parteira num grande hospital. Aprendi muita coisa e também fiz muita asneira. E senti que precisava de voltar. Os pormenores logo te conto depois, com o tempo.

Manuel ainda vivia na mesma casa e recebeu-a como se nunca se tivessem separado. Estava tudo quase igual: o mesmo sofá, a mesma cama, o mesmo espaço exíguo.

Na aldeia, quiseram saber quem era a recém-chegada. Muitas das mulheres que Camila tinha conhecido já tinham partido, a maior parte tinha regressado com os maridos a Portugal, incluindo Maria. Algumas lembravam-se dela, do parto difícil e do seu desaparecimento. Muitos ficaram desconfiados com a chegada de uma estranha, mas a maioria recebeu-a bem. Era um começo.

Camila percebeu que as coisas eram diferentes agora por ali. A guerra tinha passado, mas a fome não. Viviam com dificuldades, mas em comunidade iam tentando superar. Ela ia tentar dar o seu melhor para se integrar.



Em pouco tempo, Camila sentia-se em casa. Estava feliz com o amor tranquilo de Manuel e ajudava como podia na aldeia. Provavelmente, já era tarde para terem filhos, mas estarem juntos dava-lhes alento.

Numa das tardes, ao pôr do sol, ouviu bater à porta com muita insistência. Estava a preparar o jantar para os dois e correu a abrir.

— Camila, tens de vir, precisamos de ajuda. A Feiticeira Negra morreu e ninguém pode vir ajudar a Djamila com o seu bebé! Ela está com muitas dores. Podes vir já? Ouvi dizer que és parteira.

Camila olhou para Manuel, que lhe fez um leve sinal com a cabeça.

— Sim, sou parteira. Vamos lá!

Margarida

Apesar de não poder sair de casa por indicação médica, Margarida convenceu Ana a ir com ela à tal morada — a que o pai e a mãe lhe indicaram como sendo o local onde a foram buscar, a casa da parteira, onde ela tinha nascido. Talvez ali alguém lhe soubesse dar alguma informação.

Não tinha partilhado com ninguém a sua história, à exceção de Ana. Na verdade, tinha sido esta a descobrir as incongruências sanguíneas que levaram à conclusão de que Margarida não era filha biológica dos Souto, por isso merecia também perceber o que se passava.

Ana passou para a ir buscar quando Aurora estava a descansar e os pais tinham saído. Foi uma saída furtiva, porque Margarida ainda devia manter algum resguardo.

— Não vai haver problema nenhum, Ana, levo a máscara, vamos no teu carro, entramos e saímos com a informação que precisamos. E pronto, vai correr tudo bem!

Ana tinha ficado um pouco apreensiva ao início, mas acabou por concordar com o plano de Margarida para tentar esclarecer a questão da paternidade. Também tinha curiosidade para deslindar aquele mistério, aquela coisa de bebés vendidos deixava-a intrigada — «além de ser uma enorme ilegalidade», tinha ela pensado na altura. Não se atreveu a comentar este pormenor nem a contar a ninguém, pois imaginava a polícia a levar algemados os Souto, dois dos melhores cirurgiões do país, e nunca conseguiria viver com essa responsabilidade. Muito menos com o facto de deixar a vida de Margarida destroçada quando a história aparecesse na CMTV e nos programas da manhã, com os comentadores a esmiuçarem todos os pormenores sórdidos. Iria ajudar Margarida, esperava que conseguissem fazer tudo de forma discreta e de maneira que todos ficassem felizes. Não imaginava como, mas devia ser possível fazer algo.

Conduziram até a um bairro dos subúrbios no carro vermelho de Ana. Nuns prédios antigos, no fundo da rua indicada pelos pais de Margarida,

descobriram a tal porta verde. Margarida e Ana subiram ao andar indicado. Tocaram à campainha e bateram à porta insistentemente, mas ninguém respondeu.

Perante a persistência, a vizinha do lado veio ver o que se passava.

— Cruzes, a menina está doente? — disse ela, assim que viu Margarida de máscara.

— Já estou quase boa, obrigada, é só por precaução, que a gripe anda aí. Por acaso sabe-nos dizer onde está a senhora que mora nesta casa? — disse Margarida.

— A parteira Camila? Já se foi embora há muitos anos. Lembro-me de me ter falado que ia para África, mas nunca mais ouvi nada dela. Não sei se está viva ou morta. O que querem dela?

— Bom, queríamos só conversar, mas sendo assim... Hum... sabe de alguém que tenha o contacto dela ou algo do género? — insistiu Margarida.

— Não, nada. Ela não tinha filhos nem marido, pelo menos que eu tivesse conhecimento. Por vezes, apareciam por aqui algumas amigas, suponho, outras vezes mulheres grávidas ou casais. Ela fazia partos aqui numa determinada altura, sabia? Acho que eram mulheres que não queriam ir para o hospital. Ela era bastante boa parteira, pelo menos era o que toda a gente dizia. Lamento não vos poder ajudar mais — disse a senhora, fazendo menção de fechar a porta.

— Muito obrigada pela atenção e um bom dia — disse Margarida, com um tom algo desanimado.

Voltaram para o carro e Ana conduziu-a de volta para casa.

— Não fiques assim, Margarida. Se calhar é pelo melhor. Os teus pais são os que te criaram, tudo o resto... olha, é história. Agora tens de te concentrar na tua recuperação, está tudo a correr tão bem — disse Ana, estacionando o carro à porta dos Souto, depois de uma viagem silenciosa.

— Queres entrar e beber um chá? Apetecia-me ter companhia — convidou Margarida.

— Claro que sim.

Foi Aurora que abriu a porta. Não comentou o facto de Margarida ter saído, porque se apercebeu pela expressão dela que algo não estava bem.

— Podes fazer-nos um chá, Aurora? Aquele com gengibre, limão e mel?

— Claro, menina, e tenho uns maravilhosos biscoitos de canela para acompanhar. Podem sentar-se na sala que já vos levo.

Estiveram um pouco a conversar sobre os casos que estavam internados no serviço de Cirurgia, um dos quais estava a deixar Ana louca, porque não

cumpria nenhuma recomendação que lhe era dada — um senhor que tinha uma pancreatite e todos os dias pedia à mulher que lhe trouxesse feijoada, cozido à portuguesa ou fritos variados, quando devia estar a fazer uma dieta para tentar evitar uma cirurgia. Escondia a comida das enfermeiras e só há pouco tempo se tinham apercebido desta situação, depois de várias semanas intrigados sem perceber porque não melhorava! Margarida sorriu a imaginar a cena, apesar de não lhe ver a expressão facial completa por causa da máscara, Ana notou que os olhos brilharam.

— Vês, já estás mais bem-disposta. Já concluíste que mais vale as coisas ficarem como estão?

— Ana, tens de perceber que é bastante difícil esta situação. Descubro, no meio de uma leucemia, que não sou filha biológica dos meus pais e que a minha mãe fingiu por completo uma gravidez por não poder ter filhos, com o desconhecimento de toda a família e me comprou a um casal desconhecido, que aceitou livrar-se de mim. Não é propriamente um assunto que se possa esquecer em algumas horas e pronto. Acho que é normal que eu queira saber quem são os meus pais biológicos, não? Pelo menos, para perceber o que os levou a fazer isso de me venderem!

Nessa altura, Aurora tossiu levemente e entrou na sala com o chá e os bolinhos de canela. Sorriu e desejou-lhes bom apetite, deixando-as depois sozinhas.

— Bolas, achas que ouviu tudo? — perguntou Ana.

Era o dia do casamento de Teresa e, ao contrário do que era habitual, ela estava bastante nervosa. A casa de família onde decorria a receção dos convidados da noiva estava decorada com flores e no jardim eram servidos aperitivos e bebidas.

Margarida e Ana tinham chegado cedo a sua casa e estavam a ajudá-la a preparar-se para o grande dia. Na realidade, não ajudavam grande coisa, porque Teresa tinha contratado uma cabeleireira, uma maquilhadora e uma assessora de imagem para estar perfeita.

E estava. Teresa estava realmente linda, digna de um conto de fadas. O vestido assentava-lhe na perfeição e as joias escolhidas faziam-na brilhar, como pedia a ocasião. Também Ana e Margarida tinham tido direito ao serviço completo de maquilhagem e cabeleireiro e usavam os vestidos de damas de honor escolhidos por Teresa, após aprovação das duas. O quarto tinha sido convertido numa espécie de bastidores de um desfile de moda e o ar cheirava a alfazema. Um fotógrafo acompanhava cada passo de Teresa e registava todos os pormenores, enquanto as amigas insistiam em tirar *selfies* com a nervosa noiva.

Margarida estava finalmente livre da máscara. Já tinham passado os três meses mais críticos e as análises estavam normais. Tinha tido luz verde para se livrar daquele incomodativo acessório no dia a dia e para voltar ao internato — se bem que no hospital foi aconselhada a manter a máscara para ver os doentes, pelo menos, no primeiro ano pós-transplante. Os seus colegas estavam bastante confiantes que estava curada e não tinha tido nenhuma infeção oportunista até então.

Viu a sua imagem refletida no espelho: o cabelo tinha voltado a crescer e estava com um ar saudável. Claro que a maquilhagem profissional também ajudava, mas sentia-se bonita pela primeira vez em muito tempo. Usava um colar de brilhantes que Miguel lhe tinha oferecido há algumas semanas num jantar romântico, num restaurante à beira-mar. Ele fazia-a sentir-se bonita, definitivamente. Tinha estado sempre do seu lado naquela luta contra a inesperada leucemia e tinha provado que gostava mesmo dela. E Margarida também já não imaginava a sua vida sem ele. Acreditava que podiam ter uma

bonita história de amor, mas gostava de pensar que o melhor era viver com calma, um dia de cada vez.

Ainda tinha de recuperar os meses perdidos no internato de cirurgia, mas isso não importava. Estava muito feliz por ter a sua vida de volta. Também já se tinha mentalizado que nunca saberia dos seus pais biológicos e talvez fosse pelo melhor. Durante algum tempo ainda tentou perceber para onde teria ido a misteriosa parteira e chegou a considerar contratar um detetive, mas Ana acabou por a demover dessa «ideia tresloucada», como ela lhe chamou.

Ouviu-se bater à porta e uma voz de homem pediu autorização para entrar. Teresa ficou em pânico.

— Nem pensar, dá azar o noivo ver a noiva antes do casamento! Ninguém entra!

— Calma, Teresa, acho que reconheço esta voz. Dá-me um instante. Respira fundo, estás maravilhosa e vai correr tudo bem.

Margarida abriu a porta do quarto de Teresa. Era Miguel, muito elegante no seu fato *Armani*. Deu-lhe um beijo com cuidado, para não estragar a maquilhagem e deteve-o ali à porta. Homens não entravam, por ordem da noiva.

— Que linda estás, Margarida! Ainda não vi a noiva, mas acho que a vais envergonhar com a tua beleza — pegou-lhe na mão e deu-lhe um beijo suave nos dedos.

Margarida corou ligeiramente. Já sabia que Miguel adorava fazer-lhe elogios, mas deixava-a sempre sem jeito. Ele era o homem mais bem-disposto que conhecia e fazia-a sentir-se bem. E tinha feito questão de tornar oficial a relação entre os dois, convidando os pais de ambos para um jantar num dos restaurantes chiques da cidade. Ela achou que aquilo era superantiquado, apesar de romântico, e tentou demovê-lo, mas Miguel disse-lhe para estar tranquila que «ainda» não ia pedir a sua mão em casamento, simplesmente comunicar que estavam juntos a sério.

— Meninas, precisam de ajuda?

Francisca acabara de chegar. Estava também linda. Tinha mudado a cor do cabelo para um tom arruivado que lhe assentava muito bem e parecia até mais jovem. O sorriso franco também ajudava.

— Minha querida, está maravilhosa! Por favor, deixe-me entrar para ver a noiva, eu posso, não?

— Claro, mãe. Lamento, Dr. Miguel, mas terá de aguardar desse lado da porta. Pode-se entreter com os aperitivos que estão a ser servidos lá em baixo — disse Margarida, piscando o olho a Miguel, enquanto Francisca entrava.

Desde a tarde em que conversaram e na qual contou tudo a Margarida, Francisca sentiu-se muito mais leve. Aliviada. Finalmente, aquele segredo que carregara anos a fio tinha sido revelado. Talvez tivesse sido bom ela ter descoberto através das análises sanguíneas, ou nunca teria tido coragem para dar aquele passo. Não lhe chegou a contar a razão por que não podia ter filhos, esse era um segredo que ficaria só com ela até ao fim dos seus dias, mas acreditava que Margarida iria, eventualmente, compreender todos os acontecimentos que a trouxeram à família Souto.

Depois do choque inicial, Margarida até reagiu bastante bem — Francisca imaginara um cenário bastante pior perante a revelação daquela informação, mas Margarida ficou alguns dias sem querer falar com ninguém e depois, progressivamente, tudo voltou mais ou menos ao normal. Bem sabia que a situação da leucemia também lhe dava uma perspetiva diferente da vida, talvez o problema de saúde lhe tivesse permitido perdoar mais facilmente.

Soube que a filha foi tentar falar com a parteira, mas que não a tinha encontrado. O marido Pedro tinha acabado por lhe dar a morada para conseguirem encerrar aquele assunto, mas, felizmente, a identidade dos pais de Margarida permanecia uma incógnita. Ela também nunca tinha tido acesso a essa informação e ainda bem. Melhor assim. Agora, poderiam seguir as respetivas vidas, descansadas.



A cerimónia foi muito simples e bonita, tal como Teresa tinha planeado. Margarida não conseguiu conter as lágrimas ao ver a amiga entrar na igreja de braço dado com o seu pai, em direção ao noivo e imaginou-se com o pai Pedro.

Sim, Pedro e Francisca eram os seus pais, biológicos ou não, e eram eles que queria na sua vida. Estavam sentados atrás de si, também visivelmente emocionados. Pedro tinha o braço na cintura de Francisca e pareciam mais felizes os dois, nos últimos meses. Possivelmente, a revelação daquele segredo trouxe-lhes um alívio que Margarida nem imaginava.

Ao seu lado, Aurora apertou-lhe suavemente a mão, ao ver também Teresa, tão bonita, a caminhar em direção ao altar. Aurora tinha um vestido verde que Francisca lhe oferecera propositadamente para o casamento e que lhe assentava lindamente. Apesar de já ter alguns cabelos brancos, os seus caracóis

continuavam num tom dourado e caíam-lhe pelos ombros, apenas presos num simples gancho. Ela era também uma das convidadas obrigatórias naquele momento importante, porque, ao longo dos anos, viu crescer Teresa e Margarida e foi companhia e apoio frequente das duas.

Margarida sabia que também Aurora era uma pessoa imprescindível na sua vida. Estava rodeada das pessoas certas, e isso tinha de ser suficiente para ser feliz.

O copo-d'água decorreu numa bonita quinta a alguns quilómetros da cidade e não podia ter corrido melhor. Houve excelente comida, uma banda a tocar as músicas preferidas do casal, muitos brindes. Os discursos foram muitos, em particular, depois de uma boa dose de álcool ter sido servida, sendo, no geral, muito emotivos, porque Teresa era uma pessoa muito querida por todos. A parte melhor foi mesmo a música e Margarida descobriu que Miguel era um excelente dançarino e exigia ter companhia na pista de dança.

Quando já lhe doíam os pés por dançar de saltos altos, Margarida decidiu sair um pouco para o jardim, para descansar num dos bancos por debaixo das frondosas árvores, deixando Miguel a divertir-se com os amigos. Sentia-se muito melhor, mas não podia exagerar, a recuperação ia ser lenta.

Aurora apercebeu-se da saída de Margarida, seguiu-a e sentou-se ao seu lado.

— Que lindo casamento, não acha, menina?

— Sim, está mesmo tudo perfeito, como a Teresa imaginou. Estava com algum receio de esta banda ser um fiasco, mas são mesmo muito bons, como a Ana tinha dito. Vim só descansar um bocadinho os pés, mas não é preciso preocupares-te, sinto-me ótima.

— Sim, eu sei. Vê-se pela sua cara que está bem recuperada.

— E tu também estás linda, Aurora. Gosto tanto de ti, obrigada por estares sempre comigo em todos os momentos importantes — disse subitamente Margarida, abraçando-a.

Aurora não conseguiu conter as lágrimas com aquele abraço tão impulsivo. Estava na hora. Andava a adiar aquele momento há meses. Anos. Estava na altura de lhe contar.

— Menina Margarida, quero que saiba uma coisa. Acima de tudo, quero muito que me perdoe por não lhe ter contado mais cedo, mas não podia.

Margarida achou que adivinhava o que aí vinha.

— Ouviste tudo no outro dia, Aurora, não foi? Sabes que os meus pais não são mesmo meus pais. Não há problema, já estou tranquila com toda a

situação.

— Ouvi, menina, mas eu já sabia antes. Sabia desde o início.

— Desde o início? O que significa isso?

— Desde o dia em que vim para esta casa à procura da minha filha, que me foi tirada no parto, dias antes — disse Aurora, com voz trémula.

Margarida ficou perplexa. O que significava aquilo?

— Uma filha? Mas não tinhas tido um filho que morreu no parto? Não percebo.

Aurora contou-lhe tudo, ou quase.

Sobre o marido com problemas de álcool, de jogo e a violência doméstica. A gravidez muito desejada, pelo menos, por ela. As dívidas do marido, que o levaram a organizar um esquema, para vender o filho de ambos sem que Aurora tivesse conhecimento. A mentira do bebé com malformações que morrera no parto. O seu sexto sentido, de que algo estava errado, e a sua persistência, até saber para onde tinha ido a filha. E o facto de ter decidido ficar a cuidar da sua própria filha, como ama de leite e, posteriormente, empregada, porque não via outra saída possível. E depois a morte do marido, o que a fez querer contar a verdade. Mas nunca tinha tido coragem. Só ao ouvir a conversa de Margarida com Ana percebeu que estava a chegar a altura.

Margarida sentia as lágrimas rolarem descontroladamente. Como é que era possível? Afinal, a sua mãe era Aurora? Isso explicava o que ela sentia por Aurora e por que razão era tão diferente da sensação de abraçar Francisca. Voltou a abraçá-la e ficaram assim muito tempo.

— Os meus pais sabem disto, Aurora?

— Não, menina. Nunca lhes contei. Sempre me chegou estarmos juntas e vê-la crescer feliz.

— Não imagino quão difícil deve ter sido. Mas como foi possível descobrires? Como é que soubeste onde eu estava?

— Por isto.

Aurora abriu a carteira de brilhantes que tinha levado para o casamento e tirou lá de dentro um caderno preto de capa dura. Deu-o a Margarida e esta folheou-o.

— O que significa isto, Aurora?

— Era o caderno da parteira. Onde ela registava tudo: os dados do bebé, dos pais biológicos e de quem os veio buscar. Está tudo aí, nunca soube o que fazer com isso. Talvez a menina saiba.

Agradecimentos

Este é o meu primeiro romance e foi um prazer enorme escrevê-lo. A minha profissão inspirou-me em muitos aspetos a criar as personagens deste livro, mas, também, as muitas mulheres com que me cruzo diariamente e me impressionam com as suas histórias de vida. Obrigada!

Queria também deixar um agradecimento especial a todas as pessoas que acreditaram em mim neste desafio: à minha mãe Marília, por me incentivar sempre a seguir os meus sonhos, e por ter sido a primeira pessoa a ler *Enquanto a Lua Muda* e a ligar-me, entusiasmada, a partilhar o que sentiu ao conhecer as histórias das quatro mulheres do livro, e a sugerir melhorias; ao meu marido Ricardo, pelo incentivo constante; à minha filha Mariana, por partilhar o meu amor pelos livros; ao meu filho Pedro, pela paciência («Já estás a escrever outro livro, mãe?»); ao meu editor João Gonçalves e a toda a equipa da Cultura Editora, por apostarem em novos autores e pela concretização deste livro. Agradeço também por todas as noites de urgência calmas que tive e que me permitiram terminar este romance.

Finalmente, obrigada a todos o que escolheram ler *Enquanto a Lua Muda*, espero sinceramente que tenham gostado. Adorava trocar impressões sobre a história e saber as vossas opiniões. Podem contactar-me para o mail msofiaserrano@gmail.com e prometo que não ficarão sem resposta.